

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

MARIANE RANZANI CISCON-EVANGELISTA

**Estudantes de Pós-Graduação *Stricto Sensu*: um novo e
vultoso grupo social / profissional a ser conhecido**

VITÓRIA

2014

MARIANE RANZANI CISCON-EVANGELISTA

Estudantes de Pós-Graduação *Stricto Sensu*: um novo e vultoso grupo social / profissional a ser conhecido

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Psicologia, da Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientador:

Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro

UFES

Vitória, Outubro de 2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C579e Ciscon-Evangelista, Mariane Ranzani, 1981-
Estudantes de pós-graduação *Stricto Sensu* : um novo e
vultoso grupo social/profissional a ser conhecido / Mariane
Ranzani Ciscon-Evangelista. – 2014.
193 f.

Orientador: Paulo Rogério Meira Menandro.
Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Pós-graduação. 2. Orientação profissional. 3. Maternidade.
4. Paternidade. I. Menandro, Paulo Rogério Meira. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE TESE DE DOUTORADO EM PSICOLOGIA
DA ALUNA MARIANE RANZANI CISCON EVANGELISTA EM 27 DE
OUTUBRO DE 2014.

Aos vinte e sete dias do mês de outubro de dois mil e quatorze, às treze horas e cinquenta minutos, iniciou-se a sessão de defesa da Tese de Doutorado em Psicologia a que foi submetida a candidata **Mariane Ranzani Ciscon Evangelista**, com a tese intitulada "**Estudantes de Pós-Graduação *Stricto Sensu*: Um novo e vultoso Grupo Social/Profissional a ser conhecido**", orientada do Professor Doutor **Paulo Rogério Meira Menandro**. A Banca Examinadora foi constituída pelos professores doutores: Professor Doutor Paulo Rogério Meira Menandro (Orientador/UFES), Professora Doutora Mariana Bonomo (UFES), Professora Doutora Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho (UFF), Professor Doutor Adriano Roberto Afonso do Nascimento (UFMG), Professor Doutor Oswaldo Hajime Yamamoto (UFERN), sob a presidência do professor orientador. O presidente da sessão declarou abertos os trabalhos, anunciando que a candidata dispunha de trinta minutos para a exposição das ideias centrais da tese, cabendo a cada examinador igual tempo para a arguição, e da mesma forma, para a resposta da candidata. Seguiram-se as arguições de cada examinador, com as respostas de todas as questões por parte da candidata. Encerrados os debates às dezessete horas e quarenta minutos, a Banca Examinadora recolheu-se por dez minutos, a fim de deliberar sobre o resultado. Os membros da Banca reunidos decidiram pela aprovação da Tese da aluna **Mariane Ranzani Ciscon Evangelista**. Nada mais havendo a acrescentar, subscrevo esta ata que vai assinada pela presidente e pelos demais membros componentes da Banca Examinadora. Vitória, 27 de outubro de 2014. -----

Prof. Dr. **Paulo Rogério Meira Menandro** (Orientador/UFES)

Prof.ª. Dra. **Mariana Bonomo** (UFES)

Prof.ª. Dra. **Sabrina Mantuan dos Santos Coutinho** (UFF)

Prof. Dr. **Adriano Roberto Afonso do Nascimento** (UFMG)

Prof. Dr. **Oswaldo Hajime Yamamoto** (UFERN)

Aos meus filhos, Daniel e Elen, que nasceram com este trabalho, dividiram seus primeiros anos com ele, tornaram minha vida muito mais emocionante, e finalmente conseguiram a exclusividade das minhas noites e preocupações.

Agradecimentos

Um dos Estudos apresentados neste trabalho foi baseado na análise dos agradecimentos de outros doutorandos em suas Teses. Além da apropriação dos dados contidos naquelas linhas para a realização do artigo, posso dizer que me identifiquei com várias delas, pois compartilho dos mesmos sentimentos de desgaste e gratidão. Especialmente me sinto uma sobrevivente, fiz a escolha de embarcar neste universo e, graças a todas e todos os que serão (e os que não serão!) citados nas próximas páginas, posso dizer que encerrei uma importante etapa da minha vida.

Partindo daqueles textos, corroboro que um trabalho deste porte não é realizado por um indivíduo apenas. São necessários vários suportes, em todas as áreas da vida – de uma vida que pode mudar muito em quatro anos! – até que se chegue ao final, e se possa ouvir do (querido) orientador: “Eu acho que não ficamos devendo nada, acho que ficou bom!” E não se trata apenas de um querido orientador, mas de uma pessoa reconhecidamente competente e incrivelmente parceira! Neste momento, portanto, interrompo os agradecimentos para que entrem em cena alguns agradecimentos especiais.

Agradecimentos especiais – Orientador

Sabe aquelas pessoas inacreditáveis que você encontra pela vida? Eu tive o privilégio de ser orientada por uma delas!

Paulo, tenho profunda admiração e respeito por você, não apenas pela forma com que sempre fui tratada, mas por ver em você qualidades raras e sólidas. Desde que nos conhecemos, em 2007, fui tratada sempre com muito respeito. Mas não apenas o respeito cordial entre duas pessoas que precisam conviver. Você me escutou, se preocupou comigo enquanto aluna e enquanto pessoa, considerou discutir comigo como se estivéssemos em um mesmo patamar, quando obviamente você ultrapassou meus conhecimentos limitados antes mesmo que eu pensasse na Psicologia como possibilidade de Graduação. Todas as vezes que eu te incomodei, durante o Mestrado, durante todo esse tempo de Doutorado e, especialmente nas últimas semanas antes da finalização deste trabalho, você sempre foi muito gentil e se preocupou até mesmo se eu iria dormir o suficiente para estar bem no dia seguinte. Não, eu não dormi várias vezes, mas fico emocionada por saber que você se preocupava, mesmo enquanto eu sabia que você também avançava pelas madrugadas com os meus textos e inúmeros outros ao mesmo tempo. Sim, me espelho em você quando exerço muitas funções. E sim, “quando crescer” quero ser exatamente como você!

Além do respeito enquanto pesquisadora, pude contar com extrema compreensão quando, pouco antes do primeiro ano letivo, me tornei, além de doutoranda, uma gestante. Esta compreensão, sempre seguida por

orientações, motivação e bom humor, se repetiu por várias vezes durante estes anos, e serei sempre grata por isso. Quando decidi deixar Vitória e voltar para Maringá, quando novamente engravidei, quando passei em um concurso público e resolvi assumir, quando recebi o convite (irrecusável...) para lecionar em uma grande Instituição de Ensino Superior, quando, por alguns momentos, imaginei que não fosse conseguir terminar, em todas essas situações (as principais!), você se mostrou acolhedor.

Sou muito grata por todas essas grandes coisas, e também pelos detalhes, imperceptíveis a outros, mas que para mim foram tão significativos a ponto de serem inesquecíveis! Por tudo isso, e vários outros detalhes para os quais não tenho espaço aqui, te agradeço, você é parte importante da minha história e espero ter o privilégio de, daqui a alguns anos, (re)apresentá-lo a meus filhos, dizer que você os pegou no colo explicar o quanto você foi significativo para mim!

Agradecimentos especiais - Família

Querida família, minha vida é inconcebível sem vocês!

Paí e mãe, vocês sempre deram o melhor de vocês por nós. Por isso somos comprometidos, perseverantes, gostamos de justiça, percebemos os detalhes e as pessoas, e prosseguimos, sempre reconhecendo a importância do nosso passado na construção do nosso futuro. Minha gratidão e meu amor por vocês talvez não sejam cotidianamente expressos, mas existem e estão sempre presentes! Obrigada por todos os investimentos, todas as renúncias para que pudéssemos ir mais longe, todo amor direcionado a nós. Aprendi com vocês a ser paciente e a amar os meus filhos, e se hoje vocês podem ler essas linhas é porque durante toda a minha vida, e especialmente nos últimos anos, vocês têm sido suporte e vencido comigo os desafios diários sobre os quais a maioria das pessoas nem imagina! Obrigada por serem “vovai” e “vovãe”. Amo vocês!

Marido, você foi o primeiro a acreditar que eu poderia fazer isso; antes mesmo que eu acreditasse, você já sabia que eu poderia fazer. E eu fiz. Sem você não teria sido possível. Você me incentivou. Obrigada. Você não é qualquer pai para os nossos filhos, você exerce uma paternidade sobre a qual eu converso nas aulas de Psicologia. Você já trocou muitas fraldas, cozinhou várias refeições saudáveis e saborosas (para as crianças e para mim!), me ouviu quando eu estava muito cansada. Obrigada pela parceria, somos um, se eu termino este trabalho, você finaliza comigo e se alegra comigo. Espero que possamos ter muitas outras alegrias juntos.

Irmão e cunhada... Obrigada pelo apoio técnico e tecnológico, obrigada pela disposição e por estarem sempre presentes e, mesmo morando longe, sempre prontos a me socorrer com as tabelas e os dados do

excel! Que bom que vocês se alegram comigo hoje, porque eu também fico muito feliz e grata por cada oportunidade que vocês abraçam, por cada conquista de vocês!

Retomando...

Para não ocupar todo o espaço da Tese com os Agradecimentos, deixo registrado aqui todo o meu carinho e gratidão a todos e a todas as pessoas que passaram pela minha vida nestes mais de quatro anos, e a você, leitor, que teve a paciência de chegar até aqui, espero que o trabalho seja útil, interessante e pouco cansativo.

Agradeço a todos os amigos e professores de Vitória, especialmente da UFES e da Redepso (importante mencionar o Grupo de Estudos em Identidade Social). Vocês participaram ativamente de vários momentos significativos para mim! Obrigada por todo suporte técnico, todos os convites para sair e comer, por me hospedarem quando eu já não morava na cidade, por realizar as minhas matrículas todos os semestres, por organizarem um “chá de fraldas” e alguns aniversários! Minha família capixaba, cada um de vocês sabe o valor e a importância que têm para mim!

Obrigada, família extensa, amigos de Maringá e tantos outros espalhados pelo mundo afora. Obrigada, colegas da SASC e da Unicesumar por estarem presentes e facilitarem meu cotidiano! Especialmente às coordenadoras de CRAS e CREAS dos quais eu fui/sou parte e do curso de Psicologia. Obrigada, células, pelas intercessões e suporte, especialmente nos últimos meses que antecederam a defesa.

Obrigada, banca examinadora. Fiquei muito feliz por cada nome confirmado. Tive, com cada um de vocês, mais ou menos contato, alguns são amigos pessoais, outros por breve convivência conquistaram minha admiração e respeito. Agradeço por terem lido, pelas sugestões e inclusive pelas críticas. Por meio das críticas permaneço crescendo, e se porventura alguma tiver sido intensa demais, meu psicólogo, a quem eu também preciso agradecer, me ajuda a resolver!

Agradeço aos alunos dos cursos da UFES aos quais eu tive o privilégio, durante o Doutorado, de ensinar alguma coisa. Aos alunos da Unicesumar; vocês são meus desafios diários. Eu tento ser com vocês o que o Paulo foi comigo. Aos usuários da Política de Assistência Social de Maringá, que me fazem crescer enquanto profissional e enquanto indivíduo.

Obrigada, membros da banca examinadora. Me sinto à vontade ao ouvir e considerar as críticas que vocês tem a fazer, sabendo que, além de profissionais extremamente competentes, são pessoas as quais eu aprendi a admirar ao conviver ou após ver de pertinho.

Obrigada, participantes. Somos todos pós-graduandos, e espero que essa pesquisa, embasada nas representações compartilhadas por vocês, seja útil a vários outros estudantes e especialmente aos professores de Pós-Graduação.

Por último, mas mais importante, agradeço a Deus, que tem me fortalecido e me acolhido, e porque “suas misericórdias se renovam a cada manhã”, e experimento isso todos os dias. Sou prova viva de que quando buscamos a Deus em primeiro lugar, TODAS as outras coisas são acrescentadas!

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

(Arthur Schopenhauer)

RESUMO

Ciscon-Evangelista, M.R. (2014). Estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu*: um novo e vultoso grupo social/profissional a ser conhecido. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES.

Considerada um dos segmentos mais bem sucedidos da Educação no Brasil, a Pós-Graduação *stricto sensu* tem atraído o interesse de jovens pesquisadores, os quais vislumbram nesta modalidade de ensino a possibilidade de complementação de sua formação em momento de instabilidade profissional, assim como o início da construção de potencial carreira acadêmica. O pós-graduando dispense, para sua formação, de acréscimo mínimo de seis anos como estudante, permanecendo, desconsiderando-se as exceções, como dependente financeiro de pais e/ou companheiros(as). Este período de instabilidade financeira e profissional superior ao de seus pares da mesma faixa etária, implica em desconsiderar – temporária ou permanentemente – outras questões individuais, como envolvimento românticos mais estáveis e o planejamento envolvendo filhos. O objetivo geral do presente trabalho consistiu em identificar o pós-graduando como um grupo social que compartilha representações sociais, investigando suas relações com questões de gênero na construção da carreira acadêmica e nas escolhas relacionais, bem como suas relações com a maternidade e a paternidade, no processo de construção de família própria. Os estudos utilizaram diferentes instrumentos de coleta de dados, tomando como ponto de interesse principal o pós-graduando, este em suas relações, seus projetos para o futuro profissional e relacionados à constituição de família própria. Foi possível observar, por meio dos cinco estudos realizados, que os pós-graduandos são, em sua maioria, jovens, enquanto estudantes permanecem em condição de dependência financeira e instabilidade profissional, situação que inviabiliza relacionamentos românticos mais estáveis, bem como se torna um fator de preocupação no que concerne aos planos relacionados a ter filhos, para aqueles que ainda não exercem a parentalidade, bem como o sentimento de culpa, para aqueles que precisam se dividir entre as demandas dos Programas e às dos filhos. Foi possível identificar, ainda, representações sociais tradicionais no que se refere a gênero, maternidade e paternidade, ainda que os discursos acadêmico e saberes populares se misturem e se apresentem mascarados por posicionamentos igualitários. A impossibilidade, ou maior dificuldade, em exercer a parentalidade concomitantemente à Pós-Graduação é fator de angústias para alguns, enquanto para outros reforça a decisão por outras procuras de satisfação. Os pós-graduandos se deparam, ainda, nos Programas de Pós-Graduação, com exigências que demandam alta dedicação sem que haja retorno financeiro imediato para este comprometimento, de modo que são considerados como profissionais em decorrência da demanda, porém não são reconhecidos como profissionais, devido à ausência de retorno imediato. Sugerem-se novos estudos enfocando o pós-graduando como grupo social e profissional, bem como a profissionalização da Pós-Graduação, garantindo direitos trabalhistas justos àqueles que são trabalhadores, apesar de (ainda) estudantes.

Palavras-chave: Pós-Graduação; pós-graduando; carreira acadêmica; maternidade; paternidade.

ABSTRACT

Ciscon-Evangelista, M.R. (2014). *Stricto Sensu* Postgraduate Students: a new and important social/professional group to be known. Doctoral Thesis, Post-graduation Program in Psychology, Federal University of Espírito Santo, Vitória/ES.

The *stricto sensu* Post-graduation is considered to be one of the most successful segments in the Brazilian Education. It has attracted the interest of young researchers who see in this type of education program the possibility of complementing their training at a time of professional instability. It is also a way to begin a potential academic career. Postgraduate students spend at least six years in the educational development programs. Thus, disregarding the exceptions, they remain financially dependent on their parents and/or partners. This period of financial and professional instability is longer to postgraduate students than it is to their peers in the same age and it implies - temporarily or permanently - disregarding other individual issues such as the difficulty of keeping more stable romantic relationships and of planning to have children. The current study aims to present postgraduate students as a social group that shares social representations. It was done by investigating the way they deal with gender issues during the construction of their academic careers and with their choices concerning romantic relations. The study also aims to investigate these students' relation with motherhood and fatherhood at the time to build their own family. The five herein conducted studies used different data collection instruments; their major concern points were: postgraduate students, their relationships, their projects for professional future and their family-building plans. These studies showed that postgraduate students are mostly young people. They remain under financial dependence and professional instability when they are still students. Such situation takes them away from stable romantic relationships and becomes a concerning factor regarding parenthood for those who do not have children. It also causes a sense of guilt in students who need to divide their time between the Programs' demands and their children. The study also enabled identifying traditional social representations of gender, maternity and paternity; although the academic discourse and the popular knowledge are mixed and masked by egalitarian attitudes. The impossibility or greater difficulty to exercise parenting and at the same time attend the Post-graduation course is an anxiety factor for some people. On the other hand, for others, it reinforces the decision to find other forms of satisfaction. In addition, postgraduate students face the demands set by the Post-graduation Programs themselves, since they require long dedication periods without immediate financial return. Therefore, postgraduate students are considered to be professionals because of the demand, but they are not seen as professionals due to lack of immediate return. It is worth conducting further studies focused on post-graduate students as a social and professional group, as well as on Post-graduation professionalization in order to ensure fair labor rights to those who are workers, though (still) students.

Keywords: Post-graduation; postgraduate student; academic career; maternity; paternity.

RÉSUMÉ

Ciscon-Evangelista, M.R. (2014). Les étudiants des Programmes *post-universitaires* au sens strict: un nouveau et important groupe social/professionnel à être connu. Thèse de Doctorat, Programme de Troisième Cycle en Psychologie, Université Fédérale de Espirito Santo, Vitória/ES.

Considéré comme l'un des segments les plus réussies de l'Éducation au Brésil, les études *post-universitaires* au sens strict ont suscité l'intérêt des jeunes chercheurs qui envisagent dans ce type d'enseignement la possibilité de compléter leur formation dans un moment d'instabilité professionnelle, ainsi que le début de la construction d'une carrière universitaire potentielle. Les étudiants *post-universitaires* passent, à cause de leur formation, par une augmentation minimale de six ans en tant qu'étudiants. Ainsi, sans tenir compte des exceptions, ils restent financièrement dépendants de leurs parents et/ou des leurs partenaires. Cette période d'instabilité financière et professionnelle plus élevée que celle de leurs pairs avec le même âge implique ignorer, temporairement ou définitivement, d'autres questions individuelles telles que les relations amoureuses plus stables et les plans d'avoir des enfants. L'objectif global de cette étude est de présenter les étudiants *post-universitaires* en tant que groupe social qui partage les représentations sociales, par l'enquête de leurs relations avec des questions de genre dans la construction des leurs carrières universitaires et dans leurs choix relationnels, ainsi que leurs relations avec la maternité et la paternité dans le processus de construction de leurs propres familles. Les cinq études menées ici ont utilisé différents instruments de collecte de données, en prenant comme point d'intérêt principal les étudiants *post-universitaires*, leurs relations, leurs projets pour l'avenir professionnel et ceux liés à la construction de leur propre familles. Les études ont permis d'observer que ces étudiants sont surtout jeunes. En tant qu'étudiants, ils restent dans une situation de dépendance financière et d'instabilité professionnelle qui empêche les relations amoureuses plus stables et qui devient un facteur de préoccupation à l'égard de plans relatifs à avoir des enfants, pour ceux qui ne l'ont pas engagé la parentalité, et de sentiment de culpabilité, pour ceux qui ont besoin de partager leur temps entre les exigences des Programmes et celles des enfants. En outre, il a été possible d'identifier des représentations sociales traditionnelles en ce qui concerne le genre, la maternité et la paternité, bien que le discours académique et la connaissance populaire se mélangent et se présentent masqués par des positions égalitaires. L'impossibilité, ou grande difficulté, d'exercer la parentalité de façon concomitante aux études *post-universitaires* est un facteur d'inquiétude pour certains, tandis que pour d'autres, il renforce la décision de chercher d'autres formes de satisfaction. Les étudiants sont aussi confrontés, dans les Programmes *post-universitaires*, avec des exigences qui demandent beaucoup de dévouement sans retour financier immédiat pour cet engagement, de sorte qu'ils sont considérés comme des professionnels à la suite de la demande, mais ils ne sont pas reconnus comme des professionnels en raison du manque de retour financier immédiat. Il faut conduire de nouvelles études centrées sur les étudiants *post-universitaires* en tant que groupe social et professionnel, ainsi que la professionnalisation des études *post-universitaires*, pour garantir les droits de travail équitables à ceux qui sont travailleurs, bien que (encore) étudiants. Mots-clés: Études *post-universitaires*; étudiant *post-universitaire*; carrière universitaire; maternité; paternité.

LISTA DE QUADROS, TABELAS E FIGURAS

III PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quadro 1. Fontes e coleta de dados dos Estudos realizados.....
Erro! Indicador não definido.

ESTUDO 1: “Agradecimentos”: dificuldades, conquistas e rede social de apoio de estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu*

Quadro 1. Teses selecionadas, com indicação de sexo do autor, região geográfica e grande área de conhecimento.....
Erro! Indicador não definido.

Tabela 2. Frequência com que foram mencionados diferentes tipos de pessoas ou instituições na seção de agradecimento das teses examinadas, considerando grande área e região geográfica. (*Obs: fam extensa = família extensa; instituições = instituições ou comunidades em que os dados foram coletados; capes/cnpq = agências de fomento; programa = programa de pós-graduação).....
Erro! Indicador não definido.

ESTUDO 2: Estudantes de pós-graduação: características, projetos pessoais, e implicações sociais das condições em que realizam sua formação. Erro! Indicador não definido.

Quadro 1 – Relacionamentos afetivos.....
Erro! Indicador não definido.

Tabela 1 – idade dos participantes e dos companheiros.....
Erro! Indicador não definido.

Tabela 2 – Escolaridade do(a) companheiro(a).....
Erro! Indicador não definido.

Tabela 3 – Justificativas apresentadas como condição para que possa ser tomada a decisão de ter filhos.....
Erro! Indicador não definido.

ESTUDO 3: Pós-Graduação, formação profissional e postergação da constituição de família própria: um estudo com estudantes de mestrado e doutorado Erro! Indicador não definido.

Quadro 1. Evocações em resposta ao termo indutor “Família”.....
Erro! Indicador não definido.

Quadro 2. Evocações em resposta ao termo indutor “Ser Mãe”.....
Erro! Indicador não definido.

Quadro 3. Evocações em resposta ao termo indutor “Projeto Profissional”.
Erro! Indicador não definido.

Quadro 4. Evocações em resposta ao termo indutor “Ser Pai”.....
Erro! Indicador não definido.

ESTUDO 4: Atividades cotidianas, representações sociais e expectativas de pós-graduandos sobre formação, futuro profissional, família e relações de gênero. Erro! Indicador não definido.

Tabela 1. Caracterização dos participantes mestrandos e doutorandos, bolsistas ou não, quanto à idade, número de filhos, e tipo de relacionamento amoroso atual.....
Erro! Indicador não definido.

Quadro 1. Relação do número de teses e dissertações localizadas a partir do termo “maternidade”, defendidas nos anos de 1990, 2000 e 2010.....
Erro! Indicador não definido.

Figura 1 - Dendograma 1: Resumos dos trabalhos de 2000.....142
Figura 2 - Dendograma 2: Resumos dos trabalhos de 2010.....147
Figura 3 - Dendograma 3: representações sociais de maternidade para os pós-gradunandos.....151

DISCUSSÃO DO CONJUNTO DE ESTUDOS

Gráfico 1. Distribuição dos entrevistados por Estado de localização do Programa de Pós-Graduação.....
Erro! Indicador não definido.

Gráfico 2. Grande Área de Conhecimento dos Programas de Pós-Graduação dos participantes.....
Erro! Indicador não definido.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	16
I INTRODUÇÃO.....	17
1.1 A teoria das representações sociais	18
1.2 Mulheres e a maternidade	22
1.3 Os homens e a paternidade.....	26
1.4 A pós-graduação no Brasil.....	28
II OBJETIVOS	18
III PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	19
3.1 Fonte de dados e formas de coleta	19
3.2 Normas éticas	34
3.3 Procedimentos de organização e análise dos dados.....	34
IV ESTUDOS	33
4.1 Organização geral dos Estudos.....	33
ESTUDO 1: “Agradecimentos”: dificuldades, conquistas e rede social de apoio de estudantes de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i>	36
ESTUDO 2: Estudantes de pós-graduação: características, projetos pessoais, e implicações sociais das condições em que realizam sua formação.....	65
ESTUDO 3: Pós-Graduação, formação profissional e postergação da constituição de família própria: um estudo com estudantes de mestrado e doutorado.....	84

ESTUDO 4: Atividades cotidianas, representações sociais e expectativas de pós-graduandos sobre formação, futuro profissional, família e relações de gênero. ...	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	181

APRESENTAÇÃO

A construção de uma Dissertação ou Tese caracteriza-se por trabalho árduo e desgastante, o que é realidade no caso da presente investigação, mas também é parte do fenômeno ao qual essa mesma investigação está dedicada. A expectativa é a produção de conhecimento, a ser compartilhado no meio acadêmico ou, pelo menos, na área profissional da qual esse trabalho é proveniente. É esperada, ainda, a consolidação de um indivíduo como pesquisador e produtor deste e outros conhecimentos. Trata-se de consolidação, visto que existe um caminho a ser trilhado até o ingresso em um Programa de Pós-Graduação. Este caminho, no Brasil, costumava ser percorrido por professores universitários que, em determinado momento de suas carreiras consideravam-se preparados para alçar novos voos e arriscar a proposição de novas teorias, ou novos olhares. Acompanhando as transformações sócio-econômicas e culturais, a formação de um Doutor, nos dias atuais, não mais se caracteriza como o ápice de uma carreira acadêmica bem sucedida; ainda que seja adequado dizer que tal formação se configura como o ápice da preparação de um pesquisador para o ingresso no universo acadêmico como professor. Esta formação, como será possível observar ao decorrer deste trabalho, se dá antes da quarta década de vida do indivíduo, desconsiderando-se as exceções.

O aumento do número de Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, associado aos incentivos à pesquisa e à facilidade de acesso e popularização dos cursos de Graduação – os quais se configuram como requisito básico para a

inserção no mercado de trabalho, e não mais como elemento de diferenciação – são alguns dos responsáveis pela atração de jovens recém-graduados à Pós-Graduação, sendo comum, e muitas vezes desejável, o ingresso nestes Programas sem que o aluno sequer tenha exercido a profissão.

Assim, é possível observar o tempo necessário à formação profissional ser prolongado, forçando o aluno a permanecer como estudante e, conseqüentemente, assumir todas as implicações decorrentes da manutenção desse status em faixa etária na qual a profissão – e a independência financeira – se consolidam para a maioria daqueles que optam por outras atividades profissionais e não pela continuação da formação em nível de Pós-Graduação. Ao conduzir este trabalho, portanto, interessou-nos investigar se os alunos de Pós-Graduação estariam constituindo um grupo social que compartilha dos mesmos objetivos, dificuldades, angústias, e representações sociais acerca de temas comuns a esse nível de formação, e, relacionadas a este grupo, sobre outras questões referentes à faixa etária da qual compartilham.

Em decorrência desta formação que demanda tempo prolongado em condição de não trabalho, trabalhos informais e/ou parciais (como o ensino em IES privadas, por exemplo), os pós-graduandos apresentam características de jovens adultos dependentes financeiramente e que, ao terem como foco a construção da carreira profissional, suspendem outros planos pessoais, como a constituição de família própria. Neste sentido, outras questões se tornam importantes, como as de gênero e as relacionadas à maternidade e à paternidade.

Ao propor um trabalho em Psicologia Social, e na expectativa responder e gerar questões relacionadas às vivências sociais contemporâneas, foi investigado o pós-graduando em suas relações e expectativas para o futuro, estabelecendo como recorte o enfoque em gênero e família. Ao estabelecer discussões relacionadas às vivências de estudantes de Pós-Graduação, nosso objetivo foi, também, possibilitar um espaço para reavaliação da inserção destes jovens pesquisadores no universo acadêmico e suas implicações individuais e sociais, propondo políticas e formas de contratação que possibilitem uma formação de qualidade sem que seja imprescindível a estagnação dos projetos individuais e não relacionados à academia.

I INTRODUÇÃO

“Quanto mais alto o nível de instrução da mulher, mais tardio se torna o padrão etário da fecundidade” (IBGE, 2010). A frase anterior, publicada no site oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), deixa transparecer uma das inúmeras constatações interessantes sobre a família, observada por meio dos dados provenientes do último Censo realizado no Brasil, no ano de 2010. O Censo indicou que entre a população brasileira que possui formação acadêmica de nível superior o número de filhos é menor do que entre os indivíduos (homens e mulheres) que finalizaram o nível fundamental ou médio. A primeira gestação destas mulheres acontece entre 30 e 34 anos de idade, e quando a renda per capita nos domicílios é maior do que um salário mínimo, a média do número de filhos diminui proporcionalmente e de maneira inversa à medida que a renda aumenta, chegando a um valor menor do que um (entre 1,30 a 0,97 filhos) nos grandes centros.

Outro dado interessante apresentado pelo IBGE (2010) é o número de famílias constituídas por casais sem filhos: 20,2% do total de famílias entrevistadas. Além disso, os dados demonstraram que as mulheres apresentam menor índice de evasão escolar durante os Ensinos Fundamental e Médio e prosseguem por mais tempo investindo na educação formal: “Na faixa etária de 25 anos ou mais, o percentual de homens com pelo menos o nível superior de graduação completo foi de 9,9%, e das mulheres, de 12,5%”.

Estes dados expressam transformações sociais ocorridas nas últimas décadas e suscitam vários questionamentos, bem como novas transformações sociais. Houve mudanças nas formas de construir – ou não – a parentalidade; na ocupação das mulheres de espaços antes exclusivamente masculinos e dos homens em questões que antes eram exclusividades femininas, acompanhadas pela lentidão da transformação das representações sociais que poderiam legitimar estas conquistas; o surgimento de novas tecnologias, as quais impulsionaram o mercado de trabalho e exigiram formações mais especializadas, concomitantemente à oferta em larga escala de cursos de Graduação e Pós-Graduação por IES privadas e públicas.

Todas estas transformações conduzem a novos questionamentos e adequações sociais, tornando-se necessário discutir e investigar novas demandas, ainda que estas representem antigas necessidades, modificadas e atualizadas pelo contexto social atual.

1.1 A teoria das representações sociais

Partindo de uma visão sócio-histórica, o homem pode ser compreendido como um ser social, cuja formação é constituída em meio às influências históricas e culturais de seus grupos sociais, em uma determinada época. Este homem interfere em seu meio e estabelece suas relações de forma compatível com tudo o que experimentou ao longo de sua própria história. Neste contexto, formas de compreender determinado objeto são construídas e compartilhadas, visando facilitar a comunicação entre determinado grupo social, estabelecer valores e

predizer e justificar comportamentos. Este processo de transformar o não familiar em familiar, denominado por Moscovici (2003) de construção de representações sociais, está presente no cotidiano dos indivíduos, influenciando escolhas, das mais simples e corriqueiras às mais importantes e significativas. Para Moscovici, quando indivíduos, em seus grupos, se deparam com situações que não se enquadram em suas representações, eles são "provocados a encontrar uma explicação" (p. 81).

Tem sido constante a "provocação" direcionada à compreensão dos fenômenos relacionados à constituição de família nas últimas décadas. As mudanças sociais cada vez mais contradizem representações hegemônicas e tradicionais, e se torna difícil compreender se as representações relacionadas a gênero e parentalidade têm absorvido elementos novos e/ou individuais, que passam a integrar o sistema periférico (Abric, 2000), ou se as ações têm sido orientadas por novas representações. É possível pensar, como faz Rouquette (1998), que as representações sociais são uma condição para o estabelecimento de uma prática, e que as práticas podem transformar as representações. Esse autor questiona "em que medida aquilo que penso depende daquilo que faço?" e continua afirmando que

"aquilo que faço não escolhi forçosamente fazer. De início porque existem instituições às quais não posso me subtrair e que me obrigam a me conduzir como cidadão, como servidor, como militante, como professor, como aluno, etc. Em continuação porque diversas pressões sociais, convenientemente colocadas em situação, passam a me 'extorquir' condutas que eu não

projetei. (...) Enfim, porque a realidade, social ou banalmente física, não tem a mesma plasticidade que as representações” (p. 43).

Assumindo, portanto, as representações sociais como uma forma de compreender e explicar a realidade social, bem como de orientar a prática (Jodelet, 2001), considera-se que a teoria se configura como um suporte interessante para a compreensão de parte da realidade que envolve grupos sociais contemporâneos. Considera-se, ainda, assim como coloca Guareschi (1994), que por meio dos dados obtidos é possível contribuir para o fortalecimento teórico e metodológico, indo além da descrição e análise do objeto.

São duas as principais orientações de pesquisa quando se trata de estudos que utilizam como referencial teórico as representações sociais: a que se ocupa das questões culturais e históricas e a orientada para as questões estruturais das representações (Nascimento-Schulze & Camargo, 2000). Já para Sá (1998), a “grande teoria” de Moscovici (termo atribuído por Doise, segundo o autor) vai se desdobrando em correntes complementares de acordo com as propostas de Denise Jodelet, Willem Doise e Jean-Claude Abric. Essas correntes, complementares e decorrentes da teoria proposta por Moscovici, podem ser utilizadas para analisar como um mesmo objeto é compreendido por determinado grupo social, possibilitando obter vários aspectos da representação de um mesmo fenômeno para determinado grupo.

As representações sociais de objetos como família, maternidade e paternidade são semelhantes entre vários grupos distintos, por serem

hegemônicas na sociedade ocidental. Para autores como Jong, Basso, Paira e García (2004), as representações sociais sobre família são tradicionais, considerando a família como sendo nuclear (pai, mãe e filhos) e os papéis bem distintos e distribuídos, tendo o pai como o responsável pelo sustento financeiro da família e a mãe pelos cuidados práticos que o cotidiano da família exige. Para Trindade e Enumo (2001), a representação social de maternidade é idealizada e a considera aspecto importante da feminilidade natural da mulher. Já as representações de masculinidade se consolidaram distantes da paternidade, caracterizando um homem que não poderia ser sensível (Connel, 2000), não deveria se envolver com trabalhos domésticos e em relação aos filhos atuariam apenas como a figura autoritária, impositora da ordem na família.

As representações sociais orientam para a prática, mas também são transformadas de acordo com as práticas sociais. Assim, ainda que as representações referentes à família e aos papéis de cada membro sejam tradicionais e apresentem poucas transformações, na prática é possível observar modelos familiares os mais distintos, mulheres sendo responsáveis pelo cuidado financeiro com suas famílias, homens exercendo um relacionamento mais afetivo com seus filhos e a organização de atividades e prioridades sendo transformada. É possível que essas práticas, com o passar do tempo, alterem as representações tradicionais para que estas sejam compatíveis com o cotidiano dos grupos das quais fazem parte.

1.2 Mulheres e a maternidade

A partir do final do século XVIII e início do XIX, as representações sociais de feminilidade têm sido intimamente relacionadas à questão da maternidade (Trindade & Enumo, 2001; Rocha-Coutinho, 2007). Estes conceitos se aproximaram quando houve uma divisão de tarefas no período industrial, e a mulher passou a assumir o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos como principal função. Segundo Rocha-Coutinho, para exercer este compromisso, era necessário que a mulher assumisse determinadas características (sensibilidade, amor ao filho acima de tudo, delicadeza, abnegação) e estas passaram a descrever uma mulher tal como todas "deveriam ser": mães capazes de assumir qualquer sacrifício em favor dos filhos.

A feminilidade ligada à maternidade foi um imperativo durante muito tempo, até que discussões feministas passaram a ganhar força, aliadas a novos processos contraceptivos (Scavone, 2001), que permitiam que as mulheres optassem pelo número de filhos e pelo melhor momento para que eles fossem concebidos. Esta possibilidade de exercer o controle sobre a natalidade facilitou a consolidação do espaço da mulher no mercado de trabalho, não apenas ocupando funções de apoio (Rocha-Coutinho, 2003), mas passando a investir cada vez mais em sua educação formal e na construção de carreiras sólidas e bem-sucedidas.

A primeira onda do feminismo, de acordo com Navaz e Koller (2006) representa o início das reivindicações visando a igualdade de direitos civis, políticos e educacionais, sendo configurado um espaço anteriormente inexistente para as mulheres. Enquanto o feminismo se configurou como um movimento fundamentado na percepção de algumas mulheres que conseguiram avaliar a

própria existência a partir de um olhar próprio, e não da concepção do homem quanto ao seu lugar na sociedade, cada conquista do movimento contribuiu para o estabelecimento de representações sociais do feminino que permitiram – e permitem – a progressiva incorporação de novos elementos e a perda da força de elementos anteriormente consolidados e que deixam de se configurar como significativos. Assim, a segunda e a terceira ondas do feminismo possibilitaram o empoderamento das mulheres e as transformações sociais decorrentes de suas modificações. Da mesma forma, os homens, em alguns momentos simplesmente respondendo às modificações femininas, em outros reconhecendo suas próprias potencialidades e limitações, inserem-se em contextos de transformações sociais, conquistando espaços que eram até então exclusivamente femininos e ratificando as conquistas das mulheres relacionadas ao espaço público e privado (Tagliamento & Toneli, 2010).

No entanto, a compreensão de feminilidade continuou sendo associada à de maternidade, uma vez que certas representações tendem a tornar-se homogêneas e hegemônicas (Vala, 1997). A mulher considerando-se e sendo considerada uma pessoa realizada somente se e quando se tornava mãe parece ter sido uma delas, uma vez que a maternidade "é sempre naturalizada, ora como destino biológico inarredável, ora como valor social inseparável da concretização da identidade feminina" (Trindade & Enumo, 2002). A sociedade, então, passou a observar mulheres que se dividiam entre as obrigações e conquistas do mercado de trabalho e os cuidados com a casa e com os filhos. Coutinho (2008) lembra que valores tradicionais e modernos de gênero coexistem atualmente, assim como Rocha-Coutinho (2003) afirma que duas visões podem coexistir em tempos

de mudanças. Dessa forma, durante algum tempo, a mulher foi idealizada como a mãe que se sacrifica e ao mesmo tempo como aquela que conquista um espaço como profissional.

Rocha-Coutinho afirma, em outro trabalho (2004), que a estabilidade financeira, decorrente do investimento na carreira, tem se tornado uma condição necessária para a decisão sobre o melhor momento para ter filhos. Szapiro e Féres-Carneiro (2002, p. 181) tocam em uma questão importante neste contexto, dizendo que as pílulas anticoncepcionais “se, por um lado, vieram atender à demanda crescente de liberdade da mulher, por outro mobilizaram também todo um campo desejante, ligado à procriação, seja no homem, seja na mulher”. Em outras palavras, a mulher conquistou o controle sobre seu próprio corpo, seu espaço no mercado de trabalho, sua independência, mas ainda convive com a ideia de que uma família só deveria ser considerada família quando há filhos (Wanderley, 2009).

O objetivo de ser mãe, portanto, está presente, convivendo com o objetivo de ter uma carreira de sucesso (Lee & Gramotnev, 2006). No entanto um problema começa a se configurar: carreira e maternidade requerem grande dedicação, seja no tempo de preparação, seja no exercício cotidiano, o que implica abdicação e/ou adiamento de algumas coisas em função de outras (Mansur, 2003).

A mulher, que antes era cobrada para que permanecesse em casa para ter e cuidar de seus filhos (Biazoli-Alves, 2000), passou a ser pressionada a permanecer no mercado de trabalho, e muitas vezes adia a concepção do

primeiro filho até que se estabeleça profissional e financeiramente (Rocha-Coutinho, 2004).

Ao se inserir no mercado de trabalho, e cansada de vivenciar relações violentas, a mulher gradativamente se descobre como alguém auto-suficiente e, apesar do preconceito ao qual foi submetida em decorrência de algumas decisões, se apropriou do desquite, do divórcio e da liberação sexual. Iniciou-se, a partir daí, uma trajetória de acúmulo de responsabilidades e de apropriação da própria história e existência, cuidando de filhos concomitantemente à vivência de jornadas de trabalho extensas e cansativas (Rocha-Coutinho, 2003). As que permaneceram casadas, em um contexto aparentemente tradicional, vivenciaram os mesmos desafios, já que estavam inseridas no mercado de trabalho, ansiando por cargos de chefia ou ao menos exercendo não apenas funções de apoio, e ao encerrar a jornada de trabalho, deparavam-se, em suas residências, com as tarefas, por fazer, referentes à limpeza, organização, cuidados com a casa, com os filhos e com o marido, o qual permanecia em seu papel único de provedor (Bilac, 2014; Rocha-Coutinho, 2007).

Este acúmulo de trabalho, aliado às liberdades passo a passo conquistadas pela mulher, possibilitaram o surgimento de objetivos não vinculados, necessariamente, à maternidade, estabelecendo a realização da mulher decorrente do sucesso profissional, financeiro, de realização de sonhos pessoais e desvinculando a feminilidade da obrigatoriedade do sentimento materno e da maternidade em si (Patias & Buais, 2012). Tornou-se comum, portanto, adiar a maternidade, ou não exercê-la.

Se as mudanças nas relações de gênero aconteceram (e continuam a acontecer), as configurações familiares foram sendo ressignificadas e pluralizadas (Tagliamento & Toneli, 2010). São vários os trabalhos que têm buscado compreender esta divisão da atenção da mulher entre trabalho e exercício da maternidade (Rocha-Coutinho, 2003; 2004; 2007; Scavone, 2001; Wagner et al., 2005), e alguns já começam a questionar o lugar do homem neste contexto (Gordon & Whelan-Berry, 2005; Staudt & Wagner, 2008).

1.3 Os homens e a paternidade

Durante a construção da maternidade como um processo inerente ao feminino, os homens foram sendo associados ao provimento financeiro da família, distantes dos cuidados práticos com os filhos, e muitas vezes até mesmo da afetividade para com esses (Souza & Benetti, 2009). Retoma-se nesse ponto informação já apresentada antes, para reforçar a visão de que as representações de masculinidade se consolidaram, então, distantes da paternidade, configurando um homem ao qual era vedada a possibilidade de revelar-se sensível (Connel, 2000), assim como a de se envolver com trabalhos domésticos, sendo-lhe reservada, em relação aos filhos, a atuação como a figura de autoridade que impõe a ordem na família.

Gradativamente a mulher foi assumindo seu lugar no mercado de trabalho, porém o homem não se apropriou das tarefas domésticas na mesma proporção, permanecendo como inerente às mulheres essa responsabilidade (Staudt & Wagner, 2008). As famílias nucleares passaram a se desfazer com maior

facilidade, e nos casos de separação, a guarda era oferecida quase que com exclusividade às mulheres, que deveriam ser sustentadas, tanto elas próprias como os eventuais filhos, pelos ex-maridos, por meio de uma pensão alimentícia garantida por lei. (Fonseca, 2004).

As discussões de gênero passaram, então, a direcionar o foco também aos homens, e a questionar, entre outras coisas, a distância estabelecida entre este homem e a paternidade – no que se refere à questão afetiva. Pode-se dizer que foi iniciado, então, um processo de construção de nova representação de masculinidade associada também à paternidade, uma paternidade que estaria em transformação (Williams, 2008). Esta discussão, realizada inicialmente no universo reificado, chegou ao consensual, e os homens passaram a se preocupar com a proximidade que gostariam de ter dos filhos (Souza & Benetti, 2009). Eles começaram a reivindicar este lugar e esta função, estejam eles casados ou não, e alguns já organizam sua vida profissional de acordo com as demandas familiares (Ranson, 2001). Nesse sentido, foram estabelecidas leis que garantem direitos aos pais, como a possibilidade de estar presente durante o parto e o pós-parto e a guarda compartilhada em caso de separação, na tentativa de aproximar esse pai de privilégios e responsabilidades até então assumidos exclusivamente pelas mães.

Fonseca (2004) chama a atenção para a acessibilidade e a infalibilidade dos testes de DNA que, segundo a autora, têm gerado um interesse por parte dos pais em descobrir "a verdade". Assim, não apenas tem sido possível provar que um desconhecido é o pai biológico, como pais que conviveram com crianças e desenvolveram com elas laços afetivos, podem descobrir a ausência de laços

biológicos com essas crianças, o que pode gerar muito sofrimento para todos os envolvidos. Apesar da incompatibilidade biológica, no entanto, pais estão sendo considerados, e se considerando, pais pela vinculação afetiva, a qual, em alguns casos, ultrapassa a biológica em termos de interesses por ambas as partes. Já Sutter e Bucher-Maluschke (2008), em estudo com pais cuidadores, observaram grande capacidade de cuidado e de envolvimento em uma relação de intimidade com os filhos.

A paternidade tem sido cada vez mais alvo de pesquisas. Assim como acontece com os estudos sobre a maternidade, os conflitos investigados são os já existentes para os que são pais. No entanto, à exceção dos trabalhos sobre a homoparentalidade, o desejo não realizado de exercer a paternidade ainda não tem sido prioridade entre os pesquisadores.

1.4 A pós-graduação no Brasil

O alto desenvolvimento das tecnologias nas últimas décadas, aliado à facilidade de acesso aos cursos universitários, também progressivamente potencializado com a expansão das Instituições de Ensino Superior (IES) privadas espalhadas pelo Brasil em unidades presenciais ou em pólos de Educação a Distância (EAD) (Alonso, 2010), que criaram um mercado de trabalho exigente, demandando formação cada vez mais especializada para funções até então consideradas simples, bem como a produção de novos cargos e funções decorrentes da existência das novas tecnologias e ofertas de formação profissional.

Para que homens e mulheres alcancem estabilidade financeira, especialmente quando se fala em classe média, é exigido um alto investimento na educação formal, e conseqüentemente o tempo necessário para a formação se torna cada vez maior. Hoje, a procura pela Pós-Graduação *lato sensu* se configura, na prática, como providência quase obrigatória para elevar as chances de acesso ao mercado de após o término da Graduação; a Pós-Graduação *stricto sensu* tem se tornado, de forma similar, uma opção interessante para os recém-formados.

As pós-graduações *stricto sensu* tornam-se mais acessíveis, por um acréscimo anual na oferta de vagas pela abertura de novos Programas de Pós-Graduação, bem como pelo número de bolsas oferecidas por agências de fomento que possibilitam condições de manutenção individual, ainda que restritas, especialmente para jovens recém-formados, enquanto a formação se processa e a Dissertação ou Tese é desenvolvida. Neste movimento, portanto, o perfil dos estudantes de Pós-Graduação é alterado, contemplando maior número de jovens, diferente do perfil de décadas passadas, de professores já atuantes em nível universitário que, depois de anos de carreira, dedicavam-se à pesquisa, buscando os títulos de mestre e de doutor.

Louzada e Silva Filho (2005) apresentam como idade média para o ingresso no Mestrado 30 anos, e no Doutorado 35, na década de 1980. Essa realidade, de acordo com os autores, foi transformada em consonância com o crescimento da Pós-Graduação brasileira e com as novas diretrizes para o Ensino Superior no país. De acordo com os autores citados, se há décadas atrás a procura pela Pós-Graduação acontecia entre professores com a carreira já

estabelecida, atualmente é possível observar alunos que terminam seus cursos de Graduação e antes mesmo do envolvimento com o mercado de trabalho referente àquela profissão ingressam em cursos de Mestrado. Muitos desses alunos, segundo Louzada e Silva Filho, permanecem nas Universidades, ingressando no Doutorado, em Programas envolvendo o Jovem Doutor e cargos provisórios nas Universidades públicas, até que consigam um espaço em Faculdades particulares ou a aprovação em concursos públicos nas Instituições Federais ou Estaduais. Este fenômeno sinaliza para estudantes que, durante sua formação, viverão apoiados em organização financeira pessoal instável, decorrente de uma construção longa de carreira à qual se submetem.

A Pós-Graduação brasileira, segundo Yamamoto, Tourinho, Bastos e Menandro (2012) tem sido considerada como o segmento da Educação que mais expressa qualidade e crescimento. Assim, a carreira acadêmica exige grande esforço, dedicação, e apresenta um futuro incerto, permeado por grande competitividade e traçado por vinculações temporárias com as instituições de ensino público, como afirmam Louzada e Silva Filho (2005). Apesar de ser possível exercer alguma atividade remunerada durante o período em que se cursa uma Pós-Graduação *stricto sensu*, as exigências impostas pelos Programas aos alunos têm sido cada vez maiores. A pressão pelo comprometimento do aluno com as atividades do Programa e a realização de um trabalho adequado, o que resulta em uma avaliação satisfatória do Programa, que é observada em outros países (Rillo, Guzmán & Servín, 2009; Bolívar, 2008; Dubs, 2005; Urwin & Di Pietro, 2005), tem sido relatada também por autores brasileiros a respeito de Programas e/ou áreas específicas (Lo Bianco, Almeida, Koller & Paiva, 2010;

Louzada & Silva Filho, 2005; Santos & Alves Junior, 2007) ou sobre a Pós-Graduação de forma geral (Steiner, 2005).

II OBJETIVOS

O objetivo geral consistiu em identificar o pós-graduando como um grupo social que compartilha representações sociais, investigando suas relações com questões de gênero na construção da carreira acadêmica e nas escolhas no âmbito das relações afetivas, bem como suas relações com a maternidade e a paternidade, no processo de construção de família própria.

Como objetivos específicos buscamos caracterizar o pós-graduando brasileiro, buscando informações sócio-demográficas, relacionadas à formação de família e às expectativas profissionais e pessoais ao se considerar período posterior ao término da Pós-Graduação. Esta identificação se deu em nível nacional e local, caracterizando os estudantes de vários Programas brasileiros e os de uma Universidade Federal específica.

Além disso, procuramos conhecer as representações sociais dos estudantes referentes à maternidade e à paternidade, buscando esta identificação por meio dos trabalhos já realizados que abrangiam estes temas e por meio de entrevista direta com os pós-graduandos, questionando sobre suas vivências e expectativas, bem como sobre seu planejamento e organização referentes aos filhos (futuros ou atuais).

III PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Fonte de dados e formas de coleta

Para a realização dos cinco estudos que integram a tese foram realizadas coletas de dados documentais e também coletas realizadas diretamente com participantes, por meio de questionários e entrevistas.

Quadro 1. Fontes e coleta de dados dos Estudos realizados

	Fonte de dados	Forma de coleta
Estudo 1	Fonte documental: sessão “agradecimentos” de Teses defendidas no ano de 2010.	Seleção de 50 Teses provenientes de cinco Universidades Federais brasileiras disponibilizadas online.
Estudo 2	Estudantes de Mestrado e Doutorado vinculados, em 2013-2014, a Programas de Pós-Graduação brasileiros.	Questionário disponibilizado via Internet
Estudo 3	Estudantes de Mestrado e Doutorado vinculados, em 2011, a Programas de Pós-Graduação de uma Universidade pública brasileira	Questionário aplicado presencial e individualmente
Estudo 4	Estudantes de Mestrado e Doutorado vinculados, em 2011, a Programas de Pós-Graduação de uma Universidade pública brasileira	Entrevista presencial e individual, semi-estruturada, conduzida a partir de roteiro elaborado para o estudo
Estudo 5	Fonte documental: resumos e apresentações de Teses e Dissertações finalizadas em 1990, 2000 e 2010, cujo tema era “maternidade”.	Seleção, a partir do Portal da CAPES, de resumos disponíveis de Teses publicadas em 1990 e 2000 e de resumos e apresentações das Teses publicadas na íntegra em 2010.

As coletas de dados documentais foram realizadas com exame de Teses defendidas a partir de 1990 e que atendessem dois critérios: a) teses defendidas nos anos de 1990, 2000 e 2010 que tivessem como tema principal a maternidade. Após exclusão dos textos que se referiam à maternidade não humana, os trabalhos foram selecionados e deles foram retiradas a apresentação e partes da introdução que pudessem expressar as representações sociais dos autores dos trabalhos; b) teses defendidas no ano de 2010, em cinco Programas de Pós-Graduação diferentes (um de cada Estado brasileiro) e que tivessem a sessão “agradecimentos” escrita em mais de uma página, na tentativa de encontrar trabalhos nos quais este tópico fosse mais informativo quanto a aspectos pessoais e subjetivos a respeito da experiência vivida, sem caracterizar-se como mero registro técnico, considerando-se tais textos como fontes de dados para um segundo trabalho.

Foi realizada uma coleta de dados online, por meio de questionário estruturado, direcionada a alunos de Mestrado e Doutorado matriculados em Programas de Pós-Graduação brasileiros. Outro questionário foi o instrumento utilizado para uma coleta de dados presencial, direcionada a estudantes de Mestrado e Doutorado matriculados em Programas de Pós-Graduação de uma Universidade Federal brasileira. Dentre estes estudantes foram selecionados alguns para coleta de dados por meio de entrevista semi-estruturada, sendo possível, dessa forma, obter um panorama geral e compreender especificidades relacionadas ao tema.

3.2 Normas éticas

Todas as coletas de dados envolvendo a participação de indivíduos – presencialmente ou online – foram precedidas por concordância e assinatura do participante, após leitura de documento que expressava a ausência de riscos, assegurava a livre participação e o sigilo quanto a exposição da identidade dos entrevistados, e informava a possibilidade de desistência, a qualquer momento, de participar do processo de pesquisa. Esse documento, denominado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, atende à regulamentação do código de Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde.

3.3 Procedimentos de organização e análise dos dados

Para a organização dos dados foram utilizados alguns procedimentos consagrados no âmbito da pesquisa em Psicologia Social, e em especial do estudo das representações sociais, tais como a Análise de Conteúdo, e os softwares de organização e pré-interpretação dos dados Evoc (para evocações) e Alceste (para material textual).

Para a análise dos dados foi utilizada, como referencial teórico, a Teoria das Representações Sociais.

IV ESTUDOS

4.1 Organização geral dos Estudos

Estudo 1 - “Agradecimentos”: dificuldades, conquistas e rede social de apoio de estudantes de Pós-Graduação

Objetivando verificar se alunos dos Programas de Pós-Graduação brasileiros vivenciam dificuldades similares em seu trajeto de longa formação acadêmica e concomitante postergação de decisões em outras esferas de suas vidas, o que inclui objetivos, planos e realizações, foi realizado o Estudo 1. Neste estudo, a sessão de agradecimentos de teses defendidas em Programas de Pós-Graduação sediados em cada uma das cinco regiões brasileiras foi utilizada como fonte de informações. Foi possível perceber que, embora provenientes de espaços geográficos diferentes, de forma geral o estudante referenciou, formal ou informalmente, sua rede de apoio instrumental e pessoal, sendo possível obter o apoio desta rede de apoio, o que, segundo eles, foi determinante para a conclusão do curso de forma satisfatória.

Estudo 2: Estudantes de pós-graduação: características, projetos pessoais, e implicações sociais das condições em que realizam sua formação.

A partir deste Estudo foi possível caracterizar os estudantes de Mestrado e Doutorado pertencentes a Programas de Pós-Graduação de todas as regiões brasileiras, privilegiando, para análise dos dados, as questões referentes a gênero

e parentalidade. Por meio de questionário disponibilizado de forma online, foram obtidos dados sócio-demográficos e dados relacionados às experiências vividas e às expectativas construídas em referência a relacionamentos afetivos e produção de filhos.

Estudo 3: Pós-Graduação, formação profissional, e postergação da constituição de família própria: um estudo com estudantes de mestrado e doutorado

Nesse estudo, questões de gênero e parentalidade, sempre considerando as condições concretas envolvidas no contexto da formação pós-graduada, foram investigadas a partir de entrevistas com um conjunto restrito de participantes, a partir de perguntas respondidas presencialmente, com base em roteiro em moldes de questionário. As respostas foram fornecidas por alunos de Programas de Pós-Graduação no âmbito de uma única Universidade Federal.

Estudo 4: Atividades cotidianas, representações sociais e expectativas de pós-graduandos sobre formação, futuro profissional, família e relações de gênero

Esse estudo teve como focos práticas, representações sociais e expectativas do pós-graduando em relação às condições que caracterizam o universo no qual busca concretizar seu trabalho e às dificuldades que identifica para fazê-lo, em articulação com as condições de que dispõe em seu cotidiano extra-acadêmico. Foi investigado se nas condições encontradas para a realização

de sua formação estão evidenciadas assimetrias de gênero, além de outras características do conjunto de relações implicadas no trabalho em equipe. Realidade atual e planos futuros relacionados a laços afetivos e a ter filhos também foram considerados como elementos das representações sociais que interessam ao estudo. as possíveis discriminações sofridas pela equipe, simplesmente por uma diferenciação de gênero, bem como a possibilidade futura de exercer a parentalidade.

Estudo 5: A maternidade investigada: produção acadêmica e representações sociais de maternidade para pós-graduandos brasileiros.

Nesse artigo foram são investigadas produções acadêmicas, nas modalidades de dissertações e teses, que abordaram o tema “maternidade”. A discussão foi feita em relação ao universo reificado e consensual na construção das representações sociais, o que permite mostrar que as representações sociais dos pesquisadores responsáveis pelas dissertações e teses interferem na escolha do objetos de pesquisa e as leituras acadêmicas orientam a ação na esfera individual dos pesquisadores.

ESTUDO 1: “Agradecimentos”: dificuldades, conquistas e rede social de apoio de estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu*

Resumo

A formação em nível de Doutorado demanda alto grau de comprometimento por parte dos alunos que se propõem a cumpri-la. Buscou-se compreender como os estudantes têm lidado com as pressões decorrentes do curso, além de investigar se e como outros aspectos de sua vida são redimensionados a partir dessa vivência. Para isto foram utilizados textos da sessão “agradecimentos” das teses de 50 alunos que as defenderam no ano de 2010, em universidades públicas das cinco regiões brasileiras. Para análise dos dados foi utilizada como metodologia a análise de conteúdo. Os resultados mostraram que o Doutorado foi considerado pelos alunos como período permeado por desafios e pela alegria decorrente da superação. Foi possível perceber uma rede de suporte aos doutorandos formada por pessoas citadas como apoio instrumental, que auxiliaram diretamente a construção da tese, e/ou pessoas consideradas suporte emocional para que todas as dificuldades decorrentes do curso fossem superadas. A ausência da citação de planos para o futuro indica que uma etapa difícil foi vencida, mas não auxilia a compreensão das possíveis estratégias utilizadas por estes formandos para lidar com as adversidades que, certamente, envolverão o trabalho realizado a partir da obtenção do título de Doutor, o que exige novos estudos.

Palavras-chave: pós-graduação, qualificação profissional, rede social de apoio, análise de conteúdo.

Introdução

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – é responsável por regularizar e avaliar os cursos brasileiros de Pós-Graduação *stricto sensu*, cujo crescimento é notável, como se verifica a cada nova avaliação trienal. Em 2013 (triênio 2010 a 2012) o número de Programas avaliados alcançou 3337, o que se desdobra em 2893 cursos de mestrado, 1792 cursos de doutorado e 397 cursos de mestrado profissional, somando 5082 cursos. Para se ter ideia do crescimento em relação ao triênio anterior, registra-se aqui que em 2010 (triênio 2007 a 2009) foram avaliados 2718 Programas de Pós-Graduação, que correspondem a 4.099 cursos, dos quais 2.436 são mestrados acadêmicos, 1.420 doutorados e 243 mestrados profissionais (Capes, 2013). O volume de estudantes de pós-graduação, evidentemente, cresce em proporção similar, criando grande contingente de profissionais que optaram por um prolongamento de sua formação que se estende por até sete anos adicionais. Dessa forma, é provável que algumas decisões profissionais e pessoais sejam adiadas por integrantes desse novo e crescente grupo - o de pós-graduandos.

O fato do sistema de avaliação resultar em atribuição de notas de 1 a 7 – que pontuam, respectivamente, do descredenciamento até o reconhecimento da internacionalização do Programa, incentiva esforços de docentes e discentes para cumprimento dos critérios exigidos para as maiores notas, entre eles as evidências de internacionalização. Lo Bianco, Almeida, Koller e Paiva (2010) identificaram que dentre os Programas de Psicologia, os mais bem avaliados contavam com extenso rol de publicação em periódicos internacionais, em alguns casos alcançando 75% da produção de Programas avaliados com a nota máxima.

Essa exigência, segundo os autores, afeta docentes e pós-graduandos que se percebem instados a publicar em periódicos internacionais, a buscar as bolsas para estágios “sanduíche” e a participar de eventos internacionais.

Nesse sentido, o contexto no qual está inserido o pós-graduando brasileiro pode ser caracterizado por um alto nível de exigência no que diz respeito à excelência acadêmica, voltada tanto para aspectos qualitativos do seu trabalho, mas também, certamente, expressa em uma pressão por resultados que se evidenciem quantitativamente em seu currículo. Tais exigências guardam uma forte relação com o todo de sua formação e vem acompanhadas de outras condições que interferem em seu processo de criação e no resultado dos processos de pesquisa: prazos curtos para conclusão, principalmente dos mestrados; número limitado de bolsas, que resulta em pós-graduandos exercendo outras atividades concomitantemente aos estudos e às pesquisas; pressão para resultados numéricos, diversificação e internacionalização da publicação; e formação anterior precária (Zanella, 2004).

Conseqüentemente, para Santos e Alves Junior (2007), o processo de ingresso no mestrado pode ser considerado um evento macro-estressor e durante o período do curso é alta a chance de que o aluno se depare com inúmeros eventos micro-estressores ocasionados pelas várias atividades relacionadas ou não à Pós-Graduação. Como parte de seus resultados, os autores identificaram o curto prazo do mestrado como um dos fatores que mais preocupa os estudantes, especificando “a possibilidade de não atingir o desempenho esperado pela banca, aproveitamento das disciplinas, calendário e horário de aulas” (p. 111). Esses autores também apontam a pressão por produtividade como um dos fatores

estressantes enfrentados pelos pós-graduandos. Embora o estudo focalize alunos de mestrado, suas análises poderiam ser aplicadas também a alunos de doutorado.

Mais do que um agente estressor, a formação do pesquisador pode gerar, de acordo com Louzada e Silva Filho (2005a), sofrimento mental. Os autores encontraram, na fala de estudantes de um Programa de Pós-Graduação definido por eles como de “nível de excelência” (p. 453), indícios de sofrimento e angústia, ocasionados pela pressão para publicação, excesso de atividades e pelas regras do caminho a ser percorrido até que se tornem pesquisadores independentes. Os mesmos autores, em outro estudo (2005b), discorrem sobre a formação acadêmica como longa, desgastante, com exigência de investimento financeiro e emocional, e cujo resultado nem sempre é o esperado: a contratação por uma universidade pública. Segundo os autores, antes dessa esperada contratação - para os que a conseguem - existe longo caminho de vinculações temporárias ou contratação por instituições particulares que, em sua maior parte, não oferecem estabilidade.

O nível de exigência dos Programas de Pós-Graduação e a pressão sobre os estudantes por produção é, portanto, cada vez maior, e aqueles que investem em tal nível de formação para construir sua carreira precisam atender à mencionada pressão. Resulta daí um grupo específico de graduados que viverão alguns anos submetidos às condições especiais que caracterizam a Pós-Graduação, condições essas distintas daquelas vividas por outros graduados que optaram pelo ingresso imediato na atividade profissional para a qual se prepararam. No presente estudo buscou-se, portanto, compreender como os

estudantes de doutorado têm lidado com a vivência desse contexto de cobranças e exigências e como outros aspectos de suas vidas são redimensionados a partir dessa vivência, utilizando uma fonte de informações pouco explorada em estudos sobre pós-graduandos: os agradecimentos que o autor da tese escreveu e fez constar de seu trabalho.

Método

Foi realizada uma pesquisa documental. Ainda que grande parte das pesquisas qualitativas em Psicologia utilize como principal fonte de dados entrevistas, grupos focais e/ou questionários, outras fontes de informações previamente existentes e não construídas com esse fim têm sido utilizadas. Souza e Menandro (2007, p. 156) citam várias fontes que podem ser adotadas e que, além de constituírem “indicadores indiretos de comportamentos”, podem ser informativas sobre o contexto no qual foram elaboradas.

Uma das vantagens da utilização de um material textual diferente da entrevista consiste em este não ter sido produzido para atendimento dos objetivos da pesquisa, o que minimiza o risco de indução. Entre as principais desvantagens estão a visão parcial que pode estar refletida na fonte documental utilizada, além do risco sempre presente de viés decorrente de pré-concepções do pesquisador, o que pode ser minimizado com cuidados metodológicos apropriados (Souza & Menandro, 2007).

Para a composição da amostra, foram selecionados textos que constituem a sessão “agradecimentos” de 50 teses dos Programas de Pós-Graduação de uma universidade federal de cada região brasileira, conforme o quadro a seguir.

Quadro 1. Teses selecionadas, com indicação de sexo do autor, região geográfica e grande área de conhecimento

Feminino	Centro-oeste	Biológicas	5
		Exatas	0
		Humanas	1
	Nordeste	Biológicas	2
		Exatas	2
		Humanas	3
	Norte	Biológicas	3
		Exatas	0
		Humanas	3
	Sudeste	Biológicas	4
		Exatas	1
		Humanas	1
Sul	Biológicas	2	
	Exatas	2	
	Humanas	2	
Masculino	Centro-oeste	Biológicas	4
		Exatas	0
		Humanas	0
	Nordeste	Biológicas	1
		Exatas	1
		Humanas	1
	Norte	Biológicas	2
		Exatas	1
		Humanas	1
	Sudeste	Biológicas	1
		Exatas	2
		Humanas	1
Sul	Biológicas	1	
	Exatas	2	
	Humanas	1	

A seleção dos textos foi aleatória e contemplou as teses defendidas no ano de 2010. Agradecimentos com volume de texto de apenas uma página ou menor foram descartados, critério que pretendeu excluir agradecimentos de natureza menos pessoal, mais marcados por padronização e formalidade. Quando citados, os estudantes são identificados por meio das características relacionadas na

tabela acima. Os textos selecionados nas teses foram analisados empregando-se a análise de conteúdo clássica (Bauer, 2002).

Resultados

A sessão “agradecimentos” das teses selecionadas contém dados sobre a vida dos participantes escritos de forma espontânea, sem o direcionamento do entrevistador e sem responder a uma questão específica, além de expressar, de forma mais ou menos pessoal, os sentimentos do doutorando ao final de sua jornada. É preciso manter sob foco o fato de que ao escrever os “agradecimentos” o autor tem conhecimento de quem serão os leitores mais prováveis – quase sempre pessoas mais diretamente vinculadas ao Programa de Pós-Graduação, como seus colegas, professores e orientador(a), examinadores, cônjuge, e alguns parentes e amigos mais próximos. Isso significa que há menções mais prováveis tanto em decorrência da atividade na qual o texto está inserido como em função da relação com os leitores mais prováveis.

Como esse tipo de acesso aos participantes não possibilitou um levantamento sócio-demográfico, o próprio texto indicou as redes sociais dos alunos, aqueles que são mais ou menos próximos às suas famílias e aqueles que têm ou não companheiros e/ou filhos. Como seria aceitável esperar, quase todos os agradecimentos citam professores, do Programa ou de outros Programas, com os quais os doutorandos tiveram contato significativo que tenha contribuído, de alguma forma, para a construção da tese e para a formação do doutorando.

Nomes próprios são citados em todos os textos, na maioria das vezes sendo indicado o tipo de vínculo entre essas pessoas e o doutorando. Também

em todos os textos existem várias palavras e expressões que revelam como esse relacionamento foi significativo para o término da tese e outras que expressam os sentimentos e vivências dos alunos durante o doutorado. O término da tese é compreendido pelos estudantes como uma conquista, um desafio que foi vencido através de horas despendidas em leituras, experimentos, discussões e escrita. Os relacionamentos estão representados como temporariamente destituídos do lugar prioritário, ou como suporte emocional até que a tese fosse concluída e o estudante obtivesse o título de Doutor.

O período de formação dos estudantes pode ser qualificado, ainda, com base em palavras ou expressões que remetem a uma escala de sentimentos, classificadas como positivas e negativas. Como sentimentos positivos foram identificados: “satisfação”; “amadurecimento”; “alegria”; “superação”. Como sentimentos negativos, foram encontrados: “angústia”; “dificuldade”; “solidão”; “medo”; “insegurança”; “tristeza” e “ausência”. O excerto a seguir é um exemplo conciso:

“A elaboração de uma tese faz parte do desenvolvimento científico e pessoal do autor e, como a tese é um texto técnico, todos os processos que envolvem a sua realização, desde a alegria ao ingressar no doutorado até as angústias do seu término, ficam escondidos entre as linhas aqui deixadas” [feminino, centro-oeste, biológicas].

Os alvos dos agradecimentos foram classificados em quinze categorias. Onze dessas categorias referem-se a pessoas: todos, cônjuges, pais, filhos, família extensa, participantes, docentes, orientador, alunos, colegas, amigos. Três categorias referem-se a instituições: instituições/comunidades que acolheram ou

colaboraram com a pesquisa, agências de fomento, programa de pós-graduação. A categoria restante inclui qualquer tipo de divindade que tenha sido mencionada. As menções feitas a cada alvo, já categorizados, estão indicadas na tabela que se segue, visando facilitar a visualização e considerar presenças e ausências.

Tabela 2. Frequência com que foram mencionados diferentes tipos de pessoas ou instituições na seção de agradecimento das teses examinadas, considerando grande área e região geográfica. (*Obs: fam extensa = família extensa; instituições = instituições ou comunidades em que os dados foram coletados; capes/cnpq = agências de fomento; programa = programa de pós-graduação)

SEXO	REGIÃO	ÁREAS	ÁREAS																
			todos	deus	cônjuge	pais	filhos	fam	Instituições*	participantes	docentes	orientador	alunos	colegas	amigos	capes/cnpq*	programa*		
Feminino	co	bio	1	3	5	3	2	3	4	2	5	2	1	4	4	1	1		
		ex																	
		hu		1		1						1		1	1				
	ne	bio		2	1	1	1		1	1	1	2		2	2	1			
		ex		1	1	2	1	1	2		2	1	2	2	1	1			
		hu		1	2	3	3	3	1	1	2	3		2	3	1			
	n	bio	1	3	2	3	1	2	2	1	3	3		1	3		2		
		ex																	
		hu	1	2	1	2	3	2		2	3	3	2	3	2	1	3		
	se	bio	1	3		3	1	4	2	2	4	4	1	4	4	2			
		ex		1	1	1	1		1		1	1			1	1			
		hu				1	1				1	1					1		
	s	bio		1	2	2		2	2	1	2	2		1	2	2	2		
		ex			1	2		1	1	1	1	2		2		2			
		hu	1	1	1	2	1	2		1	2	1	1	2	1	2	2		
	co	bio	1	1	3	2	2	2	4	1	4	3	1	2	2		1		
		ex																	
		hu																	
Masculino	ne	bio		1		1				1	1	1		1					
		ex		1	1	1	1	1			1	1		1	1	1			
		hu				1		1			1	1			1				
	n	bio	1	1	2	2	2	2	2		1	2	1	1	2		1		
		ex		1	1	1	1	1				1	1		1	1			
		hu			1	1	1					1	1						

	se	bio	1			1		1		1	1	1		1	1	1	1	
		ex		1	1	2	1	1			2	2		2	2			
		hu	1					1		1	1	1		1	1	1		
	s	bio				1			1		1	1		1		1	1	
		ex		1	1	1		1	1		2	2		2	1	1	1	1
		hu	1		1			1			1	1			1			1
Σ			10	26	28	40	23	32	24	16	45	44	9	37	37	19	18	

A categoria “Todos” abrange agradecimentos que referem o trabalho como o resultado de interações e, portanto, compartilham sua autoria com todas as pessoas que, de alguma forma, pudessem ter feito parte daquele conjunto de contribuições para o produto final, que foi a tese. A frase a seguir, expressando a preocupação em não incorrer em qualquer esquecimento, é exemplar: “A realização de uma pesquisa precisa do envolvimento de muitas pessoas, de forma direta ou indireta, para que tudo seja concluído adequadamente. Nesse momento, quando agradecemos, é grande o risco de cometermos alguma falha, apresentando apenas alguns nomes” [masculino, centro-oeste, biológicas].

Outros optam por texto simplificado, mas de teor comparável: “a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização desta tese” [feminino, sudeste, exatas].

“Ser sobrenatural” abrange os agradecimentos que se referem a deus, Maria e a um ser superior. O volume de teses que fizeram e que não fizeram menção a qualquer divindade e/ou tipo de suporte espiritual é quase o mesmo. As referências a deus agradecem por sua presença em todos os aspectos de suas vidas, o que gera possibilidades e oportunidades. Além disso, os agradecimentos a Deus o apontam como fonte da própria força e habilidade para finalizar o doutorado.

“A DEUS, que nos deu a vida, presenteou-nos com o livre arbítrio, abençoou-nos com a inteligência e deu-nos a força para lutar a fim de conquistar os nossos ideais. Além disso, permite que possamos ser pessoas melhores e assim ajudar ao próximo. A ELE toda a nossa gratidão e respeito” (destaques no original) [masculino, norte, biológicas].

“Cônjuge” foi a palavra determinada para descrever companheiro(a), marido, esposa e namorado. O(a) cônjuge é representado(a) como alguém que suporta a ausência e o mau humor e faz parte da conquista pelo suporte oferecido durante o período de estudos. Algumas das descrições de momentos difíceis durante o doutorado aparecem vinculadas ao(à) cônjuge, sendo este(a) quem ameniza esses momentos, ou compreende que é necessário ser “deixado(a) de lado” naquele momento, para que o trabalho seja concluído.

“A minha querida esposa, agradeço a Deus por um dia colocar você na minha vida. De compreender a minha ausência, de me encorajar nos momentos de tristezas e de participarmos juntos nos momentos de encantamento” [masculino, centro-oeste, biológicas].

Pai e/ou mãe, quando mencionados, foram reunidos sob o termo “pais” para efeito de análise”. Aparecem nos agradecimentos como aqueles que acreditam e incentivam, mesmo sem compreender exatamente o processo da formação do Doutor. São os responsáveis, segundo os doutorandos, por toda a bagagem que possibilitou a chegada àquele patamar e, em muitos casos, foram o suporte prático e necessário para a conclusão do curso.

“Dedico, em especial, a minha querida mãe, que sempre acreditou em meus sonhos, caminhou, sofreu e lutou comigo a cada segundo desde o início da minha jornada e nunca me deixou pensar em desistir” [masculino, sudeste, biológicas].

“Jamais conseguiria concluir essa etapa sem o apoio de pessoas que ocupam minha memória poética e que dão sentido a minha existência: Ana, minha mãe, que me deixou ainda no primeiro ano do curso de doutorado. Um golpe enorme, dor, vazio, saudade. Creio que ela está orgulhosa em ter um filho “doutor” [masculino, norte, humanas].

“A minha mãe (in memoriam) que sempre incentivou e acompanhou minha trajetória em busca do conhecimento e que, ao final de sua vida, já doente, esteve muitas vezes privada de minha presença. Sem ela não chegaria aonde cheguei, com certeza” [feminino, centro-oeste, humanas].

Os pais não são mencionados em quase metade dos textos. Dada a habitual importância afetiva dos pais em nossa cultura essa ausência sugere que diversos doutorandos tiveram preocupação de circunscrever seus agradecimentos ao círculo acadêmico.

“Filhos” são mencionados em quase metade dos agradecimentos, constatação que interessa como indicação preliminar de que a existência de filhos, *per se*, com as responsabilidades associadas, não é fator impeditivo para a realização de formação pós-graduada. Aos filhos são creditados nos agradecimentos suporte, ânimo e motivação para o término, embora seja possível também identificar a culpa pela ausência decorrente da tese enquanto o(s) filho(s) crescem.

“Meu querido e amado filho (...), a pessoa mais importante de minha vida. Obrigada por ser do jeitinho que você é. Obrigada por tentar compreender minhas

ausências, mesmo estando presente. Obrigada por aturar meus maus humores. Obrigada por me dar força nos momentos em que me sentia fraca. Obrigada simplesmente por sempre estar do meu lado. TE AMO” [feminino, norte, humanas].

“Ao meu filho (...) que agora terá uma mãe mais presente e continua sendo o responsável pelo repensar das prioridades de minha vida” [feminino, nordeste, biológicas].

A menção a qualquer membro da família que não os pais ou filhos foi considerada “família extensa”. Inclui avós, irmãos, sobrinhos, tios, primos, e qualquer outro membro familiar citado como tal. Os membros familiares podem ser nomeados em uma lista, citados como um todo (“meus familiares”) e relacionados ou não a expressões de afeto positivo.

“Aos meus familiares, aconchego, sem os quais essa caminhada seria pesada demais” [feminino, centro-oeste, biológicas].

“Àqueles que estão sempre ao meu lado na alegria e tristeza, apoiando sempre as minhas decisões e escolhas: meus irmãos” [feminino, centro-oeste, biológicas].

Os “amigos” são identificados como fundamentais para a conclusão do doutorado e incluem também colegas do programa de pós-graduação ou de profissão do doutorando. Os amigos são também considerados fonte de contribuições teóricas e/ou práticas para a conclusão da tese, além de apoio afetivo.

“Aos meus queridos amigos e vizinhos do quintal em comum (...), pela acolhida e convivência maravilhosa que só a amizade desinteressada é capaz de

proporcionar. Agradeço até pelo meu choro (raro!) do dia da partida” [masculino, sul, humanas].

“Aos colegas de curso com quem passei muitos momentos, aprendi, ensinei, compartilhei e cresci” [feminino, sudeste, biológicas].

Os “docentes” abrangem agradecimentos aos professores do Programa, de outros Programas, ou da época da graduação. Os professores são referenciados como pessoas que marcaram a formação pelo conteúdo e por características pessoais consideradas positivas pelo aluno. Já o “orientador” ou a orientadora são apontados como alguém que acredita, que é exemplo, que mostra caminhos interessantes para a produção e para a vida. É importante considerar que a menção nem sempre é positiva, o que justificaria, também, a ausência de agradecimentos ao orientador:

“Agradeço a professora e orientadora (...) pela exímia condução da presente Tese, que, brilhantemente, ofereceu os pilares sustentadores na construção desta trajetória acadêmica. Sem seu apoio não teria sido possível concretizar o ideal almejado” [feminino, sudeste, humanas].

“A [nome da orientadora], que aceitou ‘me herdar’, assumindo minha orientação quando [nome da primeira orientadora] teve que se desligar do programa. Esteve sempre pronto a me ajudar, mas eu nem sempre estive presente; os problemas do trabalho devem ser creditados a mim” [masculino, centro-oeste, biológicas].

Os “alunos” abrangem agradecimentos a estudantes da graduação que os doutorandos orientam em Projetos de Iniciação Científica (PIBIC) ou a estudantes de instituições nas quais o doutorando é professor, que compreenderam e

aceitaram a ausência do professor em alguns momentos para que ele pudesse estar em campo e/ou escrevendo.

Instituições ou comunidades que acolheram a pesquisa figuram nos agradecimentos por terem cedido seu espaço, seus dados, seus membros para que a pesquisa fosse realizada.

“Às lideranças indígenas pelo aval ao trabalho e por entenderem que a pesquisa é um caminho para o êxito no controle da tuberculose entre eles” [feminino, centro-oeste, biológicas].

“A todas as crianças e todos os adolescentes que aceitaram participar desta pesquisa. A todas as famílias que nos apoiaram, autorizando seus filhos a participarem desta pesquisa” [feminino, nordeste, biológicas].

Agradecimentos mais impessoais são observados quando os doutorandos mencionam o Programa de Pós-Graduação no qual estão inseridos e/ou as agências de fomento CAPES e CNPq (além de outras agências locais).

Esses dados apresentados, antes de serem discutidos, requerem alguns elementos de contextualização que são expostos na sequência. No processo interpretação de dados é sempre importante proceder de forma a identificar elementos presentes e ausentes na forma como acontecimentos, indivíduos e objetos são concebidos pelos sujeitos que forneceram ou produziram as informações sob análise. No caso de documentos, acrescenta-se a necessidade de considerar as condições de sua produção e os seus propósitos. No material documental examinado o elemento presente de forma mais consistente é uma diversidade de pessoas, tanto pessoas diretamente vinculadas ao universo do curso como pessoas associadas às relações pessoais extra-curso (familiares,

cônjuges, e parte dos amigos). Considerando tal aspecto dos agradecimentos que constam das teses é possível ressaltar que pessoas são as grandes incentivadoras e fonte de suporte para os doutorandos. Fala-se aqui em suporte uma vez que muitos doutorandos tendem a revelar nos agradecimentos uma compreensão do processo vivido não exatamente como crescimento resultante da formação (que é dependente de muitos pois resulta das atividades realizadas em interação com colegas e professores), mas como superação pessoal diária.

As pessoas mencionadas, cujo relacionamento com o doutorando pode ser mais ou menos próximo, tornam a caminhada ao longo da pós-graduação menos difícil ou sofrida, e muitas vezes até mesmo agradável e alegre. Elas estão presentes física ou emocionalmente, são o foco de saudades, devendo ser ressaltada a presença diuturna de uma pessoa (ou mais de uma) com a função nem sempre amistosa de orientar, criticar, cobrar e avaliar. As pessoas são apresentadas nos agradecimentos como fundamentais para o processo, seja para a conclusão do trabalho, seja para suas atividades cotidianas e triviais. A família e o(a) cônjuge aparecem em contexto de justificação e desculpas pela ausência parcial (física e emocional) decorrente de longos períodos de isolamento, em especial durante o período de escrita do texto final da tese. O contexto em que aparecem os amigos é distinto. Eles são apresentados com importância similar à da família, porém como aqueles que distraem e direcionam de volta ao trabalho e em relação aos quais, por alguma razão, não cabem desculpas pela ausência.

O Doutorado é apontado como construção que é difícil, que gera ansiedade e angústia, mas que é recompensada pelo amadurecimento, pelos encontros e pelas expectativas positivas. As certezas são desestabilizadas; o pensamento,

inquieta, é aprofundado. Os limites, desgastes e gastos são recompensados pela superação e satisfação em finalizar um projeto, uma etapa, uma formação. Nos agradecimentos quase nada se menciona sobre futuro, expectativas, novos desafios e planos. Essa ausência é parcialmente compreensível pelo fato de uma seção de agradecimentos ser mais talhada para outro tipo de conteúdo, mas nada impediria que o assunto fosse abordado. Os doutorandos se concentram no passado, buscando explicar como chegaram até ali e registrando a superação que essa chegada representa. A ausência de menção ao futuro indica a satisfação de ter vencido uma etapa, sugerindo algo como uma “pausa” antes de enfrentar novos desafios. Não deve escapar à percepção a presença de certa ênfase exagerada no aspecto individualizante do tipo “eu realizei algo importante, eu consegui”, não tendo sido registrada qualquer menção à estrutura de ensino público que propiciou a concretização do doutorado (ainda que haja menção à bolsa de estudos individualmente auferida).

Discussão

Os autores que têm discutido a Pós-Graduação brasileira consideram que é demandado dos alunos grande investimento de tempo, financeiro, emocional e que isso tem gerado estresse, cansaço, desânimo, e, em alguns casos, sofrimento mental (Louzada & Silva Filho, 2005a; 2005b; Santos & Alves Junior, 2007). Nas condições brasileiras, é cada vez mais comum o doutorando ter iniciado essa etapa da formação logo após a conclusão do Mestrado - Mestrado esse também iniciado logo em seguida à conclusão da graduação - com o que já

terá transcorrido período de formação superior a dez anos quando o doutorando está finalizando sua tese.

Quando são comparados dados de países diferentes entre si, representando situações extremas em relação ao Brasil, é possível perceber que o país não está exatamente em qualquer desses extremos, ou seja, sua posição é intermediária entre aos casos mencionados a seguir. Na Inglaterra, por exemplo, os Programas mais bem avaliados impõem exigências que demandam ritmo acelerado de trabalho, mas o nível de empregabilidade após o término do curso é elevado, do que resulta estabilidade do sistema (Urwin & Di Pietro, 2005). Na Venezuela, tomando-se outro exemplo, a pressão sobre o pós-graduando também é grande, mas as condições tanto da formação como da probabilidade de emprego futuro compatível com a formação são muito mais desfavoráveis, do que decorre alto índice de abandono na Pós-Graduação (Dubs, 2005).

Os dados analisados neste trabalho permitem supor que o comprometimento do aluno com o Programa e com sua tese resultou, em alguns momentos, nos sintomas apontados acima. No entanto, é preciso enfatizar que a ênfase dos agradecimentos presentes nas teses está na rede de contatos e de apoio: as pessoas amenizaram o sofrimento e o tornaram não apenas suportável, mas alegre e permeado por expectativas. A possibilidade de contar com esse suporte apareceu como um dos principais fatores apontados nos agradecimentos para o enfrentamento de todas as dificuldades e finalização do curso.

As redes sociais de apoio, segundo Dessen e Braz (2000), exercem essa função de acolhimento e diminuição do sofrimento por meio de um auxílio que às vezes é instrumental e às vezes emocional. As autoras afirmam que “Os suportes

sociais recebidos e percebidos pelas pessoas são fundamentais para a manutenção da saúde mental; [e] para o enfrentamento de situações estressantes” (p. 222). Ao agradecer aos colegas e amigos como pessoas importantes no decorrer do curso, os alunos sugerem que puderam contar com apoio instrumental e emocional tal como indicado pelo estudo acima referido. O apoio instrumental pode ser visualizado nas discussões – em sala de aula e fora dela – entre os doutorandos, sugestões de colegas e outros professores e profissionais conhecedores da temática/metodologia utilizados, possibilitando a diminuição da insegurança natural do processo de escrita de um trabalho acadêmico.

O apoio emocional, às vezes proveniente também dos colegas de turma, pode ser mais observado entre amigos “de fora” da Universidade e por familiares. Tal reflexão é aqui mencionada no sentido de que para aqueles amigos ou familiares que não são e nunca foram doutorandos, é difícil perceber a intensidade com a qual o processo pode ser penoso. Em relação aos que já foram ou são doutorandos no momento, poucos compartilharão a mesma área de conhecimento, resultando, então, que a especificidade da área torna o processo vivenciado pelo pós-graduando algo único.

É possível compreender, portanto, que, em alguns momentos, o apoio instrumental pode se configurar como mais importante que o emocional. Mesmo os pais não aparecem, por exemplo, citados em agradecimentos que ressaltam as contribuições instrumentais, mas sim em relação às contribuições afetivas. Em termos de contribuição emocional, até mesmo pais que já faleceram são mencionados com carinho, caracterizados como aqueles que possibilitaram o

desenvolvimento do doutorando e foram fundamentais para suas conquistas profissionais e pessoais.

Como já foi assinalado, chama a atenção a menção aos filhos em quase metade dos agradecimentos das teses examinadas. De início é preciso mencionar a pressão social para a maternidade/paternidade, ainda presente no contexto brasileiro mesmo em relação a adultos jovens (Borlot & Trindade, 2004). De certa forma isso contrasta com a realidade dos pós-graduandos que ingressam em seus programas cada vez mais jovens (Louzada e Silva Filho, 2005b) e que vivem a necessidade de adiar a chegada dos filhos até consolidarem posição no mercado de trabalho (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007; Castelain-Meunier, 2002; Gomes & Resende, 2004; Lee & Gramotnev, 2006 e Mansur, 2003). Para o doutorando, que em geral já está na porção final da terceira década de vida, essa necessidade conflita de forma mais aguda com a pressão pela paternidade/maternidade ou pela constituição de família própria, com o que, em alguns casos, os filhos chegam durante o doutorado. Deve ser registrado que dois terços das menções a filhos (15 casos no total) apareceram em teses concluídas por mulheres, o que pode decorrer de configuração demográfica (por exemplo, maior percentual de pós-graduandas com filhos em relação aos estudantes homens) ou pode ser visto como indicação de que o sofrimento com a ausência parcial quanto ao contato com os filhos tem peso diferenciado para as mulheres, em consequência de aspectos consolidados de atribuições de gênero. Foi possível perceber também que a realização um pouco mais tardia do Doutorado ainda é realidade para pessoas que já têm sua profissão estabelecida e estão em

outra atividade profissional, daí o fato dos agradecimentos, às vezes, se estenderem até mesmo aos netos.

Como já foi registrado há menção a deus em 26 teses. A menção a deus nos agradecimentos é um ponto interessante de discussão, considerando que predominam na população do país pessoas que se declaram religiosas, mas no contexto da ciência, que circunscreve a pós-graduação, o conhecimento religioso não é valorizado, em princípio. Percebe-se, então, que a possibilidade de agradecer a Deus em uma tese não é alvo de veto oficial, ainda que o conhecimento religioso não esteja presente no corpo da tese. A menção mais frequente é feita a Deus e não a uma instituição religiosa, o que pode direcionar ao entendimento de que o suporte, nesse caso, não é dado por uma vinculação religiosa/doutrinária, mas sim pelo contexto cultural e pelas formalidades que implica. Dito de outra forma, a menção a Deus refere-se mais ao contexto de relações interpessoais e familiares do doutorando (como também ocorre quando a família é mencionada), sem qualquer conotação de apoio instrumental. É possível relacionar tal tema não apenas com as expectativas, de certa forma impositivas, de pais ou de cônjuges mas até mesmo com influências culturais mais sutis como, por exemplo, a que resulta da difusão da ideia de que mostrar sinais de religiosidade é mostrar que é alguém moralmente diferenciado (Scott e Cantarelli, 2004).

Novaes (2004) chama a atenção para um fenômeno crescente no Brasil: pessoas que afirmam acreditar em Deus sem necessariamente estarem vinculadas a uma religião. Segundo a autora é possível perceber a espiritualidade inclusive naqueles que se autodenominam agnósticos ou ateus, sendo o “temor a

Deus” e à “espiritualidade” eleitos por jovens autointitulados dessa forma quando questionados sobre “os valores mais importantes em uma sociedade ideal” (p. 324). No caso dos agradecimentos feitos pelos doutorandos, Deus pode aparecer inclusive como sendo o responsável direto pela oportunidade de estar ali, do início ao fim do processo. Nestes casos, versículos bíblicos também são citados, como parte dos agradecimentos, ou como o texto da epígrafe. Em outros agradecimentos, no entanto, não há qualquer referência à espiritualidade como algo relacionado ao Doutorado.

De forma geral, o doutoramento foi retratado como período repleto de exigências, privações e frustrações, que exige envolvimento profundo e apresenta obstáculos, mas também abre muitas possibilidades. Quadro similar tem sido relatado por pesquisadores de outros países em relação a seus próprios Programas (Rillo, Gúzman & Servín, 2009; Dubs, 2005; Urwin & Di Pietro, 2005; Drennan & Hyde, 2008; Wakeling, 2009). Para estes autores, o tempo de duração do curso, o envolvimento do pós-graduando e o suporte do Programa possibilitam que a formação tenha maior qualidade e, como consequência, que os estudantes ali preparados estejam aptos para dar continuidade às suas carreiras. Apesar de o futuro não ter sido mencionado pelos participantes nos agradecimentos, o término do Doutorado não representa apenas a conquista merecida pelos anos difíceis enfrentados; representa a conclusão de uma etapa que os direciona a outras etapas, também desafiadoras e recompensadoras, que provavelmente serão vivenciadas por eles. Para destacar um exemplo de como a situação dos pós-graduandos implica aspectos relativos ao futuro para os quais é difícil qualquer preparação, menciona-se aqui o fato de um recém doutor não poder

saber com alguma segurança onde irá viver sua vida acadêmica, ficando da dependência de concursos e outras circunstâncias pouco previsíveis.

Considerações finais

Ainda que partindo de um estudo exploratório, foi possível perceber que a inserção e a permanência no Doutorado são definidas como geradores de angústias e dificuldades vivenciadas pelos estudantes em meio a relacionamentos que podem fazer tudo parecer menos desgastante. Esses relacionamentos se referiam tanto a apoios instrumentais, ou seja, contribuições para o desenvolvimentos das atividades pertinentes à pós-graduação, como a apoios emocionais, provenientes, principalmente de familiares e amigos.

A ausência de menção aos planos futuros nos agradecimentos indica, além da ênfase no desgaste vivido, que a caminhada futura se configura como incógnita, sugerindo a importância da realização de novos estudos que acompanhem a trajetória desses profissionais em busca de carreira estável. Pode ser indispensável observar exatamente o aspecto presente com maior ênfase nos “agradecimentos”: as pessoas. No contexto dos pós-graduandos, falar de pessoas é falar também a respeito do impacto que o investimento na formação e na carreira subsequente gera na família, ou a respeito de como a formação de família própria repercute na caminhada em direção à estabilidade.

De forma geral, quase não há diferenças expressivas entre os dados produzidos por homens e mulheres, o que indica equilíbrio que pode decorrer do local em que se dá a atividade (Universidade) e da natureza da atividade (estudar e pesquisar em curso de Pós-Graduação). Tal atividade demanda a mesma

dedicação e estabelece as mesmas exigências para estudantes de ambos os sexos. Outras investigações poderiam desenvolver de forma mais específica a questão.

Compreender quem são (faixa etária, relações familiares, classe social, entre muitos outros aspectos) os estudantes da Pós-Graduação brasileira na atualidade e verificar se os fenômenos aqui observados são específicos à formação da carreira acadêmica ou atingem a classe média de forma geral são outros desafios lançados às próximas oportunidades.

Referências

- Andrade, C.C. & Holanda, A.F. (2010). Apontamentos sobre a pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 27 (2), 259-268.
- Barbosa, P.Z. & Rocha-Coutinho, M.L. (2007). Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica*, 19 (1), 163-185.
- Bauer, M.W. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: M.W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (189-217). Petrópolis: Vozes.
- Borlot, A.M.M. & Trindade, Z.A. (2004) As tecnologias de reprodução assistida e as representações sociais de filho biológico. *Estudos de Psicologia*, 9 (1), 63-70.
- Capes (2013). Dados disponíveis e acessados em 15/12/2013, em www.capes.gov.br.

- Castelain-Meunier, C. (2002). The place of fatherhood and the parental role: tensions, ambivalence and contradictions. *Current Sociology*, 50 (2), 185-201.
- Dessen, M.A. & Braz, M.P. (2000). Redes de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 221-231.
- Drennan, J. & Hyde, A. (2008). Social selection and professional regulation for Master's degrees for nurses. *Journal of Advanced Nursing*, 63 (5), 486-493.
- Dubs, R. (2005). Permanecer o desertar de los estudios de postgrado: síntesis de modelos teóricos. *Investigación y postgrado*, 20 (1), 55-79.
- Gomes, A.J.S. & Resende, V.R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2), 119-125.
- Lee, C. & Gramotnev, H. (2006). Motherhood plans among young Australian women. Who wants children these days? *Journal of Health Psychology*, 11 (1), 5-20.
- Lo Bianco, A.C.; Almeida, S.S.; Koller, S.H. & Paiva, V. (2010). A internacionalização dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia: perfil e metas de qualificação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23 (suplemento 1), 1-10.
- Louzada, R.C.R. & Silva Filho, J.F. (2005a). Formação do pesquisador e sofrimento mental: um estudo de caso. *Psicologia em Estudo*, 10 (3), 451-461.

- Louzada, R.C.R. & Silva Filho, J.F. (2005b). Pós-graduação e trabalho: um estudo sobre projetos e expectativas de doutorandos brasileiros. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 12 (2), 265-282.
- Mansur, L.H.B. (2003). Experiências de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23 (4), 2-11.
- Novaes, R. (2004). Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. *Estudos Avançados*, 18 (52), 321-330.
- Rillo, A.G.; Guzmán, M.E.A. & Servín, H.O. (2009). Evaluación del proceso educativo de un posgrado en salud mediante la participación de los estudiantes. *Educación Médica Superior*, 23 (4), 166-175.
- Santos, A.F. & Alves Junior, A. (2007). Estresse e estratégias de enfrentamento em mestrados de ciências da saúde. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (1), 104-113.
- Scott, R.P. & Cantarelli, J. (2004). Jovens, religiosidade e aquisição de conhecimentos e habilidades entre camadas populares. *Caderno CRH*, 17 (42), 375-388.
- Souza, L. & Menandro, P.R.M. (2007). Pesquisa documental em psicologia: a máquina do tempo. In: Rodrigues, M.M.P. & Menandro, P.R.M. (Orgs.). *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia*. (151-174). Vitória: UFES-PPGP / GM Editora.
- Urwin, P. & Di Pietro, G. (2005). The impact of research and teaching quality inputs on the employment outcomes of postgraduates. *Higher Education Quarterly*, 59 (4), 275-295.

Wakeling, P. (2009). Are ethnic minorities underrepresented in UK postgraduate study? *Higher Education Quarterly*, 63 (1), 86-111.

Zanella, A.V. (2004). Atividade criadora, produção de conhecimentos e formação de pesquisadores: algumas reflexões. *Psicologia & Sociedade*, 16 (1), 135-145.

ESTUDO 2: Estudantes de pós-graduação: características, projetos pessoais, e implicações sociais das condições em que realizam sua formação.

Introdução

Um estudo brasileiro publicado recentemente (Faro, 2013) sobre estudantes de pós-graduação *stricto sensu* confirma indícios apontados por outros autores, em trabalhos anteriores (Lo Bianco, Almeida, Koller, & Paiva, 2010; Louzada & Silva Filho, 2005a; Louzada & Silva Filho, 2005b; Zanella, 2004), de que as exigências cada vez mais rígidas e específicas dos Programas de pós-graduação, aliadas à insegurança quanto ao futuro profissional, têm elevado os níveis de estresse entre estes estudantes.

Apesar de perceber a preparação para atuação na carreira acadêmica como um tempo de sofrimento (Faro, 2013), o número de alunos cursando a pós-graduação tem aumentado nos últimos anos. Em 1998 existiam seis Estados brasileiros nos quais não havia estudantes de pós-graduação; nos Estados com maior incidência o número era de 36773 alunos naquele ano. Já em 2012 em todos os Estados existiam estudantes de mestrado e/ou doutorado, sendo que os Estados das Regiões Sul e Sudeste (com exceção do Espírito Santo) abrigavam de um mínimo 7861 estudantes em um deles até o máximo de 60175 alunos no Estado com maior concentração de Programas de Pós-Graduação (CAPES, 2014). Este crescimento tem sido acompanhado por uma mudança no perfil dos mestrandos e doutorandos. Se na década de 1990 os indivíduos que buscavam a

Pós-Graduação *stricto sensu* eram, em grande parte, profissionais que já atuavam como professores da graduação, atualmente o perfil é de jovens recém-formados, ainda sem experiência no mercado de trabalho ou na docência (Louzada & Silva Filho, 2005a).

Os jovens, que já foram estudantes de graduação por quatro ou cinco anos, quando se interessam pela carreira acadêmica vislumbram um período de mais seis anos, no mínimo, considerando dois anos de mestrado e quatro de doutorado, caso não haja nenhum intervalo entre um curso e outro. Como apontado em estudo anterior realizado com pós-graduandos do Estado do Espírito Santo (Ciscon-Evangelista, Leal, Oliveira & Menandro, 2012), este período como estudantes de pós-graduação implica instabilidade profissional e financeira, o que contribuiria para a decisão de protelar a formação de família, especialmente no que se refere à decisão por ter filhos, tanto para estudantes homens quanto para mulheres.

A definição de família, hoje, tem sido amplamente discutida pelos meios de comunicação, mas pesquisadores há muito questionam o modelo patriarcal tradicional como única possibilidade de formação familiar (Casey, 1992; Singly, 2007; Vaitsman, 1994). Apesar de não se apresentar como consenso, muitas das definições compreendem o cuidado de adultos para com crianças como uma das características fundamentais para a definição de família (Borges & Magalhães, 2013; Dessen, 2010).

Adiar a gestação tem sido decisão comum para jovens da classe média, de acordo com dados do IBGE (2010) e trabalhos recentes que têm tratado do tema (Passos, 2007, Rocha-Coutinho, 2007). De acordo com os autores citados, alguns

destes indivíduos e casais sequer contemplam em seus planos de vida a chegada de uma criança (Rios & Gomes, 2009).

Considerando a possível organização de um grupo social que tem aumentado em número a cada ano (os pós-graduandos) e as implicações sociais decorrentes da inserção na carreira docente, este trabalho tem por objetivo discutir, em caráter exploratório, o perfil dos estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu* e as implicações sociais de sua inserção na carreira acadêmica, principalmente no que se refere à formação de família e decisões referentes a filhos.

Procedimentos metodológicos

Para alcançar o objetivo proposto, foi elaborado um questionário que abordava algumas características do curso escolhido pelo estudante, perfil profissional e familiar, bem como as expectativas futuras relacionadas a essas áreas. Entre os meses de outubro de 2013 e março de 2014 o questionário foi disponibilizado por meio de um *link* e os participantes foram encontrados pelo método “bola de neve” em versão adaptada ao universo digital, ou seja, o *link* foi compartilhado por e-mail e nas redes sociais e aqueles que atendiam aos critérios e tivessem interesse poderiam participar. Para responder, o(a) participante deveria ser um(a) estudante de um curso de Pós-Graduação *stricto sensu* (mestrado ou doutorado) de algum Programa situado em Instituição de Ensino brasileira. Esta condição era confirmada por ele após a leitura dos objetivos da pesquisa e do termo de consentimento livre e esclarecido.

O questionário era constituído, em sua maior parte, por questões objetivas, fechadas, mas incluía algumas poucas questões com campo aberto para digitação. Em tais questões era solicitado ao respondente que escrevesse suas respostas da forma que considerasse mais apropriada. Os textos constituídos por essas respostas foram objeto de análise de conteúdo temática, tendo sido organizados em agrupamentos de conteúdos similares segundo o padrão tradicional adotado para essa modalidade de análise de dados, tal como proposto por Bardin (2000).

Resultados e discussão

Caracterização dos participantes

Foram obtidos 260 questionários respondidos. Desses participantes, 62% cursam mestrado e 38% cursam doutorado. Predominaram estudantes matriculados em instituições públicas de ensino (88%), com apenas 12% fazendo parte do corpo discente de instituições privadas.

Entre os participantes, 72% são mulheres. A ampla maioria dos respondentes pode ser considerada jovem, visto que apenas 16 participantes (aproximadamente 6,1%) têm mais de 41 anos. Considerados os demais, 179 estudantes estão na faixa entre 20 e 30 anos (68,8% do total de respondentes). Estes dados são consistentes com os apresentados por Louzada e Silva Filho (2005a) e Faro (2013), no que se refere à faixa etária dos estudantes de pós-graduação nas últimas décadas. Ainda em consistência com o apresentado por estes autores, 42% dos entrevistados ingressaram diretamente no mestrado após o término da graduação, enquanto 28% ingressaram no mercado de trabalho de

acordo com sua profissão e 16% cursaram pós-graduação *lato sensu* antes de ingressar no mestrado. O perfil do estudante de mestrado e doutorado, como já indicaram os autores acima, vem se modificando ao longo dos últimos anos. Atualmente, como indicam os dados do presente estudo, a Pós-Graduação *stricto sensu* tem sido procurada por jovens recém-formados, que vislumbram a carreira acadêmica como objetivo profissional. Dentre nossos entrevistados, 50% apontaram a carreira acadêmica como objetivo profissional como o motivo que os direcionou para o mestrado; outros alegaram procura por mais conhecimento, como foi o caso de 27% deles, com outros 14% mencionando terem buscado o mestrado para contornar as dificuldades de inserção no mercado de trabalho.

Durante este período da vida dos jovens, denominado por autores como Silveira e Wagner (2006) como “adulescência” por suas características de dependência financeira, profissional e emocional, ou como já socialmente estabelecido, com a aprovação do Estatuto da Juventude (2013), os estudantes de mestrado e doutorado muitas vezes vivenciam estas características de maneira mais intensa pelas condições impostas pela permanência como estudantes. Considerando os participantes desta pesquisa, 66% são bolsistas, o que representa, senão dedicação exclusiva, no mínimo cobranças intensas no que se refere à produção acadêmica. Além disso, 47% dos entrevistados consideram que dependem da renda de outras pessoas para sua própria manutenção. Em complemento a esta informação, 42% dos entrevistados afirmam exercer outra atividade profissional além de cursar o mestrado ou o doutorado. É possível compreender, portanto, que a preocupação com a estabilidade financeira e a necessidade de complemento da renda, seja por

auxílio de outros, seja pelo acúmulo de funções, é considerado necessário. Para os que se mantêm sob auxílio financeiro de alguém está implicada a situação de mais alguns anos de dependência, que sempre gera algum nível de desconforto dada a difundida expectativa de que, naquela idade, já deveriam “viver às suas próprias custas”, como acontece com muitos amigos e parentes da mesma faixa etária. Para aqueles que realizam outras atividades profissionais, caracteriza-se situação de sobrecarga que pode ter diversas implicações, tanto para a qualidade do aproveitamento das atividades de formação e de pesquisa que realizam, como para sua saúde física e emocional. Dos mestrandos e doutorandos que exercem outras atividades remuneradas, 25% o fazem com comprometimento de tempo na faixa de 31 a 40 horas semanais, e 12% trabalham mais de 41 horas por semana.

Relacionamentos afetivos

O Quadro 1, apresentado a seguir, reúne informações quantitativas sobre o tipo de relacionamento afetivo que estava sendo vivido pelos participantes no momento em que responderam o questionário. A proposta de incluir a alternativa pouco usual “solteiro, mas namorando...” resultou do interesse de tal informação para eventual discussão sobre adiamento de decisões sobre constituição de família própria, considerando a idade dos participantes.

Quadro 1 – Relacionamentos afetivos

	Número de participantes	Total por tipo de relacionamento	Total
Solteiro(a)	69	69	167
Solteiro(a) namorando homem	68	98	
Solteiro(a) namorando mulher	30		
Casado(a) ou em união estável com homem	73	93	93
Casado(a) ou em união estável com mulher	20		

Como se pode constatar ao examinar o Quadro 1, pouco mais de um terço dos participantes (35,7%) vivencia relacionamento de compromisso mais estável, que envolve a moradia conjunta, como o casamento ou a união estável. Outro contingente comparável em termos de volume é o dos pós-graduandos solteiros que registraram o fato de estarem em um relacionamento de namoro (37,7%), namoro esse que tanto pode referir-se a um relacionamento estável, como pode dizer respeito a relacionamento mais efêmero, do tipo referido por Levy (2009, p. 128), ao discorrer sobre o namoro na atualidade, no qual existe afeto e companheirismo, mas “não obrigatoriamente existe a intenção de constituir

família”. Completam o quadro os solteiros sem relacionamento afetivo, que constituem 26,5% dos participantes.

Dentre os que possuem um relacionamento, seja estável ou não, é possível perceber semelhanças entre os estudantes e seus companheiros(as) no que se refere à faixa etária e à escolaridade:

Tabela 1 – idade dos participantes e dos companheiros

Faixa etária	Idade dos participantes N = 259	Idade dos participantes com companheiros N = 191	Idade dos companheiros N = 191
Até 25 anos	88 (34%)	61 (31,9%)	44 (23,0%)
Entre 26 e 30	91 (35%)	63 (32,9%)	63 (32,9%)
Entre 31 e 35	49 (19%)	39 (20,4%)	43 (22,5%)
Entre 36 e 40	15 (6%)	12 (6,3%)	15 (7,8%)
Entre 41 e 45	7 (3%)	07 (3,6%)	09 (4,7%)
Entre 46 e 50	7 (3%)	07 (3,6%)	07 (3,6%)
Acima de 51	2 (0%)	02 (1,0%)	10 (5,2%)

De acordo com os dados acima, 109 parceiros(as) têm até 30 anos de idade; 58 possuem entre 31 e 40 anos; apenas 26 têm mais de 41 anos. Esta grande concentração de jovens corresponde ao alto número de jovens recém-graduados que são parte desta amostra. As idades dos respondentes, em geral, são menores do que a dos seus parceiros. Como a maior parte dos respondentes é composta por mulheres, esse dado apenas confirma a realidade cultural brasileira de considerar preferíveis relacionamentos afetivos em que o homem é um pouco mais velho que a sua parceira.

Tabela 2 – Escolaridade do(a) companheiro(a)

Escolaridade	Número de companheiros(as) citados(as)
Ensino Fundamental	0
Ensino Médio	21
Ensino Superior	76
Especialização	36
Mestrado	37
Doutorado	18
Pós-doutorado	3

Em relação à escolaridade, a similaridade verificada entre participantes e seus relacionamentos afetivos é bem clara. Nenhum participante relatou estar envolvido com alguém que tivesse apenas nível fundamental de escolaridade. Quanto aos parceiros com nível médio de ensino - vinte e um ao todo - é possível supor, levando em conta a idade média dos pós-graduandos que responderam (mais de dois terços deles têm menos de trinta anos), que ainda sejam bem jovens e estejam cursando ou pretendendo cursar algum curso universitário. O restante se distribui entre os níveis Superior e de estudos de Pós-Graduação, nas modalidades *lato sensu* e *stricto sensu*. É bastante provável que algumas destas pessoas com as quais os pós-graduandos mantêm relacionamentos afetivos também sejam estudantes de pós-graduação e, conseqüentemente, que se encontrem na mesma situação profissional, financeira e emocional dos alunos que forneceram os dados. Ainda que o conjunto de dados a respeito do tema não permita conclusões indiscutíveis, vale mencionar aqui o fato de que eles reforçam a visão de que a constituição dos relacionamentos obedece regras que caracterizam homogamia, no sentido de que os pareamentos afetivos se dão entre indivíduos com características socioculturais assemelhadas,

entre as quais a escolaridade é proeminente, tal como discutido em Almeida, Sobral e Ferrão (1997) e em Silveira, Rocha e Menandro (2003).

Os filhos

Dentre os 260 participantes, 214 relataram não ter filhos, o que representa percentual de 82,3%. Admitiram que pretendem ter ou adotar filhos 158 dos 214 participantes que ainda não são pais ou mães. No entanto, para que esses filhos planejados possam, de fato, ser concebidos, os participantes estão aguardando que determinadas condições ou situações possam se concretizar em suas vidas. A tabela 3, apresentada a seguir, mostra a frequência de menções a algumas delas:

Tabela 3 – Justificativas apresentadas como condição para que possa ser tomada a decisão de ter filhos.

Situação	Número de participantes
Ter que terminar a pós-graduação	66
Ter estabilidade profissional	78
Ter estabilidade financeira	89
Ter um(a) companheiro(a)	32
Sentir-se emocionalmente preparado(a)	47
Outros	14

Para esta questão cada participante podia fornecer mais de uma resposta. Assim sendo, deve-se considerar que as situações justificadoras mencionadas se agregam e direcionam ao reconhecimento de que, atualmente, é esperado destes jovens que apresentem determinadas condições para que não sejam

considerados(as) irresponsáveis ao decidirem pela paternidade/maternidade. Além disso, ao não contar com essas estabilidades, eles não se sentem preparados para o exercício da parentalidade. Nesse ponto, é interessante notar que, se até algumas gerações atrás o essencial para a decisão por um filho era a existência de um casamento atualmente as condições, para mulheres e homens, estão mais relacionadas à exigência de estabilidade profissional e financeira do que de um relacionamento estável e pretensamente duradouro (Coutinho & Menandro, 2010).

Os que responderam negativamente a questão sobre os planos de terem filhos foram questionados a respeito dessa decisão ter caráter provisório ou permanente. Isso facultou o acréscimo de 41 participantes ao conjunto dos que haviam afirmado que não planejavam ter filhos, já que admitiram a possibilidade de pensar no assunto quando algumas condições forem superadas. O restante dos participantes que não tem filhos afirmou que não ter filhos é uma decisão permanente.

A partir das respostas daqueles que pretendem ter filhos, foi possível observar que as justificativas se concentraram em três grandes blocos: constituição de família própria; vontade pessoal, desejo individual; e perpetuação de si mesmo. Ao longo dos próximos parágrafos serão apresentadas trechos transcritos de afirmações feitas como respostas às questões abertas constantes do questionário como ilustração de cada categoria. Os autores das afirmações são identificados por sexo (M. ou F.), por grande área de conhecimento em que está incluído seu Programa de Pós-Graduação, por Estado da Federação em que o Programa está sediado, e pelo nível de formação (Me. ou Do.).

A constituição de família tem sido, a décadas, a principal motivação para o exercício da maternidade e da paternidade. Segundo Borges e Magalhães (2013), já que a concepção de família atualmente está pluralizada e não é mais centrada no casamento, o filho assume papel cada vez mais importante para demonstrar a existência de uma família. Esta percepção é compartilhada por alguns dos estudantes, que justificaram sua decisão: “Eu e o meu namorado queremos construir e consolidar nossa futura família. Acreditamos que um filho é essencial para esse sentimento de pertença a uma família” (F., Humanas, PR, Me.). Outra fala expressa a juventude em seu tom informal, carregada, no entanto, de conteúdo moral: “Gostaria de ter filhos pois a família é o que há para salvar o mundo” (F., Exatas, PR, Me). Outros consideram os filhos como implicados, necessariamente, na constituição familiar. Um deles argumenta nos seguintes termos: “Acredito ser a família um dom precioso, sendo que a oportunidade de ter filhos é uma das experiências mais marcantes na vida do ser humano” (F., Humanas, SP, Me).

Outros participantes expressam os planos relacionados aos filhos como um desejo, uma vontade, uma fonte de realização pessoal. Um dos pós-graduandos afirmou que “Sinto vontade de ser pai” (M., Humanas, ES, Do), sem acrescentar qualquer complemento. Essa ausência de justificativas complementares à apresentação do desejo pela paternidade/maternidade foi recorrente: “Eu e meu companheiro estamos juntos há oito anos e ambos temos o desejo de ter filhos, por isso, os teremos” (F. Humanas, PE, Me). Este desejo, como colocado pelos participantes, é tão forte e está tão implícito que alguns não apresentam qualquer reflexão sobre o tema, parecendo natural para eles que assim seja. O desejo pela

parentalidade foi naturalizado pelas condições correntes do contexto sociocultural, e apesar de mudanças nos últimos anos relacionadas à liberdade de prosseguir com uma vida na qual não há espaço para filhos, sem que isso choque as pessoas com quem se interage, para muitos os filhos nunca foram objeto de avaliação e reflexão - eles simplesmente existirão assim que as situações que exigem adiamento dessa realização, já citadas acima, forem superadas.

Já desvinculando a parentalidade da noção de entrega, doação, alguns a compreendem como uma forma encontrada por eles para que seu legado como ser humano seja depositado e perpetuado em outro ser humano. Alguns afirmaram que teriam filhos para “Sentir e saber que há alguém que está para nascer com o qual eu poderia contribuir sendo pai” (M., Humanas, RN, Do). Outros argumentam no sentido de quererem perpetuar seus códigos morais: “Acho importante ter filhos, pois eles serão a continuação dos meus preceitos morais e da minha história de vida” (F., Biológicas, SP, Do). Algumas respostas revelaram outros respondentes que pensam na questão biológica da reprodução: “Quero ter filhos para manutenção do meu código genético para posteridade” (F., Engenharias, PR, Do).

Dentre aqueles que estão aguardando a superação de alguma situação para somente depois pensar nos filhos, existem os que atribuem as dificuldades especificamente ao curso de pós-graduação, a maior parte se referindo de forma explícita ao doutorado: “Cursar o doutorado exige muito tempo e dedicação, ter um filho nesse período é extremamente difícil” (M., Biológicas, MG, Do); outros responsabilizam a ausência de um(a) companheiro(a) apropriado(a) para esta possibilidade “É muito difícil encontrar o companheiro adequado, mas eu gostaria

de ter um filho” (F., Engenharias, SP, Do); e finalmente a reunião de vários fatores em uma mesma resposta: “Sonho ser mãe, mas eu e o meu namorado ainda não temos estabilidade profissional/financeira e tempo para dedicação a ele” (F., Humanas, ES, Me), expressando o impedimento como multifatorial.

Dentre aqueles que não pretendem ter filhos, as principais justificativas se distribuem por algumas poucas, mas frequentes, justificativas, a saber: as condições sociais atuais não são propícias; como decorrência da homoafetividade; e devido ao fato de não vincularem a maternidade/paternidade à realização pessoal. Sobre as condições atuais não serem propícias, a frase que mais bem exemplifica as considerações destes participantes é: “Não vale a pena ter filhos, devido a muitas circunstâncias: violência, falta de amor ao próximo, falta de caráter, dificuldades socioambientais, mundo muito populoso, entre outros” (F., Agrárias, PR, Me). Quanto à homoafetividade, as dificuldades alegadas estão relacionadas à burocracia envolvida no processo de adoção: “Sou homossexual e há uma série de entraves burocráticos, sociais e de outras naturezas à adoção de crianças por casais homoafetivos” (M., Humanas, RN, Me). A situação de maternidade ou paternidade distanciadas do conceito de realização pessoal pode ser observada por dois aspectos: há aqueles respondentes que consideram outros objetivos pessoais como prioritários - “Realizações pessoais são prioridade para mim” (F., Agrárias, SP, Do), e há aqueles cuja satisfação pessoal se apresenta completamente desvinculada de maternidade/paternidade, como exemplifica a fala de uma participante:

Ter filhos nunca esteve em meus planos, não gosto de crianças e nem tenho espaço em minha vida para um filho.

Prezo excessivamente o silêncio, o tempo dedicado aos estudos e aos cursos. Mal dou conta de manter um relacionamento (amoroso ou de amizade). Sempre tive muito claro que ter filhos não era algo que eu quisesse. Sinto-me realizada enquanto mulher e não vejo qualquer relação entre a maternidade e uma suposta felicidade. Ao contrário, penso que sou muito mais feliz e livre que minhas amigas que têm filhos. (F., Humanas, PR, Me).

Os planos envolvendo filhos aparecem como demanda geracional que permanece viva, mas que, no entanto, foi deslocada para um momento posterior na vida de muitos participantes. Assim, não mais é suficiente conhecer e se relacionar com alguém do sexo oposto como condição necessária e suficiente para que surja a necessidade de formação de família com filhos: é necessário que ambos os envolvidos tenham realizado parte de seus objetivos pessoais (os quais incluem ou correspondem aos profissionais) para que a necessidade de gerar, criar e educar uma criança venha a, eventualmente, se manifestar e se concretizar. Além disso a questão da homoafetividade foi identificada como dificuldade adicional para a concretização da chegada dos filhos: entraves burocráticos e baixa aceitação social são apontados como fatores impeditivos por estudantes homossexuais. Constatou-se também que é parte das vivências de algumas das pós-graduandas que participaram do estudo a concepção de que a maternidade não é destino obrigatório, sugerindo o amadurecimento da perspectiva cultural de que a recusa à maternidade obrigatória deve merecer compreensão e aceitação. Isso mostra que parece ser possível dizer, de forma fundamentada, que parcelas da sociedade passaram a encarar com naturalidade

a opção de mulheres, homens ou casais de não terem filhos, tal como foi observado no estudo de Rios e Gomes (2009).

Embora a pretensão da maioria dos participantes de, futuramente, terem filhos, ao responder à questão: “Como você se vê daqui a cinco anos? Quais são os seus planos?”, quase todos mencionaram o projeto de fazer parte do corpo docente de uma Instituição de Ensino Superior pública neste período. No entanto, “ter filhos” foi a resposta de apenas 37 participantes e “constituir família” para 17. Estes indicaram filhos e/ou família dentre projetos profissionais.

Referências bibliográficas

Almeida, A.N. ; Sobral, J.M. & Ferrão, J. (1997). Destinos cruzados: estruturas e processos de homogamia. *Análise Social*, 32 (4/5), 875-898.

Bardin, L. (2000). *Análise de conteúdo*. Lisboa : Edições 70.

Borges, C.C.; Magalhães, A.S. (2013). Individualism, life trajectories and plans of constituting a family. *Estudos de Psicologia*, 30 (2), 177-185.

CAPES, 2014. Geocapes: dados estatísticos. Retirado de <http://geocapes.capes.gov.br/> em 09 de março de 2014.

Casey, J. (1992). *A história da família*. São Paulo: Ática.

Ciscon-Evangelista, M.R.; Leal, L.S.; Oliveira, N.K. & Menandro, P.R.M. (2012). Pós-graduação, formação profissional e postergação da constituição de

família própria: um estudo com estudantes de mestrado e doutorado. *Psicologia e Saber Social*, 1 (2), 265-277.

Coutinho, S.M.S. & Menandro, P.R.M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: que seja *terno* enquanto *dure*. *Psicologia Clínica*, 22 (2), 83-106.

Dessen, M.A. (2010). Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30 (núm. esp.), 202-219.

Estatuto da Juventude (2013). Disponível em <http://www.juventude.gov.br/estatuto>

Faro, A. (2013). Estresse e estressores na Pós-Graduação: estudo com mestrandos e doutorandos no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29 (1), 51-60.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.

Levy, M.S.F. (2009). A escolha do cônjuge. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 26 (1), 117-133.

Lo Bianco, A. C., Almeida, S. S., Koller, S. H., & Paiva, V. (2010). A internacionalização dos programas de pós-graduação em Psicologia: Perfil e metas de qualificação. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 23(supl. 1), 1-10.

- Louzada, R. C. R., & Silva Filho, J. F. S. (2005a). Pós-graduação e trabalho: Um estudo sobre projetos e expectativas de doutorandos brasileiros. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 12(2), 265-282.
- Louzada, R. C. R., & Silva Filho, J. F. S. (2005b). Formação do pesquisador e sofrimento mental: Um estudo de caso. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 451-461.
- Passos, M.C. (2007). Funções materna e paterna nas famílias homoparentais. Em: T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rios, M.G.; Gomes, I.C. (2009). Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estudos de Psicologia*, 26 (2), 215-225.
- Rocha-Coutinho, M.L. (2007). Família e emprego: conflitos e expectativas de mulheres executivas e de mulheres com um trabalho. Em: T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Silveira, A.E.; Rocha, M.L. & Menandro, P.R.M. (2003). Estudo exploratório do relacionamento conjugal em casais com um dos cônjuges brasileiro. *Psicologia Clínica*, 15 (2), 31-48.
- Silveira, P.G.; Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, 23 (4), 441-453.

Singly, F. (2007). *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.

Zanella, A. V. (2004). Atividade criadora, produção de conhecimentos e formação de pesquisadores: Algumas reflexões. *Psicologia & Sociedade*, 16, 135-145.

ESTUDO 3: Pós-Graduação, formação profissional e postergação da constituição de família própria: um estudo com estudantes de mestrado e doutorado¹

Resumo

Transformações sociais têm possibilitado às mulheres a busca por maior escolarização, resultante de um desejo de construção e solidificação de carreira profissional bem sucedida, bem como aproximação afetiva e em termos de responsabilidades de homens em relação a filhos, especialmente quando a referência é a jovens pertencentes à classe média. Considerando a carreira acadêmica como uma das que exige a formação mais prolongada, buscou-se identificar as representações sociais de maternidade, paternidade, família e projeto profissional para os estudantes de Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. Participaram do estudo 74 mulheres e 46 homens, totalizando 120 alunos matriculados em Programas de Pós-graduação *stricto sensu* da referida Universidade. O instrumento utilizado foi composto por um questionário para obtenção dos dados sócio-demográficos dos estudantes, termos indutores objetivando a evocação de até cinco termos relacionados a elas, e questões complementares às evocações. As evocações foram analisadas com a utilização do software EVOC. Foi possível observar que as representações sociais de maternidade e paternidade contém elementos que correspondem a papéis tradicionais de pai e mãe, como a responsabilização por maior parte das tarefas domésticas para a mãe e o provimento financeiro para o pai, mas também contém elementos que expressam as transformações sociais nos

¹ Artigo publicado na Revista Psicologia e Saber Social. (2012), v.1, n.2, pp. 265-277.

relacionamentos e expectativas em relação a cada um, como a busca, pela mulher, de uma carreira que resulte em provimento financeiro e realização pessoal, e pelo homem de um exercício de paternidade menos autoritário e mais afetivo.

Palavras-chave: pós-graduação; maternidade; paternidade; carreira; representações sociais.

Introdução

Em decorrência do aumento expressivo do número de mulheres de classe média no mercado de trabalho, ocorreram mudanças significativas relativas à formação de família, à construção da carreira profissional, implicando diferenças de gênero que se tornaram cenário para discussões e pesquisas em tais temáticas. Fatores como o interesse no desenvolvimento de carreira e a necessidade de aumentar a receita doméstica para incorporar novos bens de consumo (Galeazzi, 2001) incentivaram investimento ampliado na escolarização e na formação profissional. Ao priorizarem estabilidade profissional e financeira, muitas mulheres, principalmente da classe média, têm optado por adiar a união matrimonial e/ou a maternidade. Outras mudanças, baseadas também nas transformações nas relações de gênero ocorridas nas últimas décadas, têm sido observadas: queda do número de filhos por casal; concretização crescente da independência e da autonomia feminina na classe média; e reconhecimento da igualdade de direitos em relação aos homens (Teykal & Rocha-Coutinho, 2007; Jablonski, 2007).

Considerando estas transformações, é possível afirmar que o modelo tradicional de família nuclear em que o papel do pai era o de provedor financeiro e o da mãe envolvia a responsabilidade pelos cuidados da casa e dos filhos passou a ser questionado, principalmente por pessoas com maior nível de instrução ou com mais acesso às informações concernentes a esse tema (Rocha-Coutinho, 2007). A família em que apenas um dos genitores saía de casa para trabalhar passou a se deparar, habitualmente, com uma realidade em que ambos estão encarregados de trabalhar fora do espaço doméstico (Jablonski, 2007), devendo ser considerado ainda que tanto para homens como para mulheres, até pelo maior nível de escolaridade implicado, passou a haver necessidade de investimento nas carreiras, principalmente de dedicação a atividades de aperfeiçoamento profissional.

Essa mudança na configuração da família tradicional de classe média permitiu a redefinição de papéis e de atribuições de homens e mulheres diante do novo modelo de família (Gomes & Resende, 2004). A saída dessa mulher do ambiente familiar pelo maior engajamento profissional fez com que as funções do homem na família sofressem impacto, não mais se limitando ao provimento do sustento financeiro, pois as finanças da casa passaram a ser caracterizadas por co-provimento e as exigências de dedicação às carreiras tornaram-se mais equilibradas.

Essa nova condição dificultou a manutenção da modalidade tradicional de cuidados com filhos e com a casa, na qual tais cuidados eram atribuição exclusivamente feminina. Sendo assim, em paralelo com novas soluções profissionais para o cuidado com os filhos e com a casa, muitos homens

passaram e se envolver com o cotidiano das tarefas relativas aos cuidados familiares, relacionando-se de forma mais afetiva com os filhos, o que denota mudança nas funções relacionadas à paternidade e à masculinidade (Teykal & Rocha-Coutinho, 2007; Welzer-Lang, 2001). Para Garfield, Clark-Kauffman e Davis (2006) a paternidade precisa ser mais bem compreendida, pois já não existiria uma caracterização homogênea para o seu exercício, uma vez que ela pode ser exercida no contexto de diferentes configurações familiares.

Entretanto, como fazem Araújo e Scalon (2005), é importante ressaltar que, embora a participação dos homens nos cuidados com a família tenha aumentado, grande parte das tarefas de casa ainda é exercida pelas mulheres, evidenciando distribuição desigual de responsabilidades entre os sexos e assimetria na configuração das funções próprias de cada um – o que permite falar em hierarquia de funções.

Segundo Tabak (2003) as mulheres que constroem carreira têm de percorrer muitos obstáculos, assim como a conciliação da carreira com a vida familiar, as responsabilidades destinadas ao gênero feminino de cuidados com o lar e, além disso, têm que lidar com o preconceito ainda existente na sociedade em relação à competência feminina. Todos esses fatores fazem com que algumas mulheres não consigam levar adiante o investimento na carreira e acabem optando por dedicar um tempo expressivo exclusivamente à família em detrimento do trabalho fora da esfera doméstica. O esforço para atender as expectativas culturalmente consolidadas de conciliar exigências do trabalho e da família pode levar a mulher a devotar maior atenção e dedicação à família. Por consequência, muitas acabam deixando de lado o investimento em carreiras de maior remuneração e *status*

social (Rocha-Coutinho, 2007). Em pesquisas anteriores, Jablonski (2007) constatou que, na chegada da maternidade, mesmo mulheres que investiam muito na carreira profissional passaram a dedicar tempo maior aos cuidados com a família. As mudanças ocorridas com a chegada de um filho colocam a mulher, caso suas condições socioeconômicas permitam, em uma encruzilhada de decisões e de estabelecimento de prioridades. O tempo investido na carreira precisa, nestas circunstâncias, ser redefinido e compartilhado com os cuidados familiares.

Todavia, mesmo com as dificuldades colocadas como óbices ao exercício profissional feminino, as pesquisas evidenciam grande aumento do contingente de mulheres que buscam trabalho fora de casa, não somente para complementar a renda financeira familiar, mas objetivando sucesso na carreira profissional, que passou a ser vista como parte da realização pessoal e social, como afirmam Goldenberg (2000) e Rocha-Coutinho (2003). Para isso, o número de mulheres que investem seu tempo na ampliação da escolarização tende a aumentar com o passar dos anos, já que para ocupar cargos de nível superior no mercado de trabalho é necessário apresentar elevado patamar de instrução acadêmica.

Uma situação que ilustra de forma precisa essa realidade, e que interessa ao presente estudo, é a de homens e mulheres que dedicam-se à Pós-Graduação *stricto sensu*, que constitui extensão expressiva do tempo de estudo e que, muitas vezes, exige adiamento da entrada formal no mercado de trabalho (preferencialmente, em tal caso, na carreira acadêmica). O crescimento da pós-graduação brasileira nas últimas décadas propiciou o surgimento de grandes grupos de pessoas (usualmente jovens), que vivem tal situação de ampliação do

tempo dedicado à preparação profissional. Confirmam a afirmação precedente dados registrados na página institucional da Capes que informam que no ano de 2011 o número de pós-graduandos matriculados alcançou 187.760 pessoas: 104.178 em Mestrados Acadêmicos, 71.387 em Doutorados, 12.195 em Mestrados Profissionais. São números expressivos aos quais se somam 55.047 titulados no mesmo ano (39.220 Mestres, 12.217 Doutores, 3.610 Mestres em Programas Profissionais).

Existem estudos disponíveis sobre certas questões pertinentes a esses pós-graduandos brasileiros, mas o foco principal está na construção do projeto profissional e na formação para a ciência, o que inclui características do ambiente de formação, além das expectativas de inserção no campo da ciência (são exemplos: Louzada e Silva Filho, 2005; Louzada e Silva Filho, 2008; Pardo e Colnago, 2011). Na presente investigação os projetos profissionais também foram focalizados, mas além deles houve interesse na repercussão da ampliação do tempo de formação, e do conseqüente retardamento do ingresso no mercado profissional, sobre outras preocupações dos pós-graduandos, expressadas em suas concepções sobre família, maternidade e paternidade, ou seja, preocupações relativas à constituição da família própria.

Para melhor expandir a análise das mudanças que vem ocorrendo nos novos moldes da família contemporânea e na articulação das diferenças entre homens e mulheres no que tange às escolhas entre formação de família e investimento na carreira acadêmica, utilizou-se como referência a Teoria das Representações Sociais. De acordo com Moscovici (1961) as representações sociais consistem em “um corpus organizado de conhecimentos e uma das

atividades psíquicas graças às quais os homens tornam a realidade física e social inteligível, se inserem num grupo ou numa relação cotidiana de trocas, liberam o poder da sua imaginação” (Moscovici, 1961, 27-28).

As representações sociais relacionam o conhecimento produzido no cotidiano com a apropriação de novas ideias, novos conceitos que podem passar a ser reconhecíveis e funcionais no âmbito das interações que ocorrem em determinado contexto cultural, contexto esse que deve ser entendido como passível de transformações. De acordo com tal visão fica claro que as representações sociais têm um aspecto dinâmico, uma vez que “exprimem a relação de um sujeito com um objeto, relação que envolve uma atividade de construção, de modelização e de simbolização (Vala, 1997, 357). Como ressaltam Coutinho e Menandro (2009), as representações sociais “envolvem uma atividade de reconstrução da realidade, de organização significativa, adquirindo um status de realidade natural para as pessoas” (p. 57). Marková (2006) destacou que há interesse especial da Teoria das Representações Sociais nos fenômenos que geram tensão, que interferem com o consensual e com o rotineiro, e que por isso ficam ressaltados para serem debatidos pelos setores sociais aos quais dizem respeito. É razoável pensar que o contexto no qual atuam os pós-graduandos, caracterizando uma vida de estudante prolongada de forma até então desconhecida pela sociedade, envolvendo ainda o adiamento de casamento e de filhos, é um desses fenômenos que podem ser percebidos como incômodos para as tradições consolidadas.

Foi feita a opção de trabalhar com uma perspectiva específica de compreensão das representações sociais. Segundo Abric (2000), tais

representações são compostas por um sistema que integra um núcleo central a camadas de núcleos periféricos que têm funções específicas, mas que se complementam. A Teoria do Núcleo Central foi proposta por Abric em 1994 e se aplicou ao estudo das representações sociais tanto no sentido de sua explicação como também ao processo de transformação das representações. O que foi observado por Abric é que as representações são compostas por elementos contraditórios que, ao mesmo tempo em que fornecem a elas um caráter rígido e estável também proporcionam um tipo de flexibilidade que possibilita mudanças. Assim, a constituição da representação em dois componentes - o núcleo central e o núcleo periférico - como já foi mencionado, é acompanhada de um sistema duplo de funções. O núcleo central é o centro da representação. Ele incorpora valores e conceitos da cultura que perpassam as gerações, não se altera com facilidade, e tem como função específica prover o significado mais essencial de uma representação, ou seja, seus elementos constituintes centrais. Os núcleos periféricos englobam todos os elementos que contribuem para a ligação entre o sistema central e o contexto real, cuja função é atualizar e modificar os conteúdos da representação, o que implica serem mais flexíveis, o que contribui para que se ajustem e se moldem às mudanças no decorrer do tempo. O processo de mudança das representações depende desse sistema, enquanto compete aos elementos centrais o processo de ressignificação ou manutenção da representação.

No presente estudo foram coletados dados que dizem respeito à representação social de maternidade/paternidade, com a complementação das representações de família e projeto profissional para estudantes inscritos em

Programas de Pós-Graduação *stricto-sensu* da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Objetivos

A partir do dilema potencial entre longo investimento em carreira acadêmica (vários anos dedicados à Pós-Graduação) e formação de família; e objetivando a compreensão das representações que embasam o processo de decisão e as estratégias de enfrentamento de uma população que tem crescido na classe média, buscou-se identificar as representações sociais de maternidade, paternidade, família e projeto profissional para os estudantes de Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo.

Método

Participaram do estudo 120 alunos matriculados em 29 dos 35 Programas de Pós-graduação (*stricto sensu*) da Universidade Federal do Espírito Santo existentes na época, sendo 74 mulheres e 46 homens.

A coleta de dados foi realizada por meio de procedimento com três etapas: a) aplicação de questionário para obtenção de dados sócio-demográficos, detalhando questões referentes à formação de família; b) aplicação de procedimento de evocação no qual o participante recebia a solicitação de dizer cinco palavras que lhe vinham à mente quando ouvia um termo indutor apresentado pelo pesquisador, tendo sido utilizados quatro termos indutores: ser pai; ser mãe; família; projeto profissional. Os mesmos termos indutores foram apresentados aos participantes, independentemente de serem homens ou

mulheres; c) questões complementares às evocações, buscando esclarecimentos sobre o sentido com que eventuais termos evocados estavam sendo utilizados. As evocações foram analisadas com a utilização do software EVOC (*Ensemble de Programmes/Analyse des Évocations*) (Vergès, 2000), que agrupa os termos evocados em diferentes categorias de ponderação na composição da representação do objeto referido pelo termo indutor, levando em conta tanto a frequência como a ordem de menção de cada termo evocado, sempre considerando o quadro completo das evocações (quantidade e dispersão no conjunto dos termos evocados).

Resultados

Do conjunto de participantes, 100 eram mestrandos e 20 doutorandos, sendo 74 mulheres e 46 homens. A maioria dos entrevistados tinha entre 24 e 29 anos (51,7%), mas também havia participantes com menos de 24 (15,8%), com o que se configura uma distribuição na qual dois terços dos participantes tinham idade não superior a 29 anos. Apenas 4 participantes (3,3%) tinham mais de 48 anos de idade. Eram bolsistas 65% dos participantes, havendo alguma superposição com os 44% que declararam ter outras atividades profissionais, assim como com os 44,5% que disseram depender da renda de outras pessoas para complementação financeira. Apenas 25 estudantes tinham filhos, 15 deles com um filho, 6 com dois filhos, 3 com três filhos e somente uma pessoa com cinco filhos. Eram casados ou viviam em união estável 44 estudantes.

Os dados obtidos com o procedimento de indução, com ajustes resultantes do procedimento de esclarecimento dos termos evocados, foram submetidos ao

processamento efetuado *software* EVOC (Vergés, 2000). Palavras com significado próximo foram agrupadas e substituídas pelo termo mais frequente (Wachelcke & Wolter, 2011). O *software* EVOC gera uma organização das evocações obtidas para cada termo indutor em quadrantes, cada um deles refletindo diferenças na frequência de determinada evocação e na ordem média de evocação, lembrando que cada participante deveria informar cinco evocações.

O quadrante superior esquerdo é formado pelas evocações mais frequentes e com ordem de evocação média menor. É possível considerar que esse conjunto de termos constitui o que pode ser considerado como núcleo central da representação social em foco, contendo ideias e conceitos sobre os quais a representação está estruturada, caracterizando seus componentes mais básicos, aqueles que não se alteram facilmente (Sá, 1999; Abric, 2000). Os termos desse quadrante informam os elementos centrais da representação, ou seja, aqueles considerados primordiais para a memória compartilhada de determinado grupo. Os demais quadrantes periféricos apresentam diferentes gradações dos elementos que podem se modificar com o passar do tempo e que advêm da articulação dos elementos centrais com os elementos do cotidiano, do contexto atual, constituindo a parte da representação mais flexível e passível de modificações no decorrer no tempo (Abric, 2000).

As evocações geradas pelo termo indutor “Família”, processadas por EVOC, são apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 1. Evocações em resposta ao termo indutor “Família”.

	Média < 2,5		Média >= 2,5			
Frequência >= 11	amor	41	2,439	afeto	20	2,950
	suporte	67	2,104	conflitos	23	2,957
	vínculos	63	1,905	felicidade	25	2,600
				responsabilidade-dedicação	11	2,818
Frequência < 11	confiança	6	2,333	princípios-valores	9	2,889
	importante	6	2,167	referência	6	2,833
	tudo	8	1,000	respeito	10	3,500

No quadrante correspondente ao núcleo central do termo “família” é possível perceber uma noção de família idealizada, constituída por “amor”, que propicia “suporte” ao pós-graduando, e na qual estão presentes “vínculos” entre seus membros. Termos agrupados no segundo quadrante corroboram essa visão, enfatizando a presença de “afetos”, “felicidade”, ao mesmo tempo em que se explicita a “responsabilidade-dedicação”, devendo ser ressaltada ainda, a partir de palavras classificadas nos quadrantes mais periféricos, a apresentação da família como contexto de “confiança”, de aprendizagem de “princípios-valores”. Embora o termo “conflitos” tenha aparecido no segundo quadrante, ele não tem,

necessariamente, caráter negativo, podendo estar apenas indicando que o conflito faz parte do desenvolvimento dos indivíduos e aponta para uma ideia de família menos romantizada, talvez expressando uma referência mais pessoal. O fato da palavra “respeito” aparecer como elemento periférico para “Família”, para “Ser Mãe”, e para “Ser Pai”, favorece a ressalva apresentada acima.

As palavras “suporte” e “confiança” remetem à ideia de família como estrutura/suporte que possibilita o acesso aos níveis mais altos de instrução, uma vez que a palavra “família” aparece relacionada ao termo “projeto profissional”, ainda que na periferia mais distante. É possível perceber, portanto, que a família representada como sendo fundamental parece fazer referência mais direta à família de origem do que à família que se espera constituir. De forma similar ao que foi verificado nos estudo de Jablonski (2007), o investimento na família pode ser deixado um pouco de lado em função da dedicação à carreira e, no caso mais específico das mulheres, em relação ao exercício da maternidade.

São apresentadas a seguir as evocações obtidas para o termo indutor “Ser Mãe”, conforme processamento do EVOC.

Quadro 2. Evocações em resposta ao termo indutor “Ser Mãe”

	Média < 2,4		Média >= 2,4			
Frequência >= 11	amor	65	2,138	alegria-desejo	42	2,452
	renúncia	37	2,324	companheira	11	2,545
	responsabilidade-dedicação	82	1,976	ocupação	11	2,545
	cuidados-com-o-bebê	23	2,130			
Frequência < 11	amor-incondicional	4	1,750	casamento	9	2,778
	filhos	8	2,000	compreensão	4	3,000
	referência	6	2,333	coragem	4	3,000
	sentimentos-ambíguos	4	1,500	ganhos-pessoais	4	2,500
				insegurança-medo	4	2,500
				respeito	4	3,250
				sustento	6	3,667

No núcleo central da representação social de “ser mãe” encontram-se as palavras “amor”, “renúncia”, “responsabilidade-dedicação” e “cuidados-com-o-bebê”, ou seja, palavras que expressam, em seu conjunto, tanto a noção de se ocupar com o filho (cuidar, se dedicar, ser responsável por alguém), como a visão de que há um componente afetivo no sentido de que tal fazer envolve amor e renúncia. Tal noção de responsabilidade pode estar na base do processo que leva, muitas vezes, ao afastamento de mulheres ligadas ao mundo do trabalho do exercício da maternidade, o que exige grande dispêndio de tempo e energia, como assinala Rocha-Coutinho (2007).

No segundo quadrante, os mesmos componentes que associam maternidade com atividades a serem cumpridas, e que envolve contexto afetivo positivo, estão presentes, ainda que tenham sofrido algumas transformações. A maternidade é desejada, envolve alegria. A natureza da ocupação de mãe, se caracteriza por companheirismo. É importante considerar que a palavra “ocupação” também remete à possibilidade ou necessidade de trabalhar profissionalmente, ou seja, ao trabalho exercido fora da esfera doméstica. Tal possibilidade encontra indício adicional no quarto quadrante, com a evocação da palavra sustento.

Nos demais quadrantes (terceiro e quarto) está retratada a ambiguidade, evidenciada tanto pela menção direta do termo “sentimentos-ambíguos” (deixando o terreno exclusivo dos afetos positivos), como pelas oposições ressaltadas: coragem e medo; ser referência, mas também estar inseguro; ter ganhos pessoais, ainda que com preocupação com o sustento. Termos como esses podem ser tomados como referência à aspiração pela maternidade acompanhada da compreensão de eventual desvantagem que ela pode implicar. Com isso, é possível apontar a possível compatibilidade dos elementos mencionados com a realidade brasileira de redução do número de filhos por mulher, uma vez que atribuições adicionais à maternidade, como a ocupação profissional, passaram a compor o conjunto de elementos centrais na vida da mulher contemporânea (Rocha-Coutinho, 2007) e a compor o espaço de realização, antes sempre destacadamente ligado à maternidade.

Retoma-se aqui o elemento “amor” que, embora apareça como aspecto significativo para a representação de “ser mãe”, não evidencia romantização da

representação de maternidade, o que indica esmaecimento da representação tradicional que conflita com a mulher profissional, com a qual os participantes do estudo têm mais contato e mais identificação. Isso se relaciona com o que observou Jablonski (2007), o que o levou a ressaltar que a chegada da maternidade é momento em que o investimento na carreira fica enfraquecido pela concorrência do tempo que o novo membro na família exige dessa mulher, fazendo com que muitas delas deixem em suspensão, por certo período, o exercício da carreira. A opção é adiar ou se abster da maternidade, de forma que a carreira não seja prejudicada. Assim, “alegria-desejo” foi um termo evocado por vários participantes, indicando que ser mãe desperta alegria e que existe o anseio de que isso aconteça. Voltando ao termo “sustento”, cabe observar que a tradição o vinculava exclusivamente ao pai, mas nos dados obtidos no presente estudo já aparece como constituinte da representação das atribuições maternas. As palavras “ganhos-pessoais” e “casamento” encontram lugar nos elementos periféricos mais distantes, denotando a ideia de que elementos antes fortemente relacionados à maternidade já não são mais vistos como fundamentais ou centrais: não é mais preciso estar presente a composição casamento e filhos (elementos antes vinculados de forma quase automática), ao mesmo tempo em que se assinala que os ganhos pessoais existem para a mulher, mas eles são apenas mais um dos elementos, e não o mais importante.

Tanto para homens quanto para mulheres participantes do estudo, é possível verificar alto investimento na construção da carreira (acadêmica) - o que de fato era esperado de um grupo de pós-graduandos - como evidenciam os

dados de evocação obtidos para o termo indutor “Projeto Profissional”, disponíveis no Quadro 3, que se segue.

Quadro 3. Evocações em resposta ao termo indutor “Projeto Profissional”.

	Média < 2,3		Média >= 2,3			
Frequência >= 12	conquistas-realizações	43	2,163	docência	3	2,533
	estabilidade-remuneração	84	2,238	reconhecimento	12	3,250
	futuro	26	1,962	satisfação	25	2,480
	qualificação-profissional	80	2,125	universidade	16	2,500
	responsabilidade-dedicação	23	2,217	utilidade-social	13	2,538
Frequência < 12	dificuldade	9	1,889	família	9	3,000
	tempo	7	2,143			

No quadrante correspondente ao núcleo central de “projeto profissional” podem ser observados elementos que remetem ao “futuro” desejado, que será repleto de “conquistas-realizações”, que propiciará “estabilidade-remuneração” decorrente da “qualificação-profissional”, e que se confirmará se houver “responsabilidade-dedicação”. Este último elemento está ligado ao terceiro quadrante, caracterizado pelas palavras “dificuldade” e “tempo”. Apesar deste representar a zona de contraste, o terceiro quadrante, com palavras que remetem aos custos e às dificuldades de investir na carreira escolhida, não corresponde necessariamente a uma contradição, mas a uma complementação do espectro,

uma vez que é a dedicação no presente que possibilitará as recompensas do futuro, presentes no núcleo central da representação.

O segundo quadrante demonstra a materialização desses sonhos, ao considerar as palavras “docência”, “universidade” e “utilidade-social”, esta última possibilitando considerar que existe um desejo que vai além dos benefícios próprios apresentados no núcleo central ao se considerar o projeto profissional. A “satisfação” e o “reconhecimento” são resultados das conquistas citadas no primeiro quadrante. Constatou-se ausência de menções significativas à ciência ou à pesquisa. Embora seja possível argumentar que tais termos estejam subjacentes à realidade da docência universitária, é curioso que não tenham sido evocados por integrantes de um grupo envolvido em atividade cujo cerne é a formação científica. Tal situação não se verificou nos estudos de Louzada e Silva Filho (2008) e de Pardo e Colnago (2011), mas a diferença pode ter decorrido do fato de terem sido empregados instrumentos de coleta distintos.

A palavra “família” aparece na periferia mais distante e pode estar vinculada à referência à família como suporte, como constatado anteriormente, ou ainda à família que se deseja constituir, para a qual se está “tentando conseguir um espaço” em meio a tanto investimento na carreira. Seria de se esperar, hoje, dados desse tipo também da mulher/mãe, mas eles ainda aparecem como responsabilidade especialmente importante para o pai.

No Quadro 4, mostrado a seguir, aparecem as evocações surgidas a partir do Termo indutor “Ser Pai”, distribuídas nos quadrantes conforme o processamento por EVOC.

Quadro 4. Evocações em resposta ao termo indutor “Ser Pai”.

	Média < 2,6		Média >= 2,6			
frequência >= 10	amizade	23	2,174	afeto	51	2,745
	cuidado	32	2,219	educar	15	3,067
	exemplo	15	2,267	felicidade	16	2,625
	família	10	1,900	mudança	10	2,900
	provedor	22	2,136	protetor	10	2,800
	responsabilidade	31	2,194	trabalhador	11	2,909
frequência < 10	abdicação	3	2,000	apoio	3	3,000
	atenção	5	2,600	autoridade	4	2,750
	ausência	3	1,333	disponibilidade	3	3,333
	compromisso	6	2,333	firmeza	3	4,000
	difícil	5	2,200	lúdico	6	3,000
	força	4	2,500	paciência	5	3,200
	participação	5	2,400	presença	7	2,714
				realização	5	3,400
				respeito	6	3,000

No quadrante correspondente ao núcleo central da representação da condição de “ser pai”, amizade aparece como uma das principais ideias associadas à paternidade, indicando um relacionamento próximo e afetivo, o que se distancia de representações mais tradicionais nas quais o pai é apresentado, quase exclusivamente, como provedor. Elementos que, por tradição, poderiam ser considerados mais ligados à maternidade, como “abdicação”, “realização”, “disponibilidade”, “felicidade” e “cuidado”, também estão presentes nas representações sociais de “ser pai”. Tais mudanças podem estar relacionadas

com as redefinições de papéis de homens e mulheres no modelo de família contemporânea, em que o homem tem se envolvido mais com as questões de cuidado afetivo da família, como propõem Teykal e Rocha-Coutinho (2007) e Welzer-Lang (2001). Por outro lado, vale ressaltar que os dados obtidos mostram que a palavra “amor” foi evocada para os termos “Família” e “Ser Mãe”, mas não para “Ser Pai”.

No quadrante em que se expressa o núcleo central pode ser observada, ainda, a palavra “provedor” que, aliada à palavra “trabalhador” encontrada no segundo quadrante, transmite a ideia de que o pai ainda é visto como o principal responsável pelo sustento financeiro da família, mas não o único, como indica a presença, ainda que mais periférica, de elementos evocados relativos ao sustento quando estava em jogo o indutor “Ser Mãe”, como já foi visto. Das evocações estimuladas pelo termo “Ser Pai” constaram também as palavras “autoridade”, “firmeza” e “respeito”, em condição bem mais periférica, ou seja, no quarto quadrante. Tal informação é importante uma vez que essas características, em conjunto com a condição de ser “provedor”, constituíam elementos tradicionalmente definidores da paternidade. A posição periférica de tais características pode ser tomada como indicação de que “autoridade” e “firmeza”, como indicação de que o poder da palavra final na família é do pai, sofreu abalo, tanto pela crescente autoridade da mãe quanto pela sedimentação da perspectiva segundo a qual é útil e desejável aceitar o debate ao longo do desenvolvimento dos filhos como alternativa ao autoritarismo.

É importante destacar, todavia, que mesmo com participantes com alto nível de escolarização, e mesmo considerando e mencionado contexto de mudanças,

foi possível constatar, em algum grau, a reprodução de modelos mais antigos relativos às funções exercidas pelo homem e pela mulher na sociedade, inclusive a função masculina de prover o sustento da família. Costa & Camino (2003) sugerem a importância de considerar que o processo de idealização do que é ser-homem passa pela determinação biológica; logo, é função do “macho” proteger sua prole e prover o sustento desta, ainda que a configuração tradicional – e patriarcal – de família já não seja a realidade predominante (Garfield, Clark-Kauffman & Davis, 2006).

Em grupo de participantes constituído majoritariamente por estudantes jovens, bolsistas e sem filhos, as vivências relacionadas à família, incluindo questões como maternidade e paternidade, estão mais relacionadas às próprias famílias de origem do que às famílias que pretendem formar. Esta identificação se dá pela representação de projeto profissional, encontrado aqui como sendo o depositário de toda dedicação e esforços atuais visando as recompensas futuras. Assim, as representações sociais relacionadas aos termos indutores mantém elementos tradicionais, uma vez que estes são temas mobilizadores de vários grupos diferentes. Mas essas próprias representações, ao incorporarem novos elementos – ou a recolocarem elementos que nelas já estavam presentes em condição menos significativa – indicam coesão grupal, o que permite tanto identificação com as principais questões vivenciadas por eles (a inserção na carreira acadêmica), quanto novos valores atribuídos por eles a elementos constituintes das representações, que se contextualizam para atender as demandas sociais daquele grupo.

Discussão

As evidências coletadas mostram que diferenças de gênero ainda se expressam com relativo vigor, mesmo no ambiente sociocultural acadêmico, no qual se espera que mudanças associadas a contextos em transformação encontrem abrigo com maior facilidade. O aumento do número de mulheres no exercício da carreira acadêmica não é garantia de que elas, tomadas como categoria, possam exercer sua atividade em condições niveladas com aquelas vigentes para os homens, ou seja, compartilhando as mesmas chances de usufruírem prestígio profissional, uma vez que, como foi citado, as tarefas da casa e as de cuidados com os filhos ainda são funções primordialmente desempenhadas pelo contingente feminino e são corroboradas pela construção histórica e social do lugar ocupado pela mulher nas relações sociais concretas (Costa & Caminho, 2003). Recorda-se aqui que

Para Tabak (2003) a razão pela qual o número pequeno de mulheres comparado ao grupo masculino se direciona para a carreira acadêmica se deve a uma gama de fatores (lembrando aqui que esse desequilíbrio é menos acentuado nas áreas de conhecimento em que predominam profissionais do sexo feminino, mas mesmo em tais casos ocorre). Um deles é a falta de incentivo, principalmente da família, em relação à escolha de carreiras que em nossa sociedade patriarcal são ainda parte do padrão de hegemonia masculina. No caso, pode estar em jogo o fato de tratar-se de ensino “superior” (já que em outros níveis de ensino há presença marcante de mulheres), e que envolve uma carreira que exige investimento e dedicação continuados, reduzindo a disponibilidade de tempo totalmente dedicado à família. Romper com essa configuração de estereótipo

sexual bem marcado pela profissão ainda é um desafio a ser enfrentado pelas mulheres que ingressam no ambiente acadêmico.

Embora tenha se construído uma idealização e uma hierarquização das funções sociais de homens e mulheres, caracterizando diferenciação por gêneros, as representações sociais a este respeito vão se modificando de forma contextualizada com as transformações das práticas sociais e das informações que circulam nos ambientes sociais. No presente estudo foi possível perceber o avanço feminino em termos de possibilidades de construção de uma carreira acadêmica, ora conciliada com a formação de família própria, ora não. Mesmo a mulher tendo que lidar com dupla jornada de trabalho (em casa e no contexto profissional), estudos como os de Goldenberg (2000) e de Rocha-Coutinho (2003) indicaram que a busca pela construção da carreira não está relacionada apenas à complementação do sustento familiar, mas constitui importante elemento da realização pessoal e familiar. É significativo verificar que a única palavra evocada para todos os quatro termos indutores – “Família”, “Ser Mãe”, “Projeto Profissional” e “Ser Pai” – foi “responsabilidade”.

Cabe também ressaltar que os dados indicam que as práticas dos homens nas famílias passaram a incluir cuidado afetivo maior com os filhos. A evocação da palavra “cuidado”, que não ocorreu para os termos indutores projeto profissional e família, apareceu no primeiro quadrante, ou seja como elemento central, tanto da representação social de “Ser Mãe” como de “Ser Pai”. Apesar de tal mudança, a execução de afazeres domésticos permanece, muitas vezes, a ser função delegada às mulheres, ao mesmo tempo em que o sustento financeiro

da família permanece, em larga medida, a ser visto como responsabilidade masculina.

Espera-se que a partir de novos estudos outros aspectos da articulação das relações de gênero com a carreira acadêmica sejam analisadas, buscando conhecimento sobre os múltiplos fatores envolvidos em tal relação, e visando aprimorar a caracterização dessa categoria de indivíduos que se dirige para a carreira acadêmica e para a dedicação à pesquisa.

Referências

- Abric, J-C. (2000). A abordagem estrutural das representações sociais. Em D.C. Oliveira, D.C. Moreira & A.P. Moreira (Orgs.). *Estudos Interdisciplinares da Representação Social* (27-38). Goiânia: Editora AB.
- Araújo, C., & Scalon, C. (2007). O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. Em T. Feres-Carneiro (Org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação* (203-224). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Costa, E. I. & Camino, L. (2003). Desigualdade salarial de Gênero: Explicações Masculinas. Em M. E. P. Carvalho & M. Z. C. Pereira (Orgs.). *Gênero e Educação: Múltiplas Faces*. (245-261), João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.
- Coutinho, S.M.S. & Menandro, P.R.M. (2009). *A Dona de Tudo: um estudo intergeracional sobre representações sociais de mãe e esposa*. Vitória: Editora GM, PPGP-UFES e Editora Facastelo.

- Galeazzi, I.M.S. (2001). Mulheres trabalhadoras: a chefia da família e os condicionantes de gênero. *Mulher e Trabalho*, 1, 61-68.
- Garfield, C.F.; Clark-Kauffman, E. & Davis, M.M. (2006). Fatherhood as a component of men's health. *Journal of American Medical Association*, 296 (19), 2365-2368.
- Goldenberg (2000). De Amélias a operárias: um ensaio sobre os conflitos femininos no mercado de trabalho e nas relações conjugais. Em M. Goldenberg (Org.). *Os novos desejos: seis visões sobre as mudanças de comportamento de homens e mulheres na cultura brasileira contemporânea* (107-123). Rio de Janeiro: Record.
- Gomes, A. J. S. & Resende, V. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2), 119-125.
- Jablonski, B. (2007). O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. Em T. Féres-Carneiro. (Org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação* (203-228), São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Louzada, R.C.R. & Silva Filho, J.F. (2005). Pós-graduação e trabalho: um estudo sobre projetos e expectativas de doutorandos brasileiros. *História, Ciências, Saúde -Manguinhos*, 12 (2), 265-282.
- Louzada, R.C.R. & Silva Filho, J.F. (2008). Tornar-se pesquisador: a escolha profissional como um processo. *Psicologia em Estudo*, 13 (4), 753-760 .
- Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis: Vozes.

- Moscovici, S. (1961). *La Psychanalyse, son image, son public*. Paris: PUF.
- Pardo, M.B.L. & Colnago, N.A.S. (2011). Formação do pesquisador: resultados de cursos de pós-graduação em educação. *Paidéia*, 21 (49), 237-246.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2003). Quando o executivo é uma “dama”: A mulher, a carreira e as relações familiares. Em T. Féres-Carneiro. (Org). *Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas* (15-30). Rio de Janeiro. Ed. Puc-Rio/Loyola
- Rocha-Coutinho, M. L. (2007) Família e emprego: conflitos e expectativas de mulheres executivas e de mulheres com um trabalho. Em T. Feres-Carneiro (Org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação* (203-224). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sá, C. P. (1999). Representações Sociais: Teoria e Pesquisa do Núcleo Central. *Temas de Psicologia*, (3), 19-33.
- Tabak, F. (2003). Gênero, conhecimento e poder. Em M.E.P. Carvalho & M.Z. Costa (Orgs). *Gênero e Educação: Múltiplas Faces* (15-31). João Pessoa: NIPAM / UFPB.
- Teykal, C. M. & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. *Psico*, 38 (3), 262-268.
- Vala, J. (1997). Representações sociais para uma psicologia do pensamento social. Em: J. Vala e M.B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia Social* (353-384). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vergès, P. (2000). *EVOC – Ensemble de programmes permettant l’analyse des évocations: manual version 2*. Aix-en-Provence: LAMES.

Wachelke, J. & Wolter, R. (2011). Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27 (4), 521-526.

Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista de Estudos Feministas*, 9 (2), 460-482.

ESTUDO 4: Atividades cotidianas, representações sociais e expectativas de pós-graduandos sobre formação, futuro profissional, família e relações de gênero.

Resumo

O homem, como ser social, vivencia as possibilidades e limitações impostas em determinado momento histórico, de acordo com a cultura na qual está inserido. Nas últimas décadas, transformações envolvendo o mercado de trabalho resultaram em necessidade de maior aprofundamento em conhecimentos especializados, direcionando o interesse de jovens adultos pela Pós-Graduação stricto sensu. Alicerçado neste contexto, o objetivo do presente estudo foi compreender se e como as diferenças de gênero influenciam o processo de construção de carreira acadêmica, bem como investigar as representações de estudantes do sexo masculino e feminino quanto às questões pertinentes ao tema. Para isto foram entrevistados 13 alunos vinculados a Programas de Pós-Graduação de uma Universidade pública brasileira. As entrevistas foram conduzidas, após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por meio de roteiro semi-estruturado. Dentre os estudantes, sete eram mulheres e seis homens. Foi possível identificar que a formação tem por objetivo a inserção na carreira acadêmica e o excesso de trabalho aliado à instabilidade financeira geram ansiedade e, em alguns casos, a necessidade do uso de medicamentos. As relações de gênero nos Programas se apresentam como desiguais, especialmente quando a referência são filhos, planejados ou já existentes. Sugere-se valorização do estudante, traduzindo-se na possibilidade de início da carreira, oferecendo-se condições de trabalho, já durante a formação.

Introdução

O homem pode ser compreendido como ser social cujas características psicossociais constituem-se sob influências históricas e culturais de um grupo social, em um determinado tempo. Ele interfere no meio sociocultural e estabelece suas relações de forma compatível com tudo que experimentou ao longo de sua história, tendo que lidar, de alguma forma, com hegemonias consolidadas. Em tal contexto, ou no conjunto de contextos em que esse homem circula, formas de compreender determinados objetos, conceitos e processos são construídas e compartilhadas, facilitando a comunicação entre integrantes de determinado grupo social, estabelecendo valores e proporcionando predição de comportamentos. Esse processo de construção de representações sociais, tal como denominado por Moscovici (2003), está presente diuturnamente, influenciando as escolhas que precisam ser feitas a todo momento, das mais simples e corriqueiras às mais importantes e significativas, uma vez que, quando indivíduos se deparam com situações que não se enquadram em suas representações, são "provocados a encontrar uma explicação" (p. 81).

Gênero, parentalidade e carreira

A inserção em massa da mulher no mercado de trabalho na sociedade capitalista, incluindo mulheres de estratos sociais nos quais, até então, o trabalho feminino remunerado era exceção, especialmente no pós-guerra (Giffin, 2005), impulsionou os estudos de gênero, que se desenvolveram e se caracterizaram como plurais em termos de teorias e de maneiras de se compreender as condições culturais, sociais e econômicas nas quais se movimentam as mulheres

e, por decorrência, elas próprias em suas múltiplas características e atividades (Macleod, Marecev & Capdevila, 2014). As representações sociais de feminilidade, muitas vezes intimamente relacionadas ao tema e às vicissitudes da maternidade (Trindade & Enumo, 2001; Rocha-Coutinho, 2007; Souza, Figueiredo & Del Priore, 2011), passaram a incorporar também elementos referentes ao esforço despendido pelas mulheres para exercerem atividades profissionais, embora elas permaneçam sendo consideradas como responsáveis pelos cuidados com a casa e com a família (Mansur, 2003, Silva, Jorge & Queiroz, 2012). Acrescenta-se ao exercício profissional em si, atualmente, a característica de busca e disputa de posição de prestígio no contexto de carreira profissional, que engloba homens e mulheres (Rocha-Coutinho, 2003).

Portanto, da mulher, que em determinado momento histórico deveria permanecer em ambiente doméstico em função dos filhos, quase sempre muitos e nascidos em sequência anual, e dos cuidados demandados pela maternidade e pela administração da casa, (Biasoli-Alves, 2000), atualmente é cobrada a permanência no mercado de trabalho. Tal demanda gera uma condição que pode ser caracterizada como dupla jornada de trabalho e que é cada vez mais assumida por mulheres de diversas nacionalidades (Álvarez & Gomez, 2011). Em tal quadro, observa-se o adiamento da concepção do primeiro filho (e a redução do número de filhos) até que a mulher consolide sua atividade profissional e passe a gozar de maior segurança financeira (Rocha-Coutinho, 2003). No Brasil, de acordo com dados disponibilizados pelo IBGE (2010), entre as mulheres com escolaridade de nível superior, a taxa de fecundidade é de 1,14 filho por mulher, sendo a primeira gestação iniciada quando a mulher se encontra entre 30 e 34

anos de idade. Os dados ainda mostram que o aumento da renda corresponde à diminuição na taxa de fecundidade em todas as regiões brasileiras e que 20% das famílias são constituídas por casais sem filhos.

Vários estudos têm buscado ampliar e atualizar a compreensão da divisão (ou da sobreposição) dos compromissos da mulher entre atividade profissional e exercício da maternidade (Rocha-Coutinho, 2003; 2007; Scavone, 2001; Wagner et al., 2005), assim como também têm sido realizados estudos nos quais é investigada a natureza dos compromissos do homem, e sua articulação com o dia a dia dos contextos familiar, conjugal e profissional (Gordon & Whelan-Berry, 2005; Staudt & Wagner, 2008). As representações sociais de masculinidade, tradicionalmente, estiveram mais ligadas ao exercício profissional indispensável para o provimento das necessidades materiais da família, constituindo pressão para que o homem se mostrasse forte, competitivo, evidenciando sua capacidade como provedor eficiente, o que equivalia a credenciar-se como bom “pai de família” (Welzer-Lang, 2001; Bonomo, Barbosa & Trindade, 2008).

A carreira acadêmica

Para que homens e mulheres alcancem estabilidade financeira em determinado nível, especialmente quando se fala em classe média, tem sido exigido alto investimento na educação formal e, conseqüentemente, o tempo necessário para a formação tornou-se cada vez mais extenso. A carreira acadêmica, no contexto atual, demanda quase uma década de estudos após o término da graduação, acrescido de instabilidade profissional até a absorção do mercado. Em estudo realizado com doutorandos, Louzada e Silva Filho (2005)

investigaram expectativas e dificuldades dos pesquisadores em um meio competitivo, instável e de futuro incerto, uma vez que os alunos compreendem que apenas parte dos doutores recém-formados serão absorvidos pelas instituições públicas de ensino, restando como possibilidades temporárias a condição de bolsista de pós-doutorado (que se tornou, de fato, cada vez mais acessível), o estabelecimento como professor visitante ou a absorção por instituição particular de ensino, não obstante o ingresso em instituição pública ser o principal objetivo profissional dos doutorandos (Quintas & Araújo, 2013). Santos e Alves Junior (2007), e também Faro (2013) avaliaram o perfil dos estudantes de pós-graduação *stricto sensu*, identificando características destes alunos que indicavam maior índice de estresse.

Considerando que cada vez mais mulheres têm ingressado em Programas de Pós-Graduação pretendendo a carreira acadêmica, e que a formação para alcançar tal carreira tem se tornado cada vez mais prolongada, dificultando o estabelecimento de provimento financeiro de eventual família própria, papel social ainda atribuído prioritariamente ao homem, se torna interessante investigar questões relacionadas ao gênero presentes na formação desses estudantes que iniciam o mestrado/doutorado cada vez mais jovens.

Partindo da identificação do perfil dos estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu* de uma Universidade Federal brasileira, realizado em estudo anterior (Ciscon-Evangelista, Leal, Oliveira & Menandro, 2012), e de suas representações sociais acerca de gênero, parentalidade, família e carreira, foi realizado estudo com a finalidade de explorar com maior detalhamento as escolhas, os impasses, e o contexto sócio-cultural destes estudantes, aprofundando questões

relacionadas às suas vivências, suas decisões a respeito das diferentes demandas a que estão sujeitos, e seus planos para o futuro relacionados à construção da carreira acadêmica e de família própria.

O objetivo do presente estudo, portanto, foi compreender se e como as diferenças de gênero influenciam o processo de construção de carreira acadêmica, bem como investigar as representações de estudantes do sexo masculino e feminino quanto às questões pertinentes ao tema. Assumindo as representações sociais como uma forma de compreender e explicar a realidade social, bem como de orientar a prática (Jodelet, 2001), se considera que a teoria constitui suporte interessante para a compreensão de parte da realidade de mulheres e homens contemporâneos, neste caso os estudantes de pós-graduação, suas vivências e expectativas.

Procedimentos metodológicos

Participaram do estudo 13 alunos, sendo seis do sexo masculino e sete do sexo feminino, matriculados em Programas de Pós-Graduação (*stricto sensu*) da Universidade Federal do Espírito Santo. Os estudantes que participaram de estudo anterior (Ciscon-Evangelista et al., 2012) assinalaram que gostariam de participar de um segundo momento da pesquisa, respondendo a uma das perguntas inseridas no questionário do estudo anterior. Os estudantes foram contatados e convidados a participar, definindo horário e local que mais lhes conviessem para a realização da entrevista.

Todos os participantes receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantindo o sigilo das informações compartilhadas, bem como a

ausência de riscos para os participantes durante o processo de coleta. Este termo foi lido e assinado antes do início da entrevista.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semi-estruturada. Os pontos principais foram a percepção do participante sobre as questões de gênero, sobre constituição de família própria, sobre construção de carreira e sobre sua condição atual, suas reflexões e seus planos para o futuro relacionados a tais temas.

Os dados foram organizados de acordo com a análise de conteúdo (Franco, 2008; Oliveira, 2008) e analisados tendo como referencial a Teoria das Representações Sociais (Jodelet, 2001; Moscovici, 2003).

Resultados e discussão

A apresentação dos resultados inicia-se com uma breve caracterização dos participantes quanto a algumas informações pessoais básicas, além do nível do curso ao qual estavam vinculados no momento da entrevista.

Tabela 1. Caracterização dos participantes mestrandos e doutorandos, bolsistas ou não, quanto à idade, número de filhos, e tipo de relacionamento amoroso atual.

Nome	Idade	Relacionamento	Filhos	Nível	Bolsista	Outro trabalho
Amanda	33	Casada	2	M	✓	-
Daniela	32	Solteira	-	D	✓	-
Gabriela	31	Casada	-	D	✓	-
Luciana	30	Namorando	-	D	✓	-
Renata	30	Solteira	-	D	✓	-
Sayde	30	Solteira	-	M	-	✓
Suzanna	30	Casada	1	M	✓	✓
André	30	Casado	1	D	✓	-
Fabio	32	Namorando	-	M	✓	-
Lucas	30	Casado	-	D	✓	-
Marco	31	Casado	-	D	✓	✓
Rodrigo	35	Namorando	-	M	-	✓
Tiago	30	Solteiro	-	D	✓	✓

Como se pode constatar pelo exame da Tabela 1, todos os participantes, mestrandos e doutorandos, homens e mulheres, encontram-se na faixa de 30 a 35 anos, o que não corresponde ao perfil dos estudantes das décadas anteriores (Louzada & Silva Filho, 2005), que cursavam pós-graduação mais velhos. A semelhança na idade de todos os participantes não resultou em homogeneidade de características. Em termos de relacionamentos amorosos, verificou-se distribuição equilibrada, com seis participantes casados e sete solteiros, além de haver equilíbrio entre homens e mulheres (três casados de cada sexo).

Acrescenta-se aqui a informação de que apenas dois participantes (André e Gabriela) casaram-se durante a pós-graduação, e em um desses casos (André) o casamento decorreu de gravidez não planejada da namorada. O adiamento de planos já mencionado como algo que é registrado pela literatura sobre pós-graduandos, pode estar implicado nessa aparente falta de preferência pelo início de relacionamento conjugal concomitantemente ao processo de formação em nível de pós-graduação. Justifica-se acrescentar aqui uma informação adicional: nenhum dos entrevistados casados tem cônjuge que cursou ou cursa pós-graduação, o que pode ser visto como fator que acresce alguma dificuldade à necessidade de equilibrar a dedicação ao curso com a dedicação ao relacionamento.

Duas mulheres e um homem têm filhos. Esses três participantes estão casados. Vale assinalar que outros entrevistados casados ou que vivem em união estável não têm filhos. Quanto ao apoio financeiro direto para a realização de seus cursos, todos os oito doutorandos e três dos cinco mestrandos recebem bolsas de estudo para viabilizarem seu sustento e suas atividades de pesquisa. Apesar de ter sido objeto de regulamentação a possibilidade, em algumas circunstâncias, de acúmulo de exercício de trabalho remunerado não vinculado à pós-graduação com o recebimento de bolsa de estudo, apenas três dos entrevistados exercem atividades profissionais em tempo parcial, mantendo a condição de bolsistas, talvez por se tratar de possibilidade cuja regulamentação é recente (Diário Oficial da União, 2010). É possível observar ainda que, recebendo ou não bolsa, mais homens que mulheres exercem outra função remunerada, dado que remete às expectativas decorrentes das representações sociais de

homens como provedores (Welzer-Lang, 2001; Bonomo, Barbosa & Trindade, 2008). Dos treze entrevistados, apenas quatro relataram que, em algum grau, dependem financeiramente de outra pessoa para a complementação de seus compromissos financeiros. São dois casos de dependência dos pais (André e Luciana), um caso de dependência da esposa, que tem emprego regular (Marcos), e um caso de dependência do marido, pela mesma razão (Gabriela). Para Barros (2013), o apoio dos pais, caracterizado por complementação ou sustento financeiro, garante aos filhos jovens que não apenas se apropriem do mercado de trabalho, mas que tenham a possibilidade de escolha de uma profissão significativa e prazerosa.

Dado o fato de que as questões formuladas aos entrevistados envolvem temas como família, casamento, filhos, considerou-se relevante solicitar informações sobre o ponto em que eles se situam dentro do que poderia ser chamado de espectro religioso. Entre os seis homens, apenas dois declararam ter opção religiosa que consideram parte importante da sua identidade, e que resulta em práticas religiosas regulares. Três declararam ter opção religiosa, mas suas práticas religiosas só ocorrem esporadicamente. Dois entrevistados declaram-se sem religião. Entre as sete mulheres, todas declararam-se religiosas, cinco delas afirmando engajamento regular em práticas religiosas e duas reconhecendo que suas atividades religiosas ocorrem esporadicamente. Em trabalho anterior (Ciscon-Evangelista & Menandro, 2011) foi possível constatar que dentre casais religiosos existe um paradoxo relacionado às questões de gênero: embora tradicionais no que se refere a papéis masculinos e femininos, a noção de indissolubilidade do casamento direciona à insistência pela resolução de conflitos,

flexibilizando, assim, funções e decisões relacionadas às vivências cotidianas e relacionadas ao tema “filhos”.

No horizonte de onze dos treze entrevistados, estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu*, está presente o interesse em seguir a carreira acadêmica como profissão, objetivando, por meio desta, seu sustento e satisfação pessoal. Uma mulher (Gabriela) não apresentou planos profissionais futuros já estipulados e uma segunda mulher (Renata) afirmou interesse em ser aprovada em concurso público, assinalando que o título de Doutor propiciaria salário maior, e explicitando seu desinteresse pela docência. É importante dizer que entre os onze interessados em atuação profissional nas universidades, seis mencionaram, de forma explícita, interesse em universidades federais, confirmando os dados apresentados por Louzada e Silva Filho (2005) e Faro (2013).

Foi obtida uma informação interessante pelo que revela de transformações sociais e de ampliação do alcance da formação educacional em nível de pós-graduação. Trata-se do nível de escolaridade dos pais dos entrevistados. Não há qualquer caso em que pelo menos um dos pais dos pós-graduandos tenha escolaridade em nível de pós-graduação *stricto sensu*. Apenas dois entrevistados (Marcos e Luciana) relataram que suas mães têm nível universitário.

Os dados revelaram similaridade nas trajetórias profissionais dos participantes, mostrando que os jovens buscaram a pós-graduação ao término da graduação, ou logo após breve experiência de atuação em sua área de formação, tendo como principal objetivo construir carreira ligada à academia, como afirmou Lucas (doutorando): “Sempre tive vontade de trabalhar com ensino superior, ser professor de ensino superior, então a única forma de atingir esse objetivo é dessa

forma, gosto de pesquisa também”. Estudos anteriores já identificaram esse tipo de perfil (Louzada & Silva Filho, 2005; Faro, 2013; Quintas & Araujo, 2013).

Os estudantes, em sua maior parte, revelaram dificuldades e desgastes na pós-graduação ao relatarem o alto nível de exigência que obriga a reiterada renúncia ou adiamento de atividades ou planos nas esferas individual e familiar, como constatado também por Santos e Alves Junior (2007) e Faro (2013). Os prazos, a exigência de cumprir horário na Universidade, a pressão para a realização de um bom trabalho, a cobrança de publicações, além do expressivo montante de trabalhos não relacionados de forma direta à pós-graduação, mas que são exigidos devido à vinculação a grupos de pesquisas e/ou para atender solicitações dos orientadores, são aspectos potencializadores do surgimento ou do aumento de estresse. Um doutorando, Tiago, expõe parte de suas angústias: “E aí você vê esse excesso de informação e pensa: ‘meu Deus, o que é que eu faço?’, aí parece que a gente está correndo contra o tempo, (...) é a cobrança em cima do bolsista, a questão dos prazos”.

Essa pressão pelo cumprimento de prazos pode ser acentuada pela percepção expressada por Marcos de que trabalha-se muito sozinho, ou pela percepção de que o tempo para a família fica comprometido, apresentada por três mulheres (Gabriela, Renata, Suzanna), sendo importante lembrar ainda a crônica falta de dinheiro devido ao valor da bolsa (André, Renata). Um modo próprio de falar sobre a pressão dos prazos associada ao conjunto de dificuldades já referido foi utilizado pela doutoranda Luciana, que disse que no início a gente quer fazer “a tese”, depois basta “uma tese”.

Essa pressão por prazos pode ser fator que explica a natureza das atividades relatadas pelos participantes como exemplos de lazer que exercitam. Sete deles mencionaram atividades físicas (caminhada, corrida, ginástica, ciclismo). Outros citaram cinema (três casos), igreja (dois casos), ida ao bar com amigos (dois casos), conversas na casa de amigos ou vizinhos (dois casos), leitura de romances (dois casos), assistir televisão (2 casos), ouvir música (um caso), navegar na internet, ir ao shopping e ir à praia (um caso para cada uma dessas atividades). Duas doutorandas (Gabriela e Luciana) fizeram curiosa observação de mesmo teor: qualquer coisa que não envolva o doutorado já é lazer. Considerando as atividades mencionadas é possível verificar que não há qualquer caso de lazer que demande, com regularidade, tempo expressivo, como é o caso de alguns *hobbies* que exigem dedicação expressiva de tempo. Apenas dois entrevistados (André e Suzanna) informaram modalidade de lazer que exige tempo expressivo de dedicação: em um caso a participação em uma banda musical, o que envolve treino de execução do instrumento e ensaios execução; no outro caso estudo de piano, com aulas e treinamento. As indicações, portanto, são de que a pós-graduação torna provável a suspensão, ainda que temporária, de atividades de lazer que envolvem muitas e frequentes horas de dedicação, de certa forma corroborando as falas dos entrevistados em que se queixam de que o tempo de que dispõem é pequeno, e isso implica privar-se de várias coisas.

Para quatro participantes as dificuldades são intensas ao ponto de gerarem doenças psicossomáticas e/ou psicológicas, como relata Gabriela (doutoranda): “Você esquece a sua vida pessoal, (...) sofre família, sofre você, sofre todo mundo, é difícil, eu tenho problemas de gastrite, problemas de ansiedade,

depressão”. Outra participante utiliza medicamentos: “A pressão que você sofre acaba desgastando o seu corpo, eu tomo Sertralina” (Luciana, doutoranda, citando um anti-depressivo). Outros entrevistados, homens e mulheres, também mencionam problemas de saúde, como gastrite, desgaste emocional (André, Fabio, Amanda).

Embora todos os estudantes tenham citado o estresse como rotineiro e intrinsecamente ligado à pós-graduação (ressaltando que a situação envolvida não envolve qualquer grupo para comparação controlada), apenas mulheres mencionaram terem ultrapassado seu limite de resistência. Representações sociais de homens como detentores de primazia de atuação no espaço público (Welzer-Lang, 2001) em contraste com as mulheres, vistas por tradição cultural como responsáveis pelo funcionamento adequado do ambiente doméstico (Mansur, 2003, Silva, Jorge & Queiroz, 2012), podem indicar, sutilmente, diferenças de gênero e suas implicações para a conclusão da pós-graduação, visto que a mulher (cujas atribuições, somadas as esferas domésticas, profissionais e de formação, em muitos casos envolvem acúmulos) pode se perceber como menos resistente enquanto o homem, “naturalmente”, conseguiria lidar melhor com as pressões, além da possibilidade não desprezível de ocorrência de cobranças diferenciadas por parte de orientadores e de equipes de trabalho.

Três das entrevistadas (Daniela, Luciana e Sayde) mencionaram como aspecto negativo associado à pós-graduação o fato de permanecerem fora do mercado de trabalho, pelo fato de que isso pode implicar desvantagens posteriores, apesar de estarem se tornando mais qualificadas. Um entrevistado

(Lucas) assinalou o desconforto de perceber que amigos que se formaram junto com ele, e que não se envolveram com pós-graduação, estão recebendo salários três ou quatro vezes maiores que o valor que recebe como bolsista.

Na percepção de estudantes do sexo masculino, predomina a visão de que não há diferenças nas condições que se apresentam para homens e mulheres em seus Programas de Pós-Graduação. Quatro dos seis homens afirmaram que existe equidade e que não há distinção de gênero no enfrentamento dos desafios cotidianos, o que só foi mencionado por uma das sete entrevistadas, com as demais seis entrevistadas reconhecendo que as condições de exigências e cobranças que se apresentam para elas diferem daquelas endereçadas aos alunos homens. Ao comentarem a possibilidade de inserção no universo da parentalidade durante a realização da pós-graduação, no entanto, os homens consideraram que para a mulher isso “exigiria muita disciplina, muita organização, até abdicaria de algumas coisas em prol do filho e do mestrado que está fazendo” (Rodrigo, mestrando). Esse participante, ao se referir ao homem na mesma situação, afirmou que “dependendo do envolvimento do pai vai deixá-lo feliz, mas vai ter que administrar o tempo, o ideal é que a mulher dele também esteja fazendo pós para entender a situação do marido”, frase seguida por risos. Ainda que a tentativa de adoção de discurso menos estereotipado por parte dos homens esteja sendo ensaiada, representações sociais de masculino e feminino marcadas por assimetrias flagrantes perduram, corroborando os resultados encontrados em pesquisa anterior com estudantes da mesma Universidade (Ciscon-Evangelista et al., 2012).

Já as alunas citaram as dificuldades que experienciam por serem mulheres em seus Programas, ou seja, suas vivências são percebidas e apresentadas por elas como diferentes das dos homens, mesmo que não estejam falando especificamente do tema “maternidade” e independentemente de serem ou não mães. A primeira diferença apontada relaciona-se à expectativa de que ela seja a responsável pela esfera doméstica, como aponta Suzanna (mestranda): “A mulher tem uma jornada meio louca, tripla, quádrupla. A responsabilidade com as tarefas da casa e por mais que meu marido me ajude, algumas responsabilidades ele não dá conta”. Outra diferença apontada pela maioria foi relacionada ao ambiente de trabalho: “Com certeza, é muito diferente, o tratamento dos orientadores com as mulheres e com os homens, às vezes dá vontade até de ser homem, é muito, não é pouco diferente” (Renata, doutoranda). Outra diferença interessante, apontada por uma das doutorandas, foi sobre os relacionamentos afetivos: “Porque qualquer mulher que fale para um cara que faz doutorado e ele não faça parte deste circuito acadêmico, ela é olhada de um modo diferente. Ela pode ser até admirada por alguma razão, mas às vezes assusta também” (Daniela, doutoranda). Em estudo com jovens adultos sobre relacionamentos, Falcke e Zordan (2010) identificaram que, entre os homens, ainda prevalece uma concepção tradicional de família, na qual a mulher permanece assumindo mais funções domésticas do que profissionais. Homens não pertencentes ao contexto acadêmico podem sentir-se intimidados pela opção de uma mulher de obter titulação acadêmica, o que a colocará em plano superior ao dele em tal aspecto.

As diferenças envolvendo a maternidade, de acordo com as mulheres, remetem novamente às representações sociais do homem provedor e da mulher

responsável pelos cuidados, representações essas que, em estudo anterior (Ciscon-Evangelista et al., 2012), ainda não desapareceram do discurso dos estudantes: “Bom, para eles conta mais o lado de ter um trabalho para sustentar esse filho (...) se você pensar, muda um pouco, porque a mulher fica mais com as responsabilidades de cuidar” (Renata, doutoranda). Outra estudante (Luciana, doutoranda) também relatou sobre dois bebês que nasceram durante seu curso, filhos de colegas pós-graduandos. Falando sobre um colega mencionou que “teve filho esse ano, ele só reclamou no início porque a criança não deixava ele dormir, mas passou, a filha dele já cresceu, e ele não teve que parar nada, mas tive outra amiga que teve filho esse ano, ela está lá dentro de casa com o neném”.

Para as mulheres, as expectativas da maternidade (para quem ainda não tem filhos) ou os desafios cotidianos (apresentados por quem tem filhos) acompanham as questões de gênero discutidas acima (Álvarez & Gomez, 2011; Rocha-Coutinho, 2003). Os estudantes, homens e mulheres, relacionam a questão financeira à paternidade e a sobrecarga de trabalho à maternidade. O participante Fabio (mestrando) afirma estar se preparando para ser pai: “Bom, eu acho que estou correndo atrás disso, na medida que eu estou procurando ter, alcançar um certo padrão de vida, acho que conseguindo isso já me sinto em condições de ter um filho”. O único participante do sexo masculino que afirmou não ter a pretensão de ser pai foi Tiago (mestrando), que atribui essa “impossibilidade”, tal como referida por ele, ao preconceito relacionado ao seu relacionamento afetivo, porque tem “medo de ter filhos e que eles sofram por causa dos pais serem homossexuais”. Segundo Cecílio, Scorsolini-Comin e Santos (2013), outros casais homoafetivos enfrentam dificuldades semelhantes

enquanto a sociedade absorve, lentamente, as transformações dos modelos familiares.

Para as estudantes do sexo feminino, o fundamental, além de ter uma vida estável profissional e financeiramente, seria ter um relacionamento estável, “ter um companheiro de verdade, ter um homem que realmente assuma o papel de pai, que não seja uma mera figura decorativa (Sayde, mestranda). A questão financeira, como condição, se mistura, para algumas, com projetos visando satisfação pessoal: “No meu caso, eu sempre quis ser mãe. (...). São coisas que a gente deseja, né, está posto pela nossa sociedade, ainda é valor para nós, ter um casamento, ter filhos, ter uma vida estável, ter um emprego, ter casa própria, ter carro, essas coisas a gente tem ainda como meta e eu acho que ter filho faz parte” (Amanda, mestranda). Essa multiplicidade de interesses e esses inúmeros objetivos colocados como meta fundamentais para as mulheres (Rocha-Coutinho, 2003; 2007) as direcionam a outra angústia: “Hoje a mulher está casando mais tarde, com 30 anos, eu já casei com 30. Então tempo é fator fundamental, e a mulher tem que ser múltipla se ela quiser ter casamento, filho, trabalho, ela tem que fazer tudo de uma vez, diferente do homem que não precisa dar conta de tudo” (Gabriela, doutoranda). De acordo com as entrevistadas, elas precisam ter uma carreira estável e financeiramente rentável, conquistar bens materiais, ter um companheiro que seja o ideal de pai e a realização de tudo precisa se dar no início da juventude, já que o período, em termos biológicos, ideal para a maternidade seria – no máximo – na terceira década de vida, como complementa Gabriela: “Eu vou estar com 34 anos [quando terminar o doutorado], como eu planejo ter mais de um filho eu acho que 34 para ter dois já é uma idade

avançada, então eu fico na dúvida se tenho filho durante o doutorado, tenho filho depois do doutorado, tenho menos filhos, então realmente é uma situação complicada, o que mais me pesa hoje é o tempo.”

Considerações finais

Considerando as representações sociais como forma de organização e comunicação de um determinado grupo social (Sá, 2008), bem como elemento de orientação para ação (Jodelet, 2001), foi possível perceber que angústias semelhantes permeiam o cotidiano dos estudantes de pós-graduação no que se refere à sua vida pessoal, às suas escolhas profissionais e às implicações destas para a constituição de relacionamentos e de família.

Tanto as representações sociais de feminilidade que a vinculam à maternidade e aos serviços domésticos como as de masculinidade, que caracterizam o homem como detentor preferencial do espaço público e principal provedor familiar, foram identificadas nas falas dos participantes homens, ainda que tenham tentado argumentar em favor de suposta equidade entre parceiros em termos das atribuições que lhes cabem. A identificação de representações sociais que trazem à exposição elementos tão tradicionais, compartilhados por tantos outros grupos sociais mais fragilizados e de menor acesso às discussões feministas de gênero, propicia a discussão sobre implicações desses elementos das representações, e sobre a possibilidade de que não abarquem apenas a esfera pessoal desses pós-graduandos homens e mulheres, indicando que fica implícito que ainda é muito poderosa a “visão ‘masculina’ de fazer teoria e de pesquisar” (Banchs, 2011).

Faz-se necessário destacar, ainda, que o estresse, os conflitos e as angústias vivenciados pelos estudantes estão, em partes, relacionados ao fato de existirem planos de consolidação da carreira acadêmica, possibilitando estabilidade financeira, profissional e pessoal, sendo que enquanto esses objetivos não são alcançados, outras metas, especialmente as relacionadas à família, permanecem em estagnação. Para as mulheres, este fato é mais agressivo quando há o planejamento de uma (ou mais) gestação natural, em decorrência do processo de envelhecimento; para o homem, a preocupação em manter determinado padrão financeiro pode implicar na manutenção da distância afetiva observada em pais das gerações anteriores. É possível que as angústias fossem atenuadas caso o início da carreira acadêmica fosse o ingresso em um Programa de pós-graduação *stricto sensu*, sendo adequadamente remunerado por suas pesquisas e publicações, tendo garantidos todos os seus direitos trabalhistas, constitucionais. Sugerem-se, portanto, novos estudos e diferentes estratégias relacionadas à formação dos estudantes que visam a carreira acadêmica, na busca de novas estratégias que beneficiem este novo grupo social: pesquisadores e professores em formação.

Referências

- Álvarez, A.R. & Gómez, I.C. (2001). Conflicto trabajo-familia, en mujeres profesionales que trabajan en la modalidad de empleo. *Pensamiento Psicológico*, 9 (16), 89-106.
- Banchs, M.A. (2011). Leitura epistemológica da Teoria das Representações Sociais: reflexões rumo a um sentido comum menos comum e com mais

- sentido. In: A.M.O. Almeida; M.F.S. Souza Santos & Z.A. Trindade. *Teoria das Representações Sociais: 50 anos.* (225-278) Brasília: Technopolitik.
- Barros, M.M.L. (2013) Experiências femininas na maturidade. *Revista Feminismos*, 1 (3).
- Biasoli-Alves, Z.M.M. (2000). Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 233-239.
- Bonomo, M., Barbosa, P. V. & Trindade, Z.A. (2008). Homens: gênero e identidade em grupos tradicionais, metrossexuais e homossexuais no Brasil. *Revista Electrónica de Psicología Política*, 6 (17), 1-22.
- Cecílio, M.S., Scorsolini-Comin & F., Santos, M.A. (2013). Produção científica sobre adoção por casais homossexuais no contexto brasileiro. *Estudos de Psicologia*, 18 (3), 507-516.
- Ciscon-Evangelista, M.R.; Leal, L.S.; Oliveira, N.K. & Menandro, P.R.M. (2012). Pós-graduação, formação profissional e postergação da constituição de família própria: um estudo com estudantes de mestrado e doutorado. *Psicologia e Saber Social*, 1 (2), 265-277.
- Ciscon-Evangelista, M.R. & Menandro, P.R.M. (2011). "Casados para sempre: casamento e família na concepção de evangélicos neopentecostais. *Psicologia e Argumento*, 29 (66), 343-352.
- Diário Oficial Da União. Seção 1, nº 135, publicado em 16 de Julho de 2010.
- Retirado de:
https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portarias_c_onjuntas_n_1_e_2_Capes-CNPq_15-07-2010.pdf
- Franco, M.L.P.B. (2008). *Análise de conteúdo*. Brasília, 3ª.ed.:Liber Livro Editora.

- Faro, A. (2013). Estresse e estressores na Pós-Graduação: Estudo com Mestrandos e Doutorandos do Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19 (1), 51-60.
- Giffin, K. (2005). A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciências e Saúde Coletiva*, 10 (1), 47-57.
- Gordon, J.R. & Whelan-Berry, K.S. (2005). Contributions to family and household activities by the husbands of midlife professional women. *Journal of Family Issues*, 26 (7), 899-923.
- Falcke, D. & Zordan, E. (2010). Amor, casamento e sexo: Opinião de adultos jovens solteiros. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62 (2), 143-155.
- Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. Censo Brasileiro 2010: Nupcialidade, fecundidade e migração. 2010. Recuperado em 14 de junho de 2014, de http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd_2010_nupcialidade_fecundidade_migracao_amostra.pdf
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In: D. Jodelet (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Louzada, R.C.R. & Silva Filho, J.F. (2005). Pós-Graduação e trabalho: um estudo sobre projetos e expectativas de doutorandos brasileiros. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 12 (2), 265-282.
- Macleod, C., Marecek, J. & Capdevila, R. (2014). Feminism & Psychology going forward. *Feminism & Psychology*, 24 (3), 3-17.
- Mansur, L.H.B. (2003). Experiências de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23 (4), 2-11.

- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Oliveira, D. C. (2008). Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Revista de Enfermagem*. UERJ, 16 (4), 569-576.
- Quintas, C. & Araújo, E. (2013). Doutorado e perspectivas de integração profissional: um estudo baseado nos doutorados pela Universidade do Minho. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 10 (19), 29-51.
- Rocha-Coutinho, M.L. (2003). Quando o executivo é uma “dama”: mulher, carreira e relações familiares. In: Féres-Carneiro, T. (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Edições Loyola/PUC-Rio.
- Rocha-Coutinho, M.L. (2007). Família e emprego: conflitos e expectativas de mulheres executivas e mulheres com um trabalho. In: Féres-Carneiro, T. (Org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Santos, A.F. & Alves Junior, A. (2007). Estresse e estratégias de enfrentamento em mestrados de ciências da saúde. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (1), 104-113.
- Scavone, L. (2001). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface – comunicação, saúde, educação*, 5 (8), 47-59.
- Silva, M.C., Jorge, A.R. & Queiroz, A. (2012). Divisão sexual do trabalho doméstico: entre representações e práticas. *Configurações*, 9, 135-159.
- Souza, A.C., Figueiredo, T.A.M. & Del Priore, M. (2011). Representações sociais sobre a mulher: um estudo com escolares. *Ecos*, 10 (1), 25-31.

- Staudt, A.C.P. & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10 (1), 174-185.
- Trindade, Z.A. & Enumo, S.R.F. (2001). Representações sociais de infertilidade entre mulheres casadas e solteiras. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 2 (2), 5-26.
- Wagner, A. et al. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21 (2), 181-186.
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e da homofobia. *Estudos Feministas*, 9 (2), 461-482.

ESTUDO 5: A maternidade investigada: produção acadêmica e representações sociais de maternidade para pós-graduandos brasileiros.

Resumo

Como fenômeno universal, a maternidade atrai a atenção do senso comum e de pesquisadores que a elegem como tema de investigação e produção de conhecimento. Procurando identificar representações sociais de maternidade para pós-graduandos que escolheram tal tema como foco de seus trabalhos, foram localizados, por meio de busca a partir da palavra-chave maternidade, resumos de teses e dissertações defendidas nos anos de 1990, 2000 e 2010 e trechos das apresentações e introduções dos trabalhos de 2010. Os dados foram submetidos ao software Alceste e à Análise de Conteúdo. Os resultados indicaram elementos tradicionais nas representações sociais compartilhadas pelos pós-graduandos, como a necessidade de dedicação por parte da mãe e sua responsabilização pelos cuidados e decisões referentes aos filhos. Indicaram, também, a ausência de elementos tradicionais que se referem à identidade e à realização femininas vinculadas à maternidade. O cotidiano de dedicação dos pós-graduandos ao curso faz deles um grupo que, apesar de considerar a maternidade importante em meio a contextos nos quais há fragilidade, e exatamente por sua importância e demanda de dedicação, pode considerá-la como possível de ser adiada ou preterida em função de outras realizações pessoais.

Palavras-chave: maternidade, representações sociais, pós-graduação.

Introdução

Nas sociedades ocidentais, embora as religiões mantenham espaço na vida social, a ciência se fortaleceu ao se tornar independente da Igreja (Cristã), com o que assumiu a responsabilidade de elaborar teorias explicativas a respeito das mais diversas situações com as quais as pessoas se deparam em seu cotidiano (Numbers, 2009). Muitas vezes são esses acontecimentos ou fenômenos do cotidiano que atraem o pesquisador, entre os quais as representações sociais de grupos acerca dos mais diversos objetos, que se traduzem em conhecimentos e/ou práticas que o interessam, na tentativa de responder cientificamente às questões sociais de seu tempo, ou como afirma Howarth: “scientific knowledge can be, and is, influenced by common sense” (2006, p. 21).

Como um ciclo que parece não ter início e nem fim, a ciência produz teorias que são apropriadas pelas pessoas comuns, as quais ancoram os novos conhecimentos às representações já existentes e produzem práticas e relações derivadas dessas novas representações (Howarth, 2006). Essas, por sua vez, atraem o olhar do pesquisador, e um novo conhecimento começa a ser delineado.

Maternidade pode ser considerado tema presente no cotidiano de todos os grupos humanos, considerando-se a natureza universal do nascimento de uma criança. No entanto, o exercício da maternidade não é constituído por experiências semelhantes compartilhadas por todos esses grupos. Ainda assim, vários estudos sobre o tema apontam representações sociais tradicionais de maternidade para os grupos pesquisados, como indica o trabalho de Vieira e Souza (2010). As representações sociais de maternidade são descritas como

fortemente vinculadas à identidade feminina (Borlot & Trindade, 2004) e indicam que a realização pessoal da mulher somente poderia ser alcançada em decorrência da maternidade (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007). A mãe é retratada como responsável por tudo que se refere aos cuidados com os filhos (Robinson & Hunter, 2008), e termos como “amor”, “abnegação” (Sampaio, Santos & Silva, 2008), “dedicação”, “carinho” (Dias & Lopes, 2003), “amor incondicional” (Barros & Trindade, 2007), estão todos presentes como elementos constitutivos dessas representações.

A teoria das representações sociais, que já ultrapassa cinco décadas de existência a partir da publicação, em 1961, da obra de Serge Moscovici *“La psychanalyse, son image et son public”*, tem sido largamente utilizada por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento para a compreensão de diferentes objetos, uma vez que as representações “permitem acesso às dimensões simbólicas, culturais e práticas dos fenômenos sociais” (Jodelet, 2009b, p. 105). Considerando seu caráter processual, as representações sociais são formadas em meio a grupos sociais, de acordo com a relevância de determinado objeto àquele grupo, e são constituintes daquele objeto, na medida em que seu significado não existe fora do sujeito (Banchs, 2011).

O processo de construção do universo científico passa pelas representações sociais dos pesquisadores, que pertencem, concomitantemente, ao grupo de pessoas envolvidas com o meio acadêmico e a vários outros grupos, de acordo com sua inserção social e interesses pessoais. Assim, acontecimentos e objetos são percebidos por eles de acordo com as representações sociais dos grupos aos quais pertencem, ainda que existam, no meio acadêmico, proposições

e definições científicas relativas à sua compreensão, como é o caso da maternidade, vivenciada por todos os grupos sociais e foco de interesse científico. É certo que o resultado das pesquisas e das análises elaboradas que as integram não são baseadas no senso comum, mas sim fundamentadas por teorias e envolvem metodologias que propiciam conhecimento de um tipo que difere daquele elaborado a partir das vivências cotidianas dos grupos. No entanto, o processo de aproximação com as linhas teóricas, com os temas a serem pesquisados, e com os recortes possíveis para aqueles temas está relacionado às representações sociais que direcionam a prática dos pesquisadores, talvez de maneira mais expressiva quando estão em jogo as áreas de ciências humanas e da saúde.

O presente estudo consiste, portanto, na apreensão das representações sociais de maternidade para pós-graduandos que escolheram este como tema de seus trabalhos. O interesse, aqui, não se direciona exatamente ao reconhecimento do que tem sido produzido pelo universo reificado acerca dos temas expostos – embora se tente demonstrar como esse movimento vem ocorrendo ao longo dos anos – mas principalmente na tentativa de identificar como os conflitos existentes no cotidiano das pessoas comuns (e/ou grupos específicos) suscitam nos pesquisadores um interesse tal a ponto de transformar este em seu tema da dissertação/tese.

Buscou-se, assim, compreender como ocorre o processo de escolha dos temas (e subtemas) relacionados à maternidade para pós-graduandos que defenderam suas dissertações ou teses no ano de 2010 no Brasil, procurando identificar suas representações sociais sobre maternidade.

Para compreender esse processo, os objetivos específicos do trabalho foram: a) Realizar um levantamento da produção de trabalhos acadêmicos (teses e dissertações) que apresentassem a maternidade como tema e que tenham sido finalizados nos anos de 1990, 2000 e 2010; b) Descrever as semelhanças e diferenças entre os trabalhos no que se refere às áreas/linhas de pesquisa, grupos investigados, foco do estudo e demais elementos que se apresentam como interessantes para a compreensão da trajetória sobre estudos envolvendo a maternidade nas últimas décadas; c) Identificar, em trechos que interessaram aos objetivos da investigação (apresentação, justificativas, objetivos e resumo), o processo de escolha da maternidade como objeto de estudo, bem como o enfoque dado ao tema; d) Identificar, a partir dos trechos selecionados mencionados acima, elementos das representações sociais dos pós-graduandos sobre maternidade; e) Compreender as relações entre as questões sociais da época em que os trabalhos foram desenvolvidos e as redes de representações que envolvem os temas escolhidos (Camargo & Wachelke, 2010).

Metodologia de coleta e análise de dados

Foi utilizado o termo “maternidade” para a busca por trabalhos indexados no Banco Teses (e Dissertações) da CAPES, utilizando como filtro de busca os anos de 1990, 2000 e 2010, sem especificação de área de conhecimento.

Quadro 1. Relação do número de teses e dissertações localizadas a partir do termo “maternidade”, defendidas nos anos de 1990, 2000 e 2010.

	1990	2000	2010	Total
Trabalhos encontrados	74	313	748	1135
Trabalhos selecionados	7	37	84	128

Os 1135 trabalhos relacionados à maternidade foram submetidos a processo de depuração, tendo sido descartados os que se referem à maternidade não humana e os trabalhos nos quais os temas não se refiram aos descritores, apesar de terem sido indexados dessa forma.

A partir dessa seleção, e da busca pelo trabalho na íntegra, esperou-se identificar as escolhas realizadas pelos pesquisadores, considerando as áreas de atuação (disciplinas nas quais se enquadram os trabalhos), o objetivo e as justificativas do trabalho e as formas de obtenção dos dados. Estes dados foram retirados de parte das teses e dissertações defendidas no ano de 2010, uma vez que somente neste ano alguns dos trabalhos estavam disponíveis para acesso *online*.

Os resumos e trechos que interessavam ao objetivo da investigação - trechos das apresentações, das introduções e dos objetivos - das dissertações e teses selecionadas foram submetidos à análise de conteúdo e à metodologia Alceste (Bauer, 2002; Franco, 2008; Nascimento & Menandro, 2006). A análise de conteúdo permite que segmentos de textos sejam selecionados e categorizados de acordo com os objetivos da pesquisa. Dentre as possibilidades está a

categorização temática, na qual são agrupados trechos de acordo com o tema tratado naquele segmento do texto. O Alceste (*Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte*) consiste em um método informatizado de análise que identifica a co-ocorrência de palavras em segmentos de textos e classifica-as, gerando informações numéricas e gráficas (na forma de dendrogramas e de representações gráficas bidimensionais tradicionais) que possibilitam interpretar o significado de cada classe e verificar a força da relação entre elas, em termos do percentual de termos que compartilham. A lógica que justifica a ação do software é a de que co-ocorrência de palavras correlaciona-se com expressão de determinados conteúdos. O Alceste facilita a visualização de um grande *corpus* de dados, possibilitando a identificação de formas distintas de discurso (Alba, 2004; Kronberger & Wagner, 2002). Características das fontes de dados podem ser assinaladas como variáveis a serem consideradas pelo software no processamento do conjunto dos dados a partir do qual os dendrogramas são gerados. No presente caso foram assinaladas as seguintes variáveis: nível do trabalho (mestrado ou doutorado), área de conhecimento do trabalho, e região geográfica brasileira na qual o trabalho foi produzido. O referencial teórico utilizado foi o das Representações Sociais.

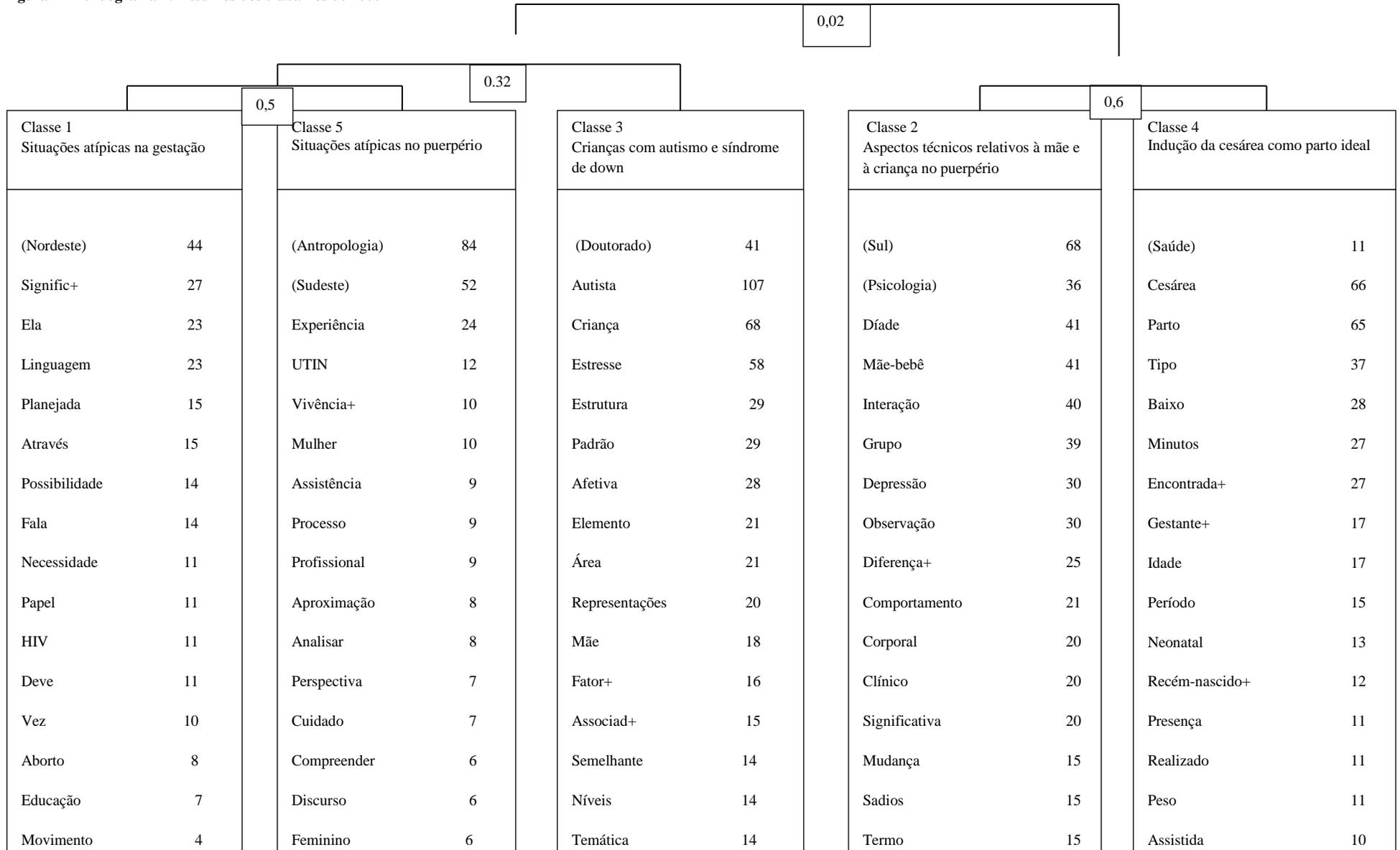
Resultados

Os resumos das dissertações referentes à maternidade defendidas no ano de 1990 foram submetidos apenas à Análise de Conteúdo. Foram selecionadas sete dissertações de mestrado que faziam menção direta à questão da

maternidade. Dois estudos eram da área da Saúde, um de Letras, um de Educação, um de Sociologia e apenas dois de Psicologia. Os trabalhos realizados neste período abordavam questões que incluem a impossibilidade de gestar, a mulher gestante, o aleitamento materno e a interação mãe-bebê nos primeiros dias/anos de vida da criança. A maternidade foi relacionada, em todos os trabalhos, ao cuidado com o bebê no início de sua existência, incluindo o período anterior ao nascimento. Os resumos indicavam, mais ou menos diretamente, a importância da presença integral, e até mesmo sacrificada, da mãe para o bem-estar dos seus filhos.

No ano de 2000 foram defendidas 27 dissertações e 10 teses diretamente relacionadas à maternidade, totalizando 37 trabalhos. Destes, 17 estavam classificados como pertencentes à área da Psicologia, 15 à área de Saúde (englobando trabalhos das áreas de Enfermagem, Pediatria e Saúde Coletiva), dois de Educação, dois de Ciências Sociais e um de Antropologia. O processamento dos resumos, submetidos ao Alceste, propiciou o seguinte dendrograma:

Figura 1 - Dendograma 1: Resumos dos trabalhos de 2000



Eixo 1
A mãe que precisa de apoio para exercer a maternidade

Eixo 2
Especialistas interferindo na gestação, parto e primeiros meses do bebê

Os dados foram organizados em cinco classes, três delas (1, 5 e 3) vinculadas a um eixo e as outras duas classes (2 e 4) vinculadas a outro eixo. Os dois eixos são quase totalmente independentes entre si, ou seja, compartilham parcela insignificante de elementos textuais co-ocorrentes. O primeiro eixo foi denominado “A mãe que precisa de apoio para exercer a maternidade”, e engloba as classes: 1 – Situações atípicas na gestação; 5 – Situações atípicas no puerpério; 3 – Crianças com autismo e Síndrome de Down. O segundo eixo, identificado como “Especialistas interferindo na gestação, parto e primeiros meses do bebê”, engloba as classes: 2 – Aspectos técnicos relativos à mãe e à criança no puerpério; 4 – Indução da cesárea como parto ideal.

O primeiro eixo engloba trabalhos que abordam a questão da maternidade em contextos específicos, quando há condições diferenciadas para o exercício desta, e discutem a necessidade de suporte familiar, do Estado e/ou dos profissionais da área da saúde para lidar com as condições adversas que envolvem a maternidade. A classe 1, “Situações atípicas na gestação”, reúne trabalhos que discorrem sobre a mãe portadora do vírus HIV e as implicações deste fato, especialmente durante o período gestacional. Aborda, ainda, as tentativas desassistidas de término da gestação, discutindo os riscos enfrentados pelas mulheres que decidem abortar.

A classe 5, “Situações atípicas no puerpério”, refere-se a um conteúdo específico de um nascimento diferente do planejado pela mãe e sua família, com a criança nascida prematura e com baixo peso, internada em uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), correndo riscos de saúde. A essa mãe nem

sempre é permitido assumir seu papel de cuidados e aproximação do bebê, o que implica em aumento de sua fragilidade e a complexidade da situação.

A classe 3, “crianças autistas e com Síndrome de Down”, é constituída a partir de estudos sobre as dificuldades enfrentadas pelas mães de crianças que precisam de cuidados especiais, agregando trabalhos específicos sobre filhos autistas e com Síndrome de Down. É interessante observar uma concentração de teses e dissertações referentes a estas questões em 2000, o que não se repete nos outros anos selecionados.

O eixo 2 não se distancia tanto do primeiro no que se refere à suposta dificuldade da mãe em lidar com (complexas) situações que envolvem a maternidade. No entanto, neste eixo aparece uma postura mais ativa dos profissionais que a assistem em tomar decisões por elas, além de conduzir estudos que objetivam observar a interação entre mãe e bebê para buscar possibilidades de intervenção mais direta. Na classe 2, “Aspectos técnicos relativos à mãe e à criança no puerpério”, os estudos reúnem díades mães-bebês – isoladamente ou em grupos – para observar a interação entre eles e tentar estabelecer estratégias de intervenção, ou simplesmente para discorrer sobre como este processo acontece, e se há diferenças na interação da mãe com seus bebês em função de características específicas dessa mãe (adolescente e adulta; pertencentes a diferentes classes sociais; em depressão pós-parto).

Já na classe 4, “Indução da cesárea como parto ideal”, os autores abordam o direcionamento a um tipo específico de parto, o de intervenção cirúrgica, mesmo em casos nos quais isso não se afigura necessário para a preservação da saúde do bebê e/ou da mãe, contrariando, portanto, a indicação do Ministério da

Saúde. Os autores relatam sobre as condições brasileiras que induzem ao alto índice de cesáreas e investigam as causas e motivações dos profissionais ao indicar esse tipo de intervenção.

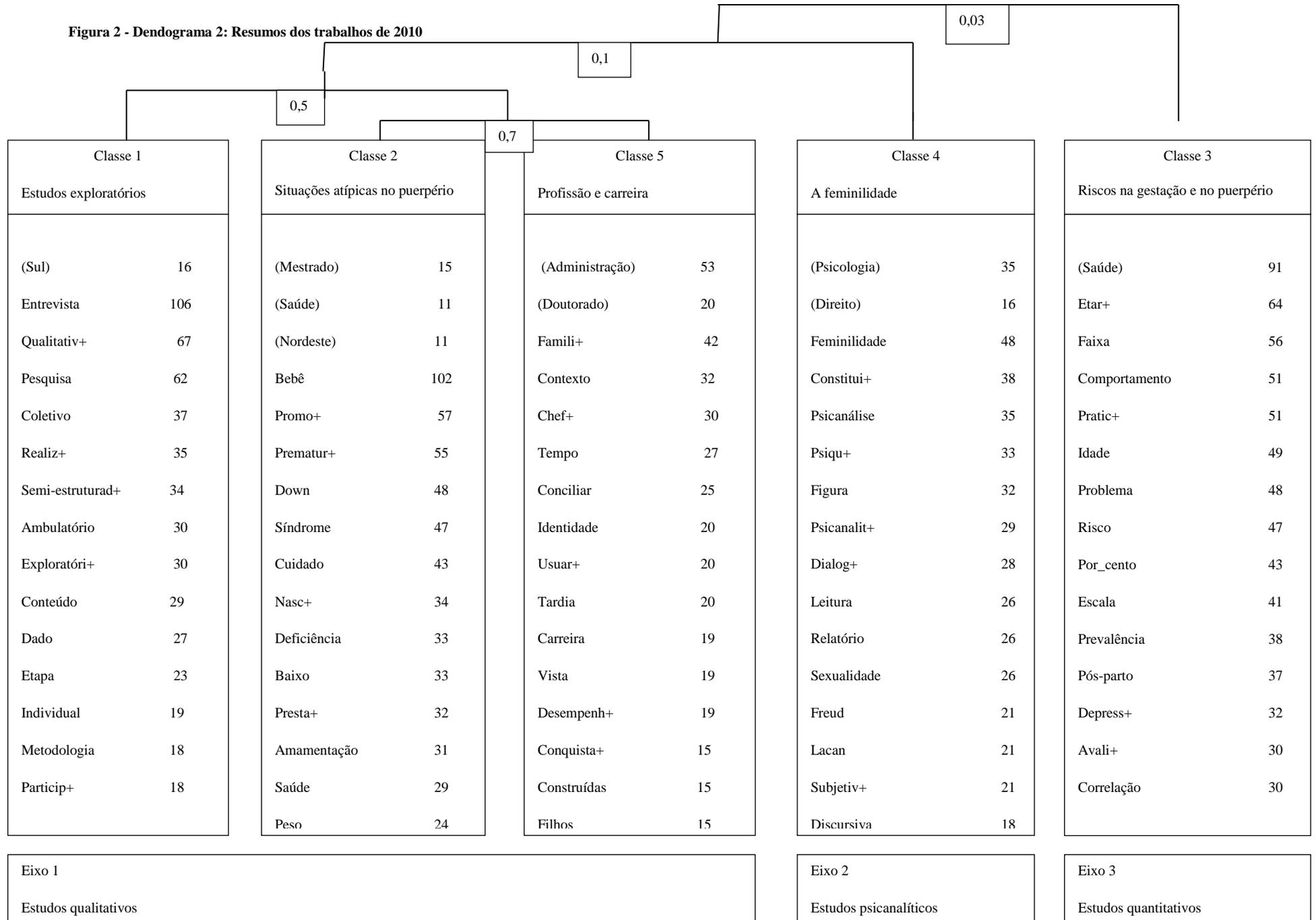
Em 2000, portanto, os trabalhos retratam uma mãe que enfrenta dificuldades, privações e é pressionada em suas escolhas, além de ser considerada alguém que precisa de assistência, profissional ou não, para vivenciar situações que envolvem a maternidade. Ela também aparece sozinha, o pai quase não é mencionado, e quando se faz menção a ele, não é pela participação em processos decisórios, ou pela divisão dos cuidados em casos específicos, mas sim por sua ausência, o que caracteriza elemento potencializador da decisão de mulheres realizarem tentativas de interrupção da gestação por abortos clandestinos, segundo os estudos que trataram sobre o tema.

Em 2010 foram constatados trabalhos de novas áreas interessadas pelo tema da maternidade, sendo 65 as dissertações e 19 as teses defendidas, dentre os 84 estudos selecionados. A área da Psicologia proporcionou quase a metade deste número (40), seguida pela área da Saúde (23). Também estiveram representadas as áreas de Administração (4), Antropologia (4), Direito (3), Educação (2), Ciências da Religião (2), Comunicação (2), e Serviço Social, Economia Doméstica, História e Lingüística, com apenas um trabalho em cada uma delas.

A análise dos resumos resultou em um dendrograma mais associado às características acadêmicas dos trabalhos, com a divisão dos eixos relacionada às características metodológicas e/ou teóricas dos estudos realizados. Em

comparação com estudos da década anterior algumas questões que envolvem a maternidade se repetem, enquanto outras desaparecem, além de novas questões que emergem, conforme mostrado a seguir.

Figura 2 - Dendograma 2: Resumos dos trabalhos de 2010



Os dados foram organizados em cinco classes, três delas (classes 1, 2 e 5) vinculadas a um mesmo eixo temático, indicando proximidades em termos de compartilhamento de elementos, e as outras duas classes vinculadas a dois eixos adicionais, independentes entre si. O eixo 1, “Estudos qualitativos”, compreende três classes que reúnem trabalhos cujos procedimentos metodológicos envolveram técnicas qualitativas de coleta, organização e análise dos dados. A classe 1, “estudos exploratórios”, congrega vários termos referentes à metodologia de pesquisa qualitativa, ressaltando o caráter exploratório dos estudos aos quais se refere. Trata-se de classe que reúne elementos cuja ênfase recai sobre aspectos metodológicos e não sobre aspectos temáticos relacionados à maternidade, que aparecerão nas outras duas classes vinculadas ao mesmo eixo, como pode ser visto na sequência.

A classe 2, denominada “Situações atípicas no puerpério”, reúne estudos que tratam de questões mais específicas envolvendo o bebê, como a prematuridade, o baixo peso, a presença de Síndrome de Down e questões referentes à amamentação, revelando proximidade com as classes 5 e 2 do dendrograma anterior (Figura 1, com dados dos trabalhos produzidos em 2000), nas quais das necessidades do bebê decorre a necessidade de cuidados especiais provenientes da nova mãe.

A classe 5, “Profissão e carreira”, é constituída por termos que remetem à conciliação entre o exercício da maternidade e as vivências e consolidação da carreira profissional. São analisadas, especialmente pelos estudantes de administração, as duplas ou triplas jornadas de trabalho, os conflitos decorrentes da necessidade de estabelecer separação e, ao mesmo tempo, conciliação de ambos

os papéis (mãe e trabalhadora). A realização no espaço profissional, muitas vezes envolvendo cargos de chefia, é retratada como questão identitária importante para a mulher, associada a conquistas, mas conquistas que envolvem conflito por implicarem redução de tempo de contato e de cuidados relacionados aos filhos.

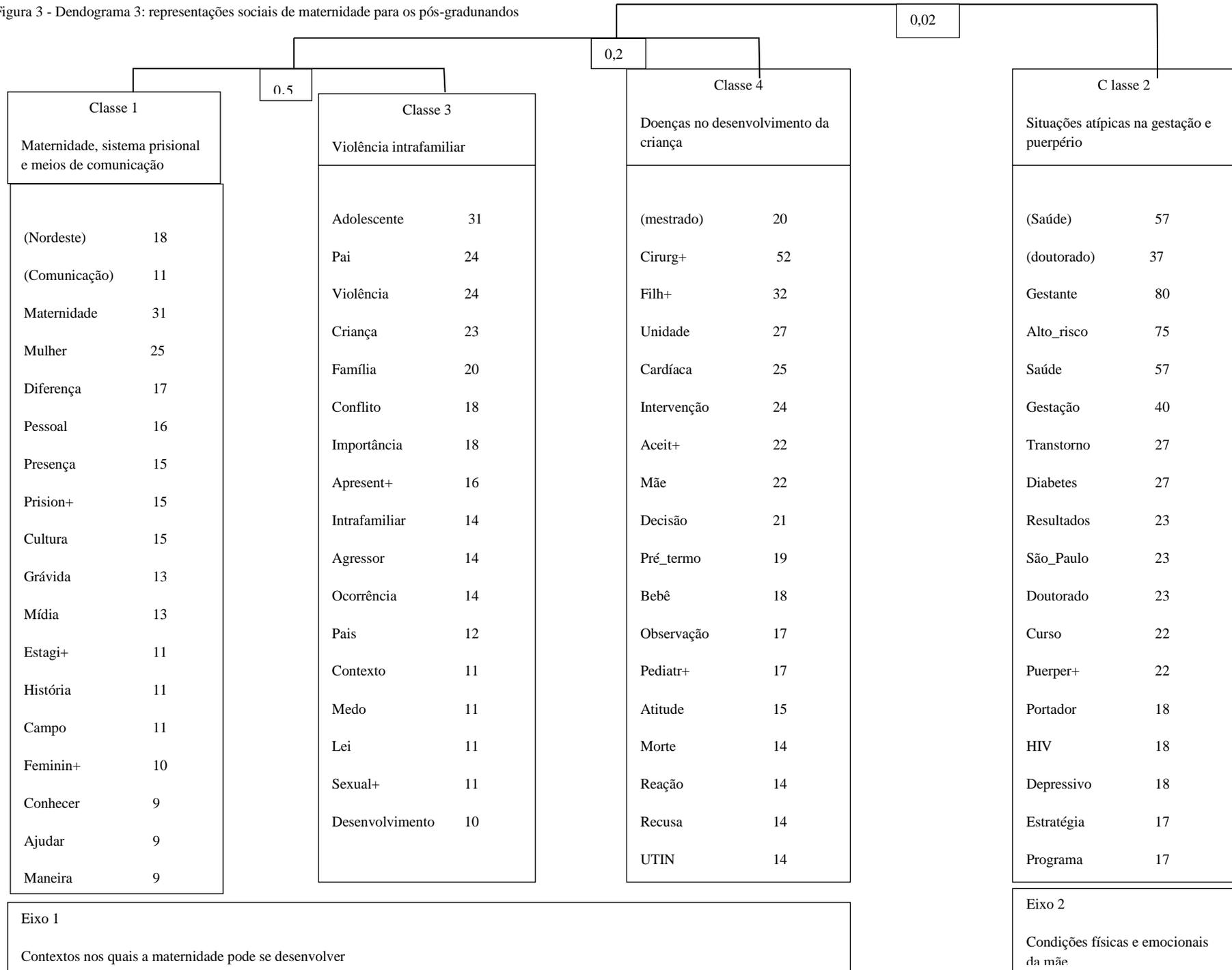
O eixo 2, “Estudos psicanalíticos”, compreende apenas uma classe (Classe 4), denominada “A feminilidade”. Resulta dos termos constantes dos estudos que apresentam como base teórica a psicanálise e que aparecem de forma expressiva no conjunto de textos produzidos em 2010. Seu foco está na análise das questões da feminilidade, que representam, para os autores, o contexto no qual a maternidade se desenvolve, por meio do olhar psicanalítico. A sexualidade é tema recorrente, e os termos “Freud” e “Lacan” são componentes importantes de tal classe, tal sua recorrência e força de ligação com os outros termos enfeixados na classe, ainda que distantes, por sua vez, das outras classes.

O eixo 3, “Estudos quantitativos”, também abrange apenas uma classe (Classe 3), denominada “Riscos na gestação e no puerpério”. Esta classe é composta tanto por elementos metodológicos como temáticos, pois além de conter palavras específicas referentes à metodologia de estudos quantitativos, reúne termos relativos à gestação e ao puerpério, momentos esses vistos como de risco, indicando as mulheres como responsáveis por tais riscos, com o que precisam, de alguma forma, lidar com eles para que o bebê que foi gerado permaneça saudável. Questões como a idade da mulher e a depressão pós-parto estão incluídas como preocupações dos especialistas da área da saúde, assim como foi revelado no eixo 2 do dendrograma anterior (Figura 1, com dados dos trabalhos produzidos em 2000).

Apesar da preocupação em especificar os procedimentos teórico-metodológicos parecer mais formalizada do que nos trabalhos anteriores, favorecendo a organização dos dados considerando estes aspectos, a maternidade agora é relacionada às questões que envolvem a vida profissional da mulher, sua identidade feminina e suas escolhas como fatores de risco para seus filhos, os nascidos, os que estão para nascer, e até mesmo os que ainda não foram gerados. A mulher permanece sendo considerada, portanto, a grande responsável pelo bem-estar de seus filhos; a partir deste momento, no entanto, suas decisões são apresentadas como de descaracterização e abandono à total renúncia pessoal e, conseqüentemente, podem ser consideradas pelos profissionais como prejudiciais a seus filhos.

A partir dos trechos selecionados das teses e dissertações defendidas em 2010, foi possível reunir um volume de dados suficiente para análise pelo Alceste. Diferentemente do material que resultou nos dendrogramas anteriores (Figuras 1 e 2), esse novo conjunto de dados refere-se às “falas” dos autores do texto, uma vez que foi tomado o cuidado de não utilizar qualquer trecho referenciado, ou proveniente dos resultados das pesquisas, mas sim das apresentações e introduções aos temas escolhidos por estes estudantes. Assim, a trajetória do pós-graduando em relação ao tema e alguns elementos de suas representações sociais ligadas à maternidade podem ser observados (serão apresentados alguns trechos dentre os utilizados para exemplificar cada classe organizada pelo *software*).

Figura 3 - Dendrograma 3: representações sociais de maternidade para os pós-graduanandos



Os dados foram organizados em quatro classes, três delas (classes 1, 2 e 4) vinculadas a um mesmo eixo temático, indicando proximidades em termos de compartilhamento de elementos, e a outra classe (Classe 3) vinculada a um segundo eixo. O eixo 1, nomeado “Contextos nos quais a maternidade pode se desenvolver”, compreende as classes que tratam da maternidade vivenciada em circunstâncias específicas, como a privação de liberdade da mãe, contexto de violência intrafamiliar e situações de hospitalização dos filhos.

A classe 1, identificada como “Maternidade, sistema prisional e meios de comunicação”, refere-se à trajetória dos autores em relação aos presídios femininos e sobre como decidiram investigar a maternidade neste contexto específico, caracterizando uma das vertentes dessa classe. Uma das autoras de um dos trabalhos sobre mães que tiveram seus filhos enquanto estavam encarceradas afirma, em sua apresentação: “interessava-me saber mais sobre elas apesar dos estereótipos que havia e há a respeito, e que eu mesma trazia comigo. A vontade de conhecer de perto e poder tirar minhas próprias conclusões foi maior que o medo e o preconceito”. Neste caso a maternidade foi escolhida como um dos temas relacionados à população de interesse da autora. Outra vertente da classe resultou do fato do processamento ter identificado co-ocorrências de termos constantes dos estudos anteriormente mencionados e de termos constantes de estudos que se ocuparam da maternidade tal como apresentada em campanhas publicitárias. Esse resultado é, de certa forma, surpreendente, mas pode refletir o espectro de variação entre condições saudáveis e ideais de maternidade e condições que, em princípio afiguram-se como inadequadas ou impróprias, no qual as maravilhosas e delicadas condições apresentadas na publicidade representam um extremo e as dificuldades e

a rudeza da maternidade encarcerada representem o outro extremo. É possível pensar que o interesse dos pesquisadores por tal temática específica da maternidade no sistema prisional guarde relação com o aumento de mulheres condenadas, principalmente por participação no tráfico de drogas, muitas vezes decorrente do relacionamento amoroso com parceiro que atua nessa mesma atividade ilícita, ou com as transformações nas regras prisionais que facilitaram, sob certas condições, a gravidez de prisioneiras, com a regulamentação da prática de visita íntima, ou ainda como desdobramento do grande interesse em torno do conceito de resiliência, cuja aplicação ao tema é viável, em mais de uma área de estudos.

A classe 3, denominada “Violência intrafamiliar” apresenta uma particularidade: é a primeira classe identificada em todo o estudo pelo software Alceste (como se pode constatar examinando as Figuras 1 e 2), na qual a palavra “pai” co-ocorre diferenciadamente com algum conjunto de termos, sugerindo importância do pai no contexto da família e da díade mãe-filho. No entanto, essa co-ocorrência se verifica precisamente com violência familiar, com o pai identificado como aquele que causa desconfortos para a família, uma vez que é um dos responsáveis por situações de violência psicológica, física e/ou sexual envolvendo a mãe e/ou os filhos. Vale ressaltar que nessa classe o(a) filho(a) pode já não estar nos primeiros anos de sua infância, mas na adolescência. A justiça intervém em favor da família, reprimindo a postura deste pai. Veja-se a transcrição que se segue:

Nesse contexto, algumas especificidades foram se apresentando em torno dessa temática, e se tornando molas propulsoras para o desenvolvimento dessa pesquisa. São questões referentes à realidade percebida sobre o

abuso sexual, ou seja, a frequência mais elevada em crianças do sexo feminino, como também uma proporção maior do abuso sexual intrafamiliar, tendo como principais agressores, pais, padrastos e avós.

Esta fala, do autor de um dos textos sobre abuso intrafamiliar, resume a preocupação de profissionais envolvidos com trabalhos de assistência às vítimas de abuso. A mãe, frequentemente, é considerada conivente por seu silêncio ou pela falta de percepção da realidade doméstica envolvendo companheiro e filhos. Essa mãe, especialmente ao abusar de bebida alcoólica, também é relatada como agressora em alguns trabalhos.

A classe 4, nomeada “Doenças no desenvolvimento da criança”, incorpora termos que indicam envolvimento dos autores em contextos de hospitalização infantil, acompanhando casos que envolviam indicação cirúrgica e possibilidade de morte da criança. Também diz respeito a situações relativas ao bebê que permanece por longos períodos na UTIN. O pai, nesse caso, aparece somente como suporte para a mãe, considerada a cuidadora principal e a quem compete a tomada de decisões quando é necessária a autorização para cirurgias de risco. A convivência com situações de hospitalização envolve o interesse dos profissionais em compreender os processos emocionais vivenciados pelas famílias dos doentes e que estão implicados em decisões importantes relacionadas à saúde dos filhos: “ela [a mãe] sabia dos ganhos e das perdas de qualquer uma das decisões, de aceitação ou recusa da cirurgia. Esse processo não foi fácil, apesar de parecer simplificado ao ser relatado aqui”.

A classe 2, referida como “Situações atípicas na gestação e puerpério”, é a única classe vinculada ao eixo 2, identificado como “Condições físicas e emocionais da mãe”. Gestações de alto risco, diabetes, HIV e a depressão pós-parto são preocupações sobre situações específicas com as quais os autores mantinham envolvimento desde a graduação ou o mestrado, considerando que a classe aborda conteúdos, em sua maioria, de doutorandos. O doutorado, a cidade de São Paulo e palavras como “resultados” também estão presentes na classe. A formação da carreira acadêmica, e o envolvimento com pesquisas desde a graduação até o ingresso no doutorado são expressos: “O meu interesse pelo estudo com gestantes se iniciou ainda durante a graduação, quando realizei como trabalho de conclusão de curso uma monografia sobre transtornos depressivos no pós-parto”.

Discussão

Algumas especificidades são observadas quando os períodos selecionados são tomados separadamente. No entanto, de forma geral as questões que envolvem a maternidade e se tornam objeto de pesquisa retratam uma mãe que precisa de auxílio profissional para exercê-la, uma vez que vive em meio a conflitos e situações atípicas e/ou inesperadas.

Os resumos do ano de 1990 foram os que mais se aproximaram do olhar integral à mãe, considerando a maternidade comum. Nesses resumos também está evidenciada a maternidade como um tempo de dedicação total da mulher, que deve exercer cuidados durante a gestação, amamentar seus bebês, interagir com eles. A mãe ainda é representada como aquela responsável principal pelo cuidado com a família e com os filhos. Na década de 1980 – à qual se referem os trabalhos

defendidos em 1990 – a mulher já havia estabelecido seu lugar no mercado de trabalho, mas as representações, incorporando as mudanças sociais lentamente, permanecem caracterizando o trabalho feminino como extensão do trabalho doméstico e o cuidado com os filhos como prioritário na vida das mulheres, ainda que o exercício da maternidade fosse percebido por algumas, já naquela época, como responsabilidade desgastante (Scavone, 1985).

A maternidade, no ano 2000, permanece descrita como requerente de profunda dedicação, porém começam a surgir estudos sobre situações específicas envolvendo a saúde da mulher e da criança. O especialista é designado como o suporte necessário para esta mãe que desconhece princípios básicos sobre como lidar com sua própria saúde, não compreendendo as possibilidades e dificuldades relacionadas à gestação quando é portadora do HIV; ou quando seu filho recém-nascido é prematuro e de baixo peso, demandando cuidados especiais em uma UTIN; ou quando nasce um filho autista ou com Síndrome de Down, implicando a vivência de situações estressantes ao tentar proporcionar estrutura apropriada à criança; ou quando apresenta depressão pós-parto e precisa interagir com o recém-nascido; ou ainda quando não decide sobre seu próprio parto, mas é induzida a acreditar que o mais conveniente à equipe responsável é o mais seguro para ela e para seu bebê. A “supermãe” (Robinson & Hunter, 2008) continua sendo a responsável por tudo, mas já não sabe tudo, não tem todas as respostas.

No ano de 2010, diferentemente do que acontece em relação aos períodos anteriores, as questões teórico-metodológicas dos estudos organizam as classes apresentadas. Estudos exploratórios retomam questões gerais da maternidade, e a Psicanálise está presente para tentar compreendê-la como parte importante da

feminilidade, partindo de seus autores fundamentais. Permanecem como alvos de interesse dos estudos o recém-nascido de baixo peso, assim como a Síndrome de Down e aparece, timidamente, o interesse pelo tema da amamentação.

Pela primeira vez os dados propiciam a organização de uma classe destacada concernente à vida profissional da mãe, especificando a necessidade de conciliar o tempo dedicado aos cuidados com a carreira e com os filhos. Os riscos na gestação e no puerpério são relacionados às escolhas das mães, como a idade tardia para gerar o primeiro filho e a possibilidade de depressão pós-parto. É possível perceber que a carreira, para a mulher, cada vez mais, assume caráter identitário, tal como ocorria, exclusivamente, com a maternidade, que agora passa a ser postergada ou mesmo ser desconsiderada por várias mulheres (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007), especialmente por aquelas que dedicam longos anos à formação acadêmica. Assim sendo, a idade das primigestas tem aumentado, e as discussões neste sentido, de acordo com alguns resumos de 2010, passam a responsabilizar as mães por supostos riscos decorrentes da decisão de se tornarem mães pela primeira vez em idade mais avançada. É interessante observar que, ao mesmo tempo em que nesses trabalhos a idade é tomada como indicativo de risco, outros estudos desconsideram ou questionam essa possibilidade (Lima, 2010), sendo o fenômeno considerado como cada vez mais natural para o tipo de organização social atual.

A repetição, o abandono e a ascensão de alguns temas de pesquisa indicam elementos representacionais relacionados à maternidade nas décadas incluídas no estudo. A interação entre a mãe e o recém-nascido é tema recorrente e remete à objetivação do início do processo de maternidade, quando a mãe gera o bebê e o

nutre, até que ele seja, fisicamente, mais independente. A maternagem tem sido imputada como responsabilidade exclusiva às mulheres desde que a vida privada foi consolidada e o amor e os cuidados maternos foram estabelecidos por médicos, moralistas e até mesmo chefes de polícia como indispensáveis e naturais, uma vez que é a mulher quem gesta, dá à luz e amamenta (Moura & Araújo, 2004). Conforme a inserção da mulher de classe média no mercado de trabalho foi ganhando força – apesar dos cuidados com os filhos permanecerem sendo considerados responsabilidade principal da mulher – surgiu como possibilidade alternativa a maternagem exercida por instituições (Maranhão & Sarti, 2007), por outras pessoas da família (Dessen & Braz, 2000), e pelo pai, que o assume em parceria com a mãe ou na ausência desta, tendo direito à guarda após a separação do casal (Vieira & Souza, 2010). Assim, a questão do trabalho da mãe emerge nos estudos e outras questões, como o filho autista ou com Síndrome de Down, que demanda cuidados mais específicos, passam de um tema bastante estudado em 2000 para um tema quase não mencionado em 2010.

Nos relatos dos pós-graduandos também podem ser identificados elementos reveladores das representações sociais de maternidade. As vivências dos estudantes em contextos específicos de pesquisa e/ou de trabalho contribuíram para que eles fossem levados a estudar a maternidade para determinada população, podendo • a maternidade ter sido o foco de interesse desde o início dos seus projetos, ou ter sido definida como foco principal posteriormente, a partir de recorte decidido por necessidade acadêmica.

A mãe é vista por esses estudantes como alguém que vivencia conflitos, dificuldades e enfrenta tudo sozinha, embora sempre haja um profissional, muitas

vezes o próprio pesquisador ou outros de sua área, pronto para auxiliá-la e ensiná-la as formas “corretas” de proceder em cada situação. Alguns elementos de representações sociais sobre maternidade identificados em outros estudos (Dias & Lopes, 2003; Sampaio, Santos & Silva, 2008) também foram identificados como parte dos resultados encontrados, não obstante outros elementos estarem ausentes, como a vinculação da identidade feminina (Borlot & Trindade, 2004) e da realização pessoal (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007) à maternidade. Os estudantes percebem a maternidade como condição que demanda intensa dedicação, ao mesmo tempo que vivenciam diretamente um cotidiano de dedicação quase exclusiva à Pós-Graduação. Em tal situação é alta a chance haver conflito entre a dedicação à formação profissional e o interesse de formação de família própria, se for considerada sua própria maternidade/paternidade. Os dados não evidenciam que ter filhos constitua demanda identitária importante, talvez porque as atividades profissionais e as de formação continuada garantam alternativas de gratificações e de reconhecimento social.

Assim, as representações sociais tradicionais acerca da maternidade para este grupo, permanecendo tradicionais, incorrem na substituição de alguns elementos. A maternidade permanece sendo associada à dedicação integral e incondicional, e por isso ela é desvinculada da identidade feminina, podendo ser adiada ou até mesmo preterida.

Nesse sentido, apesar do apelo universal que persiste em relação a ela, a maternidade passa a ser tema cuja expressão é controlada e redimensionada na vida de grande parte dos pós-graduandos, que hoje, em maioria, são jovens que concluíram a graduação e ingressaram diretamente nos Programas de Pós-

Graduação (Louzada & Silva Filho, 2005). Assim, a maternidade passa a ser tema de interesse, pois está relacionada ao contexto no qual o estudante já está envolvido, como pode ser observado por meio do dendrograma constante da Figura 3: o universo dos meios de comunicação, o sistema prisional feminino, os programas de prevenção e combate à violência doméstica, assim como o ambiente dos hospitais, funcionam, de certa forma, como disparadores da escolha do tema, estando arrolados em todas as classes termos relacionados a esses contextos.

Considerações finais

As representações sociais acerca da maternidade são cada vez menos homogêneas quando são considerados diversos grupos que as constroem e adotam. Sem desconsiderar o fato de que a mudança nos elementos mais centrais da estrutura de uma representação é processo lento e pode dar origem a novas representações, é possível perceber que transformações têm ocorrido, e que a prática, orientada pelas representações, tem sido modificada.

No contexto dos estudantes de Pós-Graduação, os trabalhos mostraram que questões tradicionais permanecem e direcionam as escolhas dos estudantes ao definir um tema de pesquisa. Foi possível perceber, ainda, que alguns elementos representacionais perdem sua força, não sendo encontrados no discurso dos pós-graduandos, o que pode indicar que sua própria vivência relacionada às questões da maternidade está acontecendo de novas formas, tendo em vista que seu contexto social também passou por transformações.

A importância de se considerar as representações sociais dos pesquisadores e profissionais acerca de determinado objeto é relacionada às decisões cotidianas

que passam por essas representações e podem beneficiar, ter efeito neutro, ou prejudicar a população relacionada ao objeto, que é dependente do conhecimento do profissional de maneira mais ou menos intensa, dependendo da circunstância. Um exemplo disso é o trabalho de Barros e Trindade (2007) com os pais acompanhantes de seus bebês internados em UTIN. As autoras perceberam que as representações sociais tradicionais de maternidade afastavam o pai da possibilidade de interação com o bebê. Da mesma forma, em todos os contextos trabalhados pelos pós-graduandos, as representações sociais de pesquisadores farão parte de suas escolhas acadêmicas e influenciarão a produção do conhecimento, e o profissional, fundamentando-se neste conhecimento, regerá sua prática não apenas por sua teoria, mas também por suas representações acerca dos objetos com os quais trabalha.

Mudanças sociais podem ser decorrentes de intervenções baseadas na compreensão das representações sociais, uma vez que, conforme salienta Jodelet (2009a, p. 695), “os modos que os sujeitos possuem de ver, pensar, conhecer, sentir e interpretar seu modo de vida e seu estar no mundo têm um papel indiscutível na orientação e na reorientação das práticas”. As representações sociais sobre maternidade, descritas como tradicionais por diversos trabalhos, são, como todas as representações, fenômenos complexos, sendo necessário considerar os grupos e as mudanças sociais contemporâneas para compreendê-las e utilizá-las de maneira a construir conhecimento científico que conduza a uma prática humanizada e de respeito ao outro.

Referências

- Alba, M. (2004). El método ALCESTE e su aplicación al estudio de las representaciones sociales del espacio urbano: el caso de la ciudad de Mexico. *Papers on Social Representations*, 13, 1.1-1.20.
- Banchs, M.A. (2011). Leitura epistemológica da Teoria das Representações Sociais: reflexões rumo a um sentido comum menos comum e com mais sentido. Em A.M.O. Almeida, M.F.S. Santos & Z.A. Trindade (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. (225-260). Brasília: Technopolitik.
- Barbosa, P.Z. & Rocha-Coutinho, M.L. (2007). Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica*, 19 (1), 163-185.
- Barros, S.M.M. & Trindade, Z.A. (2007). Maternidade “prematura”: uma investigação psicossociológica na unidade de terapia intensiva neonatal. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 8 (2), 253-269.
- Bauer, M.W. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. Em M.W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (189-217), Petrópolis: Vozes.
- Borlot, A.M.M. & Trindade, Z.A. (2004). As tecnologias de reprodução assistida e as representações sociais de filho biológico. *Estudos de Psicologia*, 9 (1), 63-70.
- Camargo, B. & Wachelke, J. (2010). The study of social representation systems: relationships involving representations on aging, AIDS and the body. *Papers on Social Representations*, 19, 21.1-21.21.
- Dessen, M.A. & Braz, M.P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 221-231.

- Dias, A.C.G. & Lopes, R.C.S. (2003). Representações de maternidade de jovens e suas mães. *Psicologia em Estudo*, 8 (num. Especial), 63-73.
- Franco, M.L.P.B. (2008). *Análise de conteúdo*. Brasília, Liber Livro Editora.
- Howarth, C. (2006). A social representation is not a quiet thing: exploring the critical potential of social representations theory. *British Journal of Social Psychology*, 45, 65-86.
- Jodelet, D. (2009a). O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Sociedade e Estado*, 24 (3), 679-712.
- Jodelet, D. (2009b). Recentes desenvolvimentos da noção de representações nas ciências sociais. Em A.M.O. Almeida & D. Jodelet (Orgs.). *Interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas*. (105-122). Brasília: Thesaurus.
- Kronberger, N. & Wagner, W. (2002). Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. Em M. B. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático*. (416-441). Petrópolis-RJ: Vozes.
- Lima, L.C. (2010). Idade materna e mortalidade infantil: efeitos nulos, biológicos ou socioeconômicos? *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 27 (1), 211-226.
- Louzada, R.C.R. & Silva Filho, J.F. (2005). Pós-graduação e trabalho: um estudo sobre projetos e expectativas de doutorandos brasileiros. *História, Saúde, Ciências – Manguinhos*, 12 (2), 265-282.
- Maranhão, D.G. & Sarti, C.A. (2007). Cuidado compartilhado: negociações entre famílias e profissionais em uma creche. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 11 (22), 257-270.
- Moura, S.M.S.R. & Araújo, M.F. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24 (1), 44-55.

- Nascimento, A.R.A. & Menandro, P. R. M. (2006). Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 6 (2), 72-88.
- Numbers, R.L. (2009). Mitos e verdades em ciência da religião: uma perspectiva histórica. *Revista Psiquiatria Clínica*, 36 (6), 246-251.
- Robinson, B.K. & Hunter, E. (2008). Is mom still doing it at all? Reexamining depictions of family work in popular advertising. *Journal of Family Issues*, 29 (4), 465-486.
- Sampaio, J., Santos, M.F.S. & Silva, M.R.F. (2008). A representação social da maternidade em crianças em idade escolar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28 (1), 174-185.
- Scavone, L. (1985). As múltiplas faces da maternidade. *Cadernos de Pesquisa*, (54), 37-49.
- Vieira, E.N. & Souza, L. (2010). Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade. *Análise Psicológica*, 4 (28), 581-596.

DISCUSSÃO DO CONJUNTO DE ESTUDOS

Ao utilizar diferentes fontes de dados e diferentes formas de coleta destes dados, os Estudos componentes do presente trabalho constatou a presença de questões recorrentes e conclusões imperativas. O universo representacional compartilhado por pós-graduandos é limitado em suas fronteiras, no sentido de permitir o trânsito de informações, expectativas e alguns desafios compartilhados entre os estudantes, bem como semelhante quando observamos as especificidades do grupo: a região geográfica e as diferentes áreas do conhecimento, por exemplo, praticamente não interferem quando o que está em jogo são as questões organizadas em torno das expectativas profissionais e da constituição de família.

Por meio dos Estudos realizados, observou-se que existe, sim, um grupo social específico, o qual opta por investir em uma carreira que demanda alto nível de formação intelectual, sendo o ingresso na profissão viabilizado somente após decorrido muito tempo de estudos e dedicação, em universo no qual diferenças de gênero mostram-se sutis, porém existentes. Para os pós-graduandos, em ampla maioria, várias questões e interesses podem permanecer em suspenso, de forma a favorecer dedicação à formação para que os objetivos sejam alcançados. Entre esses itens em suspensão está o exercício da parentalidade. Aqueles que já são pais ou mães ao ingressarem na Pós-Graduação *stricto sensu*, ou aqueles que adquirem tal condição durante este período de formação, vivenciam sobrecarga de trabalho e o sentimento de culpa por se depararem com dificuldades de conduzir os estudos de forma adequada e de estar suficientemente presentes durante o desenvolvimento dos filhos, entendendo que esses filhos sentem as ausências de

pais e mães que decorrem da dedicação exigida aos trabalhos do Mestrado ou Doutorado.

Por meio de cada Estudo foi possível enfatizar algum aspecto desta discussão, uma vez que os dados se apresentavam com maior clareza em determinadas questões dependendo da fonte de dados e do tipo de coleta realizada para sua obtenção. A figura abaixo permite observar essas diferenças.

“Agradecimentos”: dificuldades, conquistas e redes sociais de apoio de estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu*

Material produzido pelos estudantes	Material não destinado aos objetivos da pesquisa	Relatos de dificuldades, êxitos e expectativas dos estudantes referentes à inserção na pós
--	---	---

Estudantes de Pós-Graduação: características, projetos pessoais, e implicações sociais das condições em que realizam sua formação

Alunos de Programas de diferentes áreas e regiões brasileiras	Dados coletados por questionário online para a pesquisa	Informações sócio-demográficas e falas breves sobre expectativas para o futuro
---	---	--

Pós-Graduação, formação profissional e postergação da constituição de família própria: um estudo com estudantes de mestrado e doutorado

Alunos de Programas de diferentes áreas de uma IES pública	Dados coletados presencialmente por questionário para a pesquisa	Informações sócio-demográficas e evocações sobre gênero, parentalidade e carreira
--	--	---

Atividades cotidianas, representações sociais e expectativas de pós-graduandos sobre formação, futuro profissional, família e relações de gênero

Alunos de Programas de diferentes áreas de uma IES pública	Dados coletados presencialmente por roteiro semi-estruturado para a pesquisa	Relatos relacionados a gênero, parentalidade e expectativas para o futuro
--	--	---

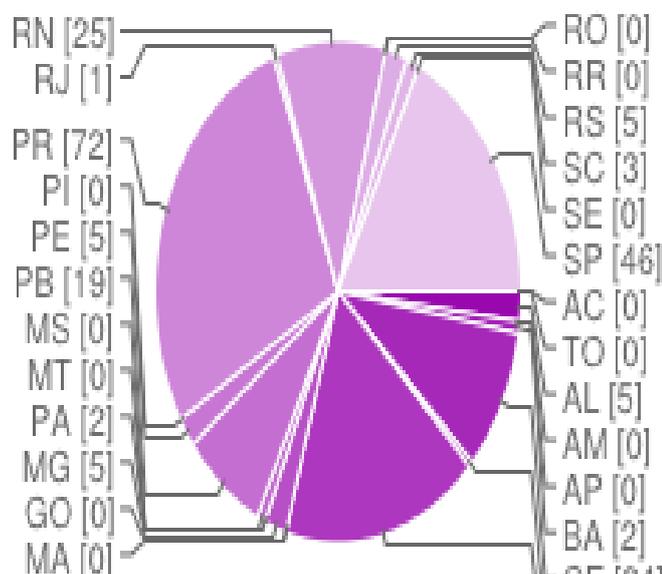
A maternidade investigada: produção acadêmica e representações sociais de maternidade para pós-graduandos brasileiros

Material produzido para avaliação de pares. Tema: maternidade	Material não destinado aos objetivos da pesquisa	Resumos e apresentações de teses sobre maternidade
--	--	--

Como podemos observar pela figura acima, dois dos Estudos realizados foram baseados em material que não foi produzido originalmente para atender aos objetivos da presente investigação. No entanto, se revelaram fontes interessantes e importantes de informações acerca do universo do pós-graduando e de suas representações sociais sobre temas específicos. Nesses dois casos temas específicos estavam em jogo, mas são exatamente temas que podem ser articulados com todos os enfoques abordados neste trabalho: a maternidade, por um lado, e por outro as dúvidas e apoios reconhecidos durante o processo de formação que marcaram, mas também amenizaram angústias e eventuais ideias de desistência. Estes dois Estudos estão localizados, no corpo do trabalho completo, abrindo e fechando as discussões.

Os outros três estudos foram produzidos por meio de inquirições diretas ao público-alvo, sendo diferenciadas as formas de coleta e a abrangência na qual os estudantes foram buscados. Assim, para o Estudo 3, o trabalho foi feito com dados coletados por meio de 260 questionários, compreendendo quase todos os Estados brasileiros, com maior ou menor representatividade, em coleta com composição de participantes não planejada, encerrada por saturação. Foi possível, ainda, contar com representantes de todas as áreas de concentração nas quais Programas de Pós-Graduação podem oferecer cursos de Mestrado e/ou Doutorado. Estes dados, não discutidos no Estudo 2, podem ser observados nas figuras abaixo:

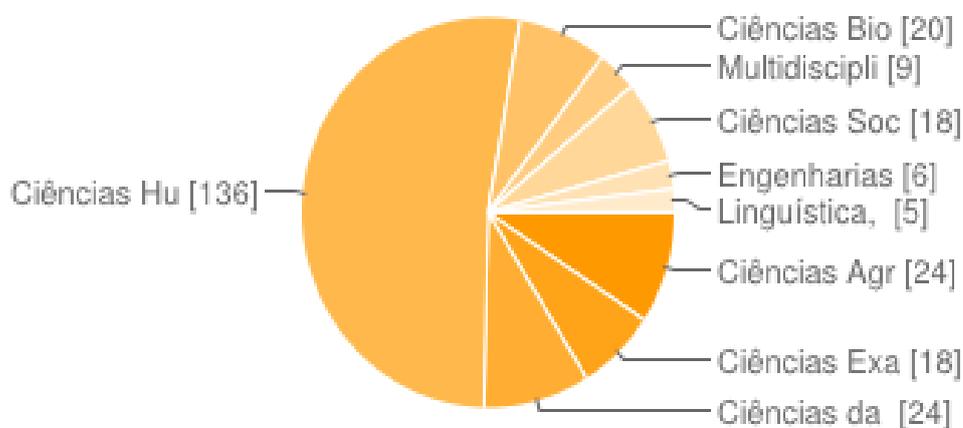
Gráfico 1. Distribuição dos entrevistados por Estado de localização do Programa de Pós-Graduação.



Como é possível observar no gráfico, alguns Estados não foram representados por qualquer participante. São Estados que sediam Programas de Pós-Graduação, mas que ainda não são expressivos nesse contexto. Considerando que tratou-se de coleta de oportunidade, é possível supor que a ausência de representantes desses Estados decorreu da fragilidade das redes de relações entre grandes grupos de pesquisa e Programas em tais localizações.

A seguir pode ser observada a Figura 2 que informa a distribuição dos participantes por grande área de conhecimento dos Programas.

Gráfico 2. Grande Área de Conhecimento dos Programas de Pós-Graduação dos participantes



Os dados encontrados nos quatro primeiros Estudos mostram a Pós-Graduação revelada pelos respondentes como contexto de expectativas, no qual todos miram um futuro estável em carreira socialmente valorizada, mas também gerador de ansiedades decorrentes de trabalho extenuante e, naquele momento, ainda pouco recompensador profissional e financeiramente. Segundo os participantes que responderam o questionário que gerou o Estudo 2, os principais motivos pelos quais o Mestrado e o Doutorado são procurados por jovens estudantes são: em primeiro lugar, a vontade de seguir a carreira acadêmica; em segundo lugar, o desejo de obter mais conhecimento ou de que ele seja atualizado, associado à tentativa de contornar as dificuldades existentes em um mercado de trabalho que apresenta restrições à absorção de indivíduos recém-graduados e inexperientes. É possível dizer, assim, que a procura pela Pós-Graduação, inicialmente, se dá pelo interesse em formação específica, direcionada a uma determinada carreira profissional, e demanda reprogramações em outros aspectos da vida dos indivíduos que se propõem a concretizá-la. Por

meio do Estudo 1 foi possível constatar que a inserção na Pós-Graduação se configura, em termos práticos, por um período de introspecção, no qual outros objetivos são colocados em suspenso, ao mesmo tempo em que as relações entre o estudante e outras pessoas são fortemente instrumentais (resultam em algum benefício para o trabalho que está sendo elaborado) ou emocionais (evitam e/ou compensam desgastes emocionais decorrentes do tempo dispendido para a formação). Já no Estudo 4, que propiciou visão mais detalhada sobre as vivências dos estudantes, evidenciou tentativas de distração por meio de hobbies, atividades físicas e de lazer, objetivando diminuir o nível de estresse decorrente das cobranças que são realizadas no processo de formação.

Outro fator comum aos quatro primeiros Estudos, que tinham como foco a investigação direta sobre o pós-graduando, foi a instabilidade profissional e financeira estendidas por quase uma década adicional em comparação ao que vivenciam seus pares que finalizaram a graduação e se direcionaram ao mercado de trabalho, atuando nas profissões correspondentes aos cursos nos quais se graduaram. Em algumas áreas, como observado no Estudo 4, o salário pode ser três ou quatro vezes maior do que a Bolsa disponibilizada pela CAPES, pelo CNPq ou por Programas Estaduais de fomento. Não obstante, os dados coletados para o Estudo 2 indicam que 66% dos entrevistados (172 estudantes) eram bolsistas no momento da coleta dos dados. Por ser considerada auxílio, e não pagamento, alguns estudantes sentem a necessidade de contar com complemento financeiro externo, sendo pais e cônjuges os mais comuns, e/ou exercer outras atividades remuneradas, principalmente após a liberação para que bolsistas desenvolvessem outras atividades sem, necessariamente, dispensar a

bolsa. Os dados do Estudo 3, proporcionalmente, se assemelham aos do Estudo 2. Neste caso, foram 65% os que se declararam bolsistas. Além disso, 44% afirmaram depender da renda de outras pessoas, enquanto 44% exerciam outras atividades remuneradas, considerando os dados sobrepostos.

Tomando como ponto de partida estas informações, foi possível compreender que ecos das questões de gênero, responsáveis, a partir das últimas quatro décadas do século passado, pelo livre trânsito das mulheres no meio acadêmico, permitindo que estas assumissem posições importantes e fossem respeitadas como pesquisadoras e professoras de cursos de Graduação e Pós-Graduação, ainda se fazem presentes. Os dados mostraram que as mulheres inseridas como estudantes nos Programas de Pós-Graduação vivenciam de forma mais aguda que os homens situações de desvalorização, discriminação e acúmulo de trabalhos e funções. Não se configuraram como alvo da pesquisa as questões de assédio moral e sexual; no entanto aparecem implícitos indícios sobre esses assuntos, especialmente nas falas das entrevistadas para o Estudo 4. Os homens entrevistados para este mesmo Estudo desconsideraram a existência de qualquer diferenciação relativa ao sexo dos pós-graduandos, porém, inadvertidamente, se contradisseram ao discutir a maternidade e a paternidade no contexto das atribuições de estudantes de mestrado e de doutorado. Nos outros Estudos fica claro que existem diferenciações de gênero, tanto no que se refere às oportunidades, quanto às relações amorosas e projetos de maternidade versus projetos de paternidade. Para aquelas que já são mães, ou aqueles que já são pais, torna-se facilmente identificável a diferenciação em termos de responsabilidades e abnegações,

sendo importante considerarmos, ainda, a homoparentalidade como condição que envolve dificuldades adicionais, uma vez que acrescenta ao quadro o preconceito e os entraves burocráticos para a concretização dos projetos de tornarem-se pais e mães.

Assim, no Estudo 3, a maternidade aparece, para as mulheres, como projeto de vida, escancarando-se as ressalvas relacionadas ao medo e ao reconhecimento do acúmulo de tarefas decorrente. A paternidade é retratada partindo-se do envolvimento do pai em atividades prazerosas aliadas ao ensino e aos cuidados básicos, permitindo que o item “sustento financeiro” esteja presente, mas não se configure como o mais importante. O Estudo 2 destaca as condições necessárias para o exercício da parentalidade, pontuadas pelos participantes, que são exatamente a estabilidade profissional e financeira, revelando uma transformação importante nas representações sociais de parentalidade, identificadas em ambos os estudos: não é necessária a existência de um casal (deixando suspensa a heteronormatividade, por se demonstrar irrelevante para esta discussão), mas é imprescindível a estabilidade profissional que, supõe-se, garantirá a estabilidade financeira, tão necessária à manutenção da criança que está por vir.

Em relação aos que já são pais e mães, fica evidenciado o conflito entre destinar tempo aos deveres relacionados à Pós-Graduação ou aos filhos, os quais se desenvolvem na medida que os estudos do Mestrado ou Doutorado avançam. Estes sentimentos, identificados de forma clara por meio dos dados obtidos para o Estudo 1, também se aplicam, nesse caso, aos cônjuges ou namorados(as), que são preteridos(as) até que a Defesa aconteça. Pedidos de desculpas e

expressões de admiração por aqueles que foram capazes de suportar as ausências naturais decorrentes do processo podem ser encontradas nos textos do Estudo. Por outro lado, participantes do Estudo 4 já experimentam sentimentos ambíguos quando começam a imaginar a possibilidade de exercer a parentalidade, visto que acarretaria perdas e potencial queda na qualidade dos trabalhos da Pós-Graduação.

Importa mencionar aqui que as representações sociais dos pós-graduandos sobre parentalidade, mais especificamente sobre maternidade, conserva elementos tradicionais, mas permitiram constatar a incorporação de alguns novos elementos provenientes de transformações relacionadas a gênero. O Estudo 5 indicou que, a partir da década de 1990, as representações sociais da maternidade, não obstante se revelarem bastante tradicionais quanto a considerar a mãe como responsável exclusiva pelos bebês durante a gestação e os primeiros meses de vida, passaram a agregar alguns elementos intrigantes, em consonância com a realidade brasileira. Uma das principais foi a naturalização da necessidade da intervenção, de forma incisiva, de especialistas nas decisões das mães sobre os cuidados com os bebês, enfatizando sua suposta incompetência para experienciar a maternidade desprovida de opiniões profissionais. Além disso, aos poucos vai se distanciando a associação entre felicidade, plenitude e maternidade. A maternidade, como verificado no Estudo 3, permanece como projeto para muitas mulheres, mas em ambos os Estudos (3 e 5), fica claro que ela pode ser compreendida como um dos elementos, não necessariamente o essencial, que podem conduzir a mulher à satisfação pessoal. A maternidade

pode ser, ainda, preterida em função destes outros elementos, sem que isso seja encarado como motivo de luto ou de frustração.

Para aquelas mulheres que planejam a maternidade, e para os homens na mesma condição quanto à paternidade, fica claro que o fator impeditivo para a concretização imediata deste objetivo é o fato de ainda não estarem vivendo situação de estabilidade (financeira e nas relações pessoais) que pressupõem inserção profissional bem-sucedida. Considerando, como discutido acima, que durante o período de curso o cenário não é favorecedor das modalidades de estabilidade mencionadas, este período tem sido experimentado, por alguns participantes, como motivo de angústias e sofrimento, uma vez que se faz necessária a suspensão destes planos enquanto o Mestrado não é finalizado, e de forma ainda mais intensa, quando se trata do Doutorado, por causa do período proposto de três a quatro anos até que seja possível a finalização. Para aqueles que já assumiram a maternidade ou a paternidade, como é o caso de alguns dos participantes dos Estudos 1, 2, 3 e 4, o sofrimento decorre da sobrecarga de trabalho originada das exigências cotidianas da Pós-Graduação, resultando em tempo escasso para a convivência e participação em atividades sociais fora de tal esfera. Essa demanda, antes exclusiva do âmbito da maternidade, atualmente corresponde a uma necessidade dos pais, como indicam as representações sociais de paternidade identificadas no Estudo 3. Observou-se, portanto, aparente incompatibilidade entre o exercício da parentalidade e a inserção e permanência nos Programas de Pós-Graduação, ainda que os filhos, neste período, continuem a nascer e permaneçam sendo parte dos objetivos de vida da maioria dos estudantes. Parte do imaginário sobre a parentalidade envolve o filho biológico,

condição que vai se distanciando na medida que o tempo dispendido na formação e, portanto, na instabilidade é prolongado. Quando a estabilidade acontece, a idade, muitas vezes já relativamente avançada, principalmente das mulheres que não foram mães durante a Pós-Graduação, dificulta a concretização deste filho biológico, sendo necessária a reconfiguração das expectativas e a reorganização pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constatação de estar diante de um grupo social de tamanho crescente e tão rico em termos de especificidades, com expectativas similares às de outros grupos na medida que envolvem a busca de estabilidade profissional futura - que no caso deve ocorrer, idealmente, no bojo da carreira acadêmica em universidade pública - obriga muito mais a arrolar questões do que a fornecer respostas seguras no momento presente.

Apesar de crescente nos últimos anos, o avultado número de pós-graduandos, paradoxalmente, ainda é baixo comparado ao crescimento da escolaridade da população brasileira. Esse fato pode sugerir, por exemplo, a preocupação de verificar se essa oportunidade de formação está disponível, de forma diferenciada, para a parcela mais privilegiada da população, para a qual é mais fácil possibilitar que seus jovens permaneçam por tempo maior distantes do mercado de trabalho, investindo em sua formação.

Também se faz imprescindível apontar que o ingresso em Programas de Pós-Graduação apenas acontece após a formação profissional, ou seja, findado o período destinado à Graduação. Ainda que o mercado de trabalho, em diferentes áreas de atuação, já esteja exigindo que o profissional se especialize (Pós-Graduação *lato sensu*), esta pode ser cursada concomitantemente ao exercício da profissão, assegurando organização financeira suficiente para o planejamento de diferentes etapas, como a união amorosa e/ou a preparação para a chegada de filhos. No caso destes profissionais recém-formados, que obtêm um emprego, ou montam seu próprio negócio, já no final da graduação, outras estabilidades se

configuram como fundamentais para as escolhas de companheiros e do momento para ter filhos, como a definição da cidade na qual o indivíduo residirá por, provavelmente, alguns anos posteriores.

Quando o foco recai sobre os estudantes da Pós-Graduação *stricto sensu*, o quadro é bem distinto do que foi delineado acima. Ao final da Graduação, esta pessoa, já profissional, permanece imersa no universo dos estudos, tentando uma vaga nos concorridos Programas de Pós-Graduação brasileiros. Ao conseguir, a segunda tentativa, muitas vezes frustrada, é por uma Bolsa de estudos que lhe permita desenvolver seu trabalho com certo nível de tranquilidade. No entanto, ainda que este auxílio lhe seja concedido, os dados indicaram a necessidade de complementação de renda, a partir de contribuições familiares ou pela via do exercício de trabalhos paralelos. Além disso, como a procura é por vagas de trabalho em Universidades públicas, como também ficou evidente nos dados, é incerto o possível local de moradia, uma vez que pode surgir concurso público em qualquer cidade de qualquer Estado. Para os jovens adultos muitas vezes já envolvidos em relacionamentos conjugais (casados ou em união estável), esta situação se torna particularmente complexa, visto que o cônjuge, na maioria dos casos, também pode ter estabelecido sua inserção profissional, que pode ser incompatível com a possibilidade de mudança geográfica. Se já existirem filhos, outros tipos de dificuldades se apresentarão.

Relacionamentos conjugais e exercício da não constituem as únicas implicações decorrentes das instabilidades associadas à continuidade da condição de estudante vivida pelos pós-graduandos. A própria formação implica altos custos com materiais e viagens para apresentações em Congressos, além

de outras formas de intercâmbios profissionais também dispendiosas. Embora alguns Programas possibilitem, cumprindo-se alguns requisitos, auxílios para as viagens, estes não cobrem os custos integrais e não estão disponíveis a todos.

O crescimento das Instituições de Ensino Superior particulares tem possibilitado a absorção de uma parte destes estudantes enquanto finalizam o Mestrado ou Doutorado, ou imediatamente após sua conclusão. No entanto, o incentivo à pesquisa nestas instituições costuma ser, salvo exceções, inexpressivo. Com isso essas instituições ficam apartadas do interesse dos jovens como ambiente para desenvolvimento de carreira, reforçando o interesse por instituições públicas, ficando a inserção em IES privadas caracterizada como uma espécie de período transitório entre a formação e a inserção em IES pública.

Ao considerar a literatura sobre o tema e os resultados do presente estudo, é possível indicar alguns pontos à guisa de conclusão. O primeiro é referente às questões de gênero. Mudanças têm acontecido em todas as esferas, e com os participantes do estudo não é diferente: a maternidade, por exemplo, não se configura mais como fonte exclusiva de realizações pessoais para as mulheres e a paternidade se configura como mais afetiva e participativa. No entanto, às mulheres ainda cabe grande parte das responsabilidades referentes à casa e aos filhos, mesmo nos casos em que estes filhos existam apenas como projetos, é ela quem precisa ponderar e avaliar melhor se é ou não possível a imersão neste universo.

Outra questão importante refere-se ao estabelecimento de um grupo social, parte da classe média, que investe anos de sua juventude em formação complementar, visando carreira específica em pesquisa e docência no Ensino

Superior. É importante frisar que não se trata de grupo homogêneo, mas expressivamente composto por jovens recém-graduados, que compartilham de representações sociais referentes aos universos do trabalho e da formação de família, vivenciando as práticas direcionadas a partir dessas representações.

São necessários novos estudos visando conhecer outros aspectos do cotidiano dos pós-graduandos. No entanto, com base nos dados obtidos, é possível sugerir que sejam revistas as formas de ingresso e de permanência dos estudantes em Programas de Pós-Graduação, considerando-se a possibilidade do estabelecimento, para esse período, que totaliza quase uma década, de garantias de direitos e responsabilidades bem estabelecidas. O impacto positivo de alterações desse teor sobre saúde física e psíquica dos pesquisadores em formação seria, provavelmente, muito expressivo. O risco de evasão dos pós-graduandos, adicionalmente, teria grande chance de ser menor – risco esse que já foi amenizado com a permissão de engajamento em outras funções remuneradas concomitantes ao recebimento das Bolsas. Ainda não há elementos que permitam estimar o impacto dos doutorados concluídos por brasileiros no exterior, que cresceram muito nos últimos anos em decorrência de novos programas governamentais de estímulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abric, J-C. (2000). A abordagem estrutural das representações sociais. Em D.C. Oliveira, D.C Moreira & A.P. Moreira (Orgs.). *Estudos Interdisciplinares da Representação Social* (27-38). Goiânia: Editora AB.
- Alonso, K.M. (2010). A expansão do ensino superior no Brasil e a EaD: dinâmicas e lugares. *Educação & Sociedade*, 31 (113), 1319-1335.
- Berquó, E. (1989). A família no século XIX: um enfoque demográfico. **Revista Brasileira de Estudos da População**, 6 (2), 1-16.
- Biazoli-Alves, Z.M.M. (2000). Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 233-239.
- Bilac, E.D. (2014). Trabalho e família: articulações possíveis. *Tempo Social*, 26 (1), 129-145.
- Bolívar, C.R. (2008). El blended-learning: evaluación de una experiencia de aprendizaje en el nivel de postgrado. *Investigación y postgrado*, 23 (1), 11-36.
- Connel, R.W. (2000). *Understanding men: gender, sociology and the new international research on masculinities*. Retirado de: http://www.europrofem.org/contri/2_04en/research-on-masculinities.pdf
- Coutinho, S.M.S. (2008). "A dona de tudo": O que é ser mulher, mãe e esposa de acordo com as representações sociais de mulheres de duas gerações. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: UFES.

- Dubs, R. (2005). Permanecer o desertar de los estudios de postgrado: síntesis de modelos teóricos. *Investigación y postgrado*, 20 (1), 55-79.
- Fonseca, C. (2004). A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA. *Estudos feministas*, 12 (2), 13-34.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Retirado de: <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=3&idnoticia=2240&busca=1&t=censo-2010-unioes-consensuais-ja-representam-mais-13-casamentos-sao-frequentes-classes>
- Gordon, J.R. & Whelan-Berry, K.S. (2005). Contributions to family and household activities by the husbands of midlife professional women. *Journal of Family Issues*, 26 (7), 899-923.
- Guareschi, P. (1994). Representações sociais: alguns comentários oportunos. Em S. Jovechelovitchi & P. Guareschi (Orgs.). *Textos em Representações Sociais*. (31-59). Petrópolis-RJ, Vozes.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. Em D. Jodelet (Org.). *As representações sociais* (17-44). Rio de Janeiro: UERJ.
- Jong, E.E.; Basso, R.A.; Paira, M.G. & García, L.E. (2004). Las representaciones sociales acerca de la familia. *Ciencia, Docencia y Tecnología*, 16 (28), 95-121.
- Lee, C. & Gramotnev, H. (2006). Motherhood plans among young Australian women. Who wants children these days? *Journal of Health Psychology*, 11 (1), 5-20.

- Lo Bianco, A.C.; Almeida, S.S.; Koller, S.H. & Paiva, V. (2010). A internacionalização dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia: perfil e metas de qualificação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23 (suplemento 1), 1-10.
- Louzada, R.C.R., & Silva Filho, J.F. (2005). Pós-graduação e trabalho: um estudo sobre projetos e expectativas de doutorandos brasileiros. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 12 (2), 265-282.
- Mansur, L.H.B. (2003). Experiências de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23 (4), 2-11.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Narvaz, M.G. & Koller, S.H. (2006). Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, 11 (3), 647-654.
- Nascimento-Schulze, C.M. & Camargo, B.V. (2000). Psicologia social, representações sociais e métodos. *Temas em Psicologia da SBP*, 8 (3), 287-299.
- Oliveira, M.A.M. (2012). Gravidez tardia: bem-estar subjetivo e percepção da gestação. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Patias, N.D. & Buaes, C.S. (2012). “Tem que ser uma escolha da mulher”! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia & Sociedade*, 24 (2), 300-306.

- Ranson, G. (2001). Men at work: change - or not change? - in the Era of the "new father". *Mens and Masculinities*, 4 (1), 3-26.
- Rillo, A.G.; Guzmán, M.E.A. & Servín, H.O. (2009). Evaluación del proceso educativo de un posgrado en salud mediante la participación de los estudiantes. *Educación Médica Superior*, 23 (4), 166-175.
- Rocha-Coutinho, M.L. (2003). Quando o executivo é uma "dama": mulher, carreira e relações familiares. Em T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Edições Loyola/PUC-Rio.
- Rocha-Coutinho, M.L. (2004). Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia da SBP*, 12 (1), 2-17.
- Rocha-Coutinho, M.L. (2007). Família e emprego: conflitos e expectativas de mulheres executivas e mulheres com um trabalho. Em T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. (157-180). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rouquette, M. (1998). Representações e práticas sociais: alguns elementos teóricos. In A.S.P. Moreira & D.C. de Oliveira (Orgs). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. (39-45), Goiânia: AB Editora.
- Sá, C.P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro, edUERJ.
- Santos, A.F., & Alves Junior, A. (2007). Estresse e estratégias de enfrentamento em mestrados de ciências da saúde. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (1), 104-113.

- Scavone, L. (2001). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface – comunicação, saúde, educação*, 5 (8), 47-59.
- Souza, C.L.C. & Benetti, S.P.C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paideia*, 19 (42), 97-106.
- Staudt, A.C.P. & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia, Teoria e Prática*, 10 (1), 174-185.
- Szapiro, A.M. & Féres-Carneiro, T. (2002). Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (1), 179-188.
- Tagliamento, G. & Toneli, M.J.F. (2010). (Não) Trabalho e masculinidades produzidas em contextos familiares de camadas médias. *Psicologia & Sociedade*, 22 (2), 345-354.
- Trindade, Z. & Enumo, S.R.F. (2001). Representações sociais de infertilidade feminina entre mulheres casadas e solteiras. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2 (2), 5-26.
- Trindade, Z.A. & Enumo, S.R.F. (2002). Triste e incompleta: uma visão feminina da mulher infértil. *Psicologia USP*, 13 (2), 151-182.
- Urwin, P. & Di Pietro, G. (2005). The impact of research and teaching quality inputs on the employment outcomes of postgraduates. *Higher Education Quarterly*, 59 (4), 275-295.
- Vala, J. (1997). Representações sociais - Para uma psicologia do pensamento social. Em J. Vala & M.B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia Social*. (353-367), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C. & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21 (2), 181-186.
- Wanderley, T.C. (2009). *Vivência da fecundidade por famílias capixabas - estudo intergeracional*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo: UFES, Vitória-ES.
- Willians, S. (2008). What is fatherhood? Searching for the reflexive father. *Sociology*, 42 (3), 487-502.
- Yamamoto, O.H.; Tourinho, E.Z.; Bastos, A.V.B.; Menandro, P.R.M. (2012). Produção científica e “produtivismo”: há alguma luz no final do túnel? *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 9 (18), 727-750.